







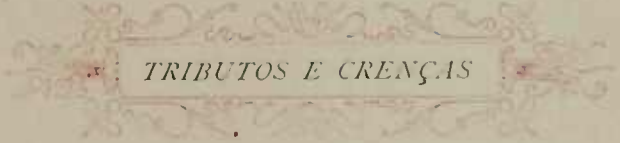
C-16
154

A Sua Magestade
a Senhora D. Maria Christina
Rainha Regente de Hespanha

homenagem


do autor

Madrid - 18 de Setembro
1893.


A decorative horizontal border with intricate floral and scrollwork patterns in a light pinkish-red color, framing the title text.

TRIBUTOS E CRENÇAS

ROZENDO MONIZ

RIBUTOS

 E 

RENÇAS



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1891

A

D. PEDRO DE ALCANTARA

EX - IMPERADOR DO BRAZIL

O. D. C.

O AUTOR

Magnanimo Principe

Não é por lisonja, nem por ostentação, que vos dedico este livro — producto das vibrações de minha alma, tributario do verdadeiro e do bello, testemunho de um passado indelevel.

Se ainda occupasseis um throno, eu não me animaria a consagrar-vos tão justa homenagem, não por vós, que a saberieis aquilatar condignamente, mas para eximir-me de malevolos commentadores, que só vêem baixeza nos pequenos enthusiasmados pelos grandes, ainda quando estes respeitam o brio daquelles.

Acima de quaesquer suspeitas, diz-me a consciencia que não sou dos appellidados sebastianistas e que, assim como não contribui para a revolução, hoje legalmente victoriosa, não tinha que apresentar-me, perante seus genuinos

promotores, adherindo inutilmente, com irrisorios transfugas.

Submetti-me, como vos submettestes, ao facto consummado, porque seria calamitosa ao sangue e á tranquillidade do povo, que tanto amaes, qualquer tentativa de restauração; porque é forçoso reconhecer que, não obstante o vosso merito pessoal, representaes uma instituição incompativel com a natureza liberrima e as expansões democraticas do Novo Mundo; porque, em summa, prefiro ás mais legitimas conveniencias de ordem individual o socego e o progresso da nossa patria.

Sem cogitar do restabelecimento dessa monarchia americana, em a qual, durante meio seculo, vos coube a gloria de reinar e governar,

por direito de herança recebida em tão verdes annos e pela conquista da estima publica, hoje posso francamente offerecer-vos este meo tributo, exiguo em seu valor proprio, mas bastante significativo na intenção que o dictou: — saudosa prova de reconhecimento a quem, no fastigio do poder, sempre se mostrou delicado, benigno e complacente para a minha rude franqueza.

Já que não está em mim reintegrar-vos em todas as venturas, restituindo-vos à patria, em cujo seio encontraríeis o melhor lenitivo à perda irreparavel da virtuosissima esposa, desvaneco-me ao menos de render sincero preito a um espirito superior a todos os infortunios.

Ante as assombrosas quedas, que servem de

ensinamento universal, a vossa attitudo silenciosa, resignada, olympica, se me afigura exemplo incomparavel nos fastos da humanidade culta.

Dos maiores vultos, que hão seduzido a fama, exercendo, por estupendos feitos, longuissima influencia na terra, se alguns foram depostos de mais alto, nenhum soube, como vós, manter-se com tanta serenidade e decencia no revez.

Tão inesperavel destituição veio enaltecer a vossa distinctissima pessoa, palentando ao mundo as excellencias de um character que não decae na adversidade.

Que factu edificante : glorificar-se o desthronado, sobrelevar-se realmente o philosopho ao rei, verificando-se dest'arte que um throno era

insufficiente para salientar a vossa individualidade excepcional!

Tudo fizestes a bem da causa publica, emquanto fostes o primeiro sobre tantos estadistas, que vos exaltaram por ambição, ou vos deprimiam por despeito.

Não admira que cedesseis à força ineluctavel dos acontecimentos, quando estaveis tão falto de prestantes collaboradores, e o peso dos annos, aggravado por insidiosa molestia, só vos obrigava a ininterrupto descanso.

Se vos despiram a purpura, não desmerecesteis da alleza intrinseca. Se vos tiraram o sceptro, não vos tolheram essa bondade irresistivel, que tanto captou as atenções de homens da estatura intellectual e moral de Lamartine, Hugo, Agassiz, Manzoni, Darwin,

Alexandre Herculano, F. Wolf, Schœlcher, Gladstone, Frank, Julio Simon, Dumas Filho, Pasteur, Charcot e Rénan. Se vos afastaram do patrio solo, não vos arrancaram do fundo d'alma os puros sentimentos de patriota inexcedível.

Descestes do throno para subir ainda mais no apreço das summidades contemporaneas.

Tanto avullaes na acceitação do soffrimento, que não careceis de encomios e condolencias, porquanto, sob os designios do Altissimo, vos acompanha e recommenda por toda a parte uma autoridade indefectivel: a justiça da historia.

Vejo-vos de longe tão grande e tão venerando, sem o minimo acinte ao novo regimen desta futuração nação, assim como de perto

estou vendo as peripecias da revolução que vos destronou e acaba de ser affirmada pelos immediatos representantes do povo.

Perdestes a corôa, mas creio que não perdestes o direito de exhalar o ultimo suspiro na terra que vos foi berço.

Confrontando os dous principes, acho ainda mais cabivel em vós do que em Carlos Alberto o verso eloquentissimo de Mendes Leal:

Mais rei no exilio do que os reis no throno.

Outro fosseis vós, e poderieis, indignado, repetir as imprecações do Rei Lear, tão palpitanes de verosimilhança nestas palavras, escriptas pelo vigor assombroso de Shakspeare:

« Cataractas do ceu, jorrae em torrentes, até que as grimpas das torres se tenham

submergido nas vagas! Relampagos sulphurosos, rapidos como o pensamento, precursores do raio que esmigalha os robles, queima-me as cans! E tu, ó trovão, que tudo abalas, achata de todo a esphera terrestre, despedaça os moldes da natureza e, de subito, dissipa os germens productores da ingrata humanidade!»

Se fosse tão facil transformar-se um imperador em presidente de republica, assim como tem sido possivel a caudilhos e adventicios o assumirem a dignidade imperial, nenhum, tão bem como vós, se prestaria gloriosamente a essa pasmosa transformação.

Abstrahindo, porém, do rei que se foi, para concentrar-me no patriota que ficou — moralmente ligado a todos os eventos de tão largo

periodo da vida nacional — não tenho de que exprobrar-me, nem me assustam censuras de velhos e novos abyssinios, por este meu acatamento à pessoa de um ancião, proscripto, enfermo e incapaz de rebellar-se contra os decretos da Providencia.

Em que peze a tantos pobres de caracter, felizmente ainda ha no Brazil muita gente incapaz de amesquinhar esta manifestação. Ainda agora me impressiona e exemplifica o nobilissimo protesto da hombridade do Sr. Fernandes da Cunha, ex-senador pela Bahia.

No genuino systema republicano abre-se espaço a todas as expansões decorosas.

Dispondo de plena luz em plena liberdade, mostre-se cada cidadão tal qual é.

Assim procedo, neste momento.

Educado na crença em Deus, no amor à patria, e na benevolencia para os meus semelhantes, sinto-me feliz perante a minha consciencia, por deparar-se-me este ensejo de pagar, com a moeda que me é propria, um pouco do que devo, não ao soberano a quem se dobraram todas as potestades deste admiravel paiz, mas ao brasileiro prototypo de civismo, paciencia, abnegação e probidade.

Qualifiquem-me os intolerantes como lhes aprouver, comtanto que me não atinja a pecha de ingrato.

Faço votos para que este livro, opportuno emissario de saudades, chegue a encontrar-vos tão revigorado na saude, quão sincero almejaes o florescimento da novissima Republica.

*De accordo com o expressivo proverbio, que
nunca dêsconhece a real valia de quem a teve,
subscrevo-me*

de Vossa Majestade

reverente admirador e grato compatricio

Rozendo Moniz Barretto

Rio de Janeiro—Abril de 1891



PRIMEIRA PARTE

DEUS

Tout l'univers est plein de sa magnificence

Lamartine

A PERSCRUTAR-TE a origem não me illudo,
nem a temer-te as iras me atormento.
Supremo bem, aspiro-te, sedento,
sempiterno poder, em ti me escudo.

Se, entre caudaes de luz, contemplo e estudo
os prodigios que abrange o firmamento,
graça infinita, attraes meu pensamento,
adoro-te, principio e fim de tudo !

Que templo o Kosmos! que fervor intenso!..
Cada orbe é thuribulo que exhala
de culto universal perenne incenso!

Quando á materia o impio se avassala,
surdo á razão que dos teus dons lhe fala,
dentro d'alma eu te avisto, ó Deus immenso.



SYNTHESE

FILHA do Verbo, a luz anima o espaço
e myriadas de orbes patenteia !...

Da Creação no pródigo regaço
— dos seres brilha a universal cadeia.

No recanto da terra mais escasso
— pedra, planta, animal — tudo se enleia !
De espirito e materia — em vivo laço —
forma-se o homem... do homem brota a ideia !

Os dominios penetra mais profundos
o pensamento, a procurar o élo
que o prenda á vida em jubilos fecundos...

Para satisfazer a tanto anhelos,
Deus, expandido na amplidão dos mundos,
na graça da mulher resume o bello.



AVE, MARIA !

I

NAS livres azas da prece
que ao throno infinito vòa,
caia a noite ou surja o dia,
jámais a crença arrefece
do mundo, em que tanto echôa
este hosanna : Ave, Maria !

— Ave, Maria — é o hymno
que do terrestre murmurio
se destaca ;— Ave, Maria —
é sempre o mote divino,
que, no paço ou no tugurio,
ternos peitos extacia.

Ave, Maria! — a dilecta
phrase da viva esperança
que, de almo lume repleta,
ante revezes não cança.

Exclamação derradeira
de labios que a morte esfria,
almas leva ao céu, fagueira,
esta idéa — Ave, Maria! —

Ave, Maria!... E' o canto
de escravos ledos do altar,
que fruem celeste encanto
na paz do templo ou do lar.
Ah! que enlevo! E para tanto
basta só pronunciar,
na mais suave harmonia,
este sacro — Ave, Maria! —

II

Salve, Mãe de Jesus, virgem superna,
rainha das rainhas,
pomba da fé, cheia de graça eterna,
que lá no céu te aninhas!

Thesouro immaculado, que concentras
 mil glorias infinitas,
com que doçura irresistivel entras
 nas almas que visitas !

O peccador que em culpas m̃il se mancha,
 se, alfim, te reconhece,
mil castellos satanicos desmancha,
 armado pela preçe.

O nescio atheu, nas vascas da agonia,
 se o teu nome solétra,
sente n'alma raiar-lhe o eterno dia,
 e assim no céu penetra.

D'esta vida através de agros escolhos,
 do mal ante as procellas,
mais aclara um volver só de teus olhos
 que esses milhões d'estrellas.

Refugio da innocencia, mão piedosa,
 um só de teus acenos
burla dos grandes a cubiça irosa
 contra a paz dos pequenos.

Ah ! quanto alcanças, divinal caricia,
da orphandade em proveito !
— Rosa em casto vergel — a pudicia
medra em virgineo leito...

Cresce a engeitada, que, a esmolar, periga
neste asylo de abutres ;
mas, de belleza veste-se a mendiga
sob a graça em que a nutres...

E logo escravos supplices disputam
a pobre encantadora,
e pela pobre os opulentos lutam
na paixão que os devora.

Gloria a teus dons, ó Mãe das mães clemente,
que velas, noite e dia,
pela honra da miscra innocente !
Gloria ao pudor, Maria !

Roga por nós ao Martyr do Calvario,
teu Filho tão chorado,
que teve o teu regaço por sudario
nos antros do peccado !

Roga por nós, amor que nos deixaste
seraphico luzeiro
nas lagrimas de sangue, que ajuntaste
ao sangue do Cordeiro !

Se em deicidio envileceu-se a terra
na barbara Judéa,
só porque estás no céu, já não aterra
os homens esta idéa.

Basta um suspiro teu de condolencia
em prol da humanidade,
para que em ondas e ondas de indulgencia
se banhe a christandade.

Rosa divina e perennal de Maio,
que perfumas o Emyreio,
toma dos crentes no ultimo desmaio
os prantos do martyrio !

Recolhe as doces lagrimas, que saltam
dos olhos peregrinos
de anjos da terra, que a teus pés se exaltam
em fervorosos hymnos !

.. II ..

Tua constancia em nossas almas entre,
sentinella da Cruz,
pelo bemdito fructo de teu ventre,
pelo amor de Jesus !

III

Gloria á prece ! Ao terreo brado
responde a eterna harmonia :
— Gloria ao antro do peccado,
que murmura — Ave, Maria !

Maio de 1874.



O AMOR

AMOR, sublime emanção do Empyreo,
dos abysmos da terra aos céus ecôas !
mundos de luz descobres e povôas !
Amor, és para o morto o eterno cirio,

Amor, nutre-se o bello em teu delirio
e com elle os tyrannos atordôas...

esmigalhas algemas e corôas!..

Amor, gera se a gloria em teu martyrio.

Amor, és da sciencia o pesadelo ;
tens o fulgor que assombra o pensamento ;
prendes heróes n'um fio de cabello !

Amor, seculos vences n'um momento ;
dás com teu fogo, que se atéa em gelo,
vida e morte — no gozo ou no tormento.



A' MINHA MUSA

Se o futuro atirar-me algumas palmas,
as palmas do cantor são todas tuas.

Casemiro de Abreu.

SEMPRE a mesma, indefinivel
e intangivel,
sem que te afastes de mim !
Tanto imperio é pouco ainda,
musa linda,
que me governas assim ? !

Quem hoje sou !... Quem eu era !..
Qual a cera,
amoldei-me a teu querer.
Este anhelô, em que me prendo,
vae crescendo...
è só procura crescer !

Em ti a impavida pomba
livre zomba
de mim — captivo leão ;
e, de amor no ledô engano,
já me ufano
da interminavel prisão.

Perto ou longe, alegre ou triste,
quem resiste
á graça que mora em ti ?
Quando ella ás vezes me afaga,
por bem paga,
dou a isenção que perdi.

Se ha' vontade que recusa,
casta musa,
entrar contigo nos ceus,

que ordenarás, que eu não queira,
 feiticeira,
maga luz dos olhos meus ?

Se em visão maravilhosa,
 vejo a rosa,
nos teus labios me sorrir,
da esperança encontro a chave,
 que, suave,
mil venturas vae me abrir.

Quando, minh'alma abatida,
 contra a vida
em scismas lugubres cáe,
só da morte me desvia
 a magia
de tua voz que me attráe.

Bemhaja o celeste aviso,
 paraizo
que os meus ouvidos seduz !
bemhaja o sonoro encanto,
 que, tão santo,
ao prazer me reconduz !

Bem vês que o poeta, ó musa,
 não te accusa
por ter perdido a isenção.
Do teu poder não me agravo :
 sou escravo
que bendiz da escravidão.

Mas, divina mensageira,
 feiticeira
que tão rendido me tens,
não me obrigues a queixumes
 por ciumes ;
nem me humilhem teus desdens !

Adorada peregrina,
 illumina
meu estro com teu fulgor !
Timbra em livrar-me de espinhos,
 nos caminhos
que me levam para o amor !

De arroubos, que em mim produzes,
 não abuses ;
não me arrastes para o mal !

luz, não enganes meus olhos !
sobre escolhos
não me percas, meu phanal !

De vans fadigas ao termo,
triste enfermo,
não me abandones, *huri!*
De volta ao sidereo abrigo,
va commigo
a graça que mora em ti.

Mas, d'esta patria florente,
moço e crente,
inda me voto ao porvir ;
da existencia transitoria
inda a gloria
vem meus enlevos nutrir.

Inda me tenta este mundo
no jocundo
rosto de Venus christan ;
inda adoro a natureza
na belleza
que excede a deusa pagan.

E' cedo ! Ante sol tão pulchro,
do sepulchro
não me entrego á fria paz ;
afugento atras lembranças
nas bonanças
que o teu sorriso me traz.

Vem, musa ! abraça-me, ó diva !
dá que eu viva
em teus braços a sonhar !
e assim minh'alma entretida,
n'outra vida
possa contigo acordar.



O PENSAMENTO

AO GRANDE PENSADOR DR. A. FERREIRA VIANNA

QUANDO, entre montes de ouro, apathica se encerra
a opulencia, nutrida á custa da pobreza ;
quando, acintoso ultraje ás leis da natureza
a audacia infrene, atroz, de impunes reus me aterra

quando, á sombra da paz ou no estridor da guerra,
aos pequenos impõe-se ephemera grandeza,
e eu, por não succumbir de horror ou de tristeza,
olhos e ouvidos fecho ao mal que vae na terra ;

mais rapido que a luz, mais forte que o oceano,
a salvar turbilhões e abysmos, n'um momento,
me levas atravez do campo sobrehumano !...

Invisivel corsel de indomito ardimento !
Vences o espaço e o tempo !.. alfim, no eterno arcano,
vaes cahir ante Deus, que te ergue, ó pensamento !



AVANTE

CANTICO INSPIRADO PELA INAUGURAÇÃO DO TELEGRAPHO SUBMARINO

A electricidade começa a ligar as cidades mais importantes d'este Imperio, como o patriotismo reúne todos os Brasileiros no mesmo empenho pela prosperidade de nossa magestosa patria.

*Telegramma do Imperador
às Provincias do Norte.*

TAMBEM n'alma do pobre e humilde bardo
cabe o prazer que, intenso, abrange povos
nas conquistas da paz. Gloria á potencia
do sempiterno Autor, que assim permite
reflectir-se no atomo animado
da idéa o lume que transcende os évos.
Não fôra Deus a omni sciencia eterna,
se de arêa no grão, na gotta de agua,
não fulgurasse o mesmo sol que inunda
de luz o mar, a selva e a cordilheira.

Da seiva americana alimentado,
meu estro, abre-te em flôr nas pandas azas
da livre imprensa, a transmissora augusta,
que n'um livro immortal, obra do genio,
póde encerrar o espirito de um povo.

Cantem outros a guerra e seus impulsos.
Almas propensas ao furor dos prelios
a deusa adorem, cujo altar se erige
em montões de cadaveres; celebrem
a triste gloria que provém do arrojo
com que irmãos contra irmãos se despedaçam ;
gabem a fama que nasceu da morte
— horrisona e vaidosa — contra os homens
loucamente buscada pelo orgulho
prompto a afogar-se entre caudaes de sangue !

Eu não ; ledo conviva do futuro
no banquete da vida, hoje festejo
o labor que aviventa ; a acção perenne
das victorias pacificas da industria ;
o escopo em que o talento se enaltece
quando, afanoso a propagar o ensino,
aos carceres oppõe francas escolas ;

a equidade exemplar que para todos
fornece o pão do espirito ; as bisarmas
da lei prudente que, abrigando berços,
as raizes destróe do captiveiro ;
a força, enfim, do pensamento ardido
que, ampliando os dominios do commercio,
annulla imposições da agua e da pedra,
e no vapor os braços allivia
da adamitica prole ; emquanto a audacia
de alguns pretensos arbitros da terra,
conflagrando as nações, em vans porfias,
povos arrasta a infindas hecatombes.

Sus! heróes incruentes do trabalho,
não trepideis ; a marcha é de triumphos !
Nobres cultores, que aditae a patria,
na gleba do porvir a messe é grande.
Emquanto galga as espiraes da serra
o cavallo dynamico arrojado,
a topetar nas nuvens, sobranceiro
aos minazes abysmos que murmoram
sob os medonhos alcantis da brenha ;
emquanto o invento de Papin e Fulton,
sobrelevando ao passaro altaneiro,

chega a Friburgo, por Ceniz brasileiro,
para ajudar a próspera lavoura ;
enquanto sobe o vaporoso carro
que os desertos povôa e que as florestas
em cidades transforma, oh maravilha,
desce ao leito do Atlantico profundo,
em portentoso cabo, o fio immune
de rigores das horridas procellas
que têm propicio complice no espaço !

Que enormes bens terás em breve, ó patria,
quando, alfim, a metallica serpente,
incolume aos tufões, atravessando
a vastidão do pelago assanhado,
prender-se pela cauda ao velho mundo !
Então, por laço electrico, invisivel,
podendo conversar numa linguagem
mais rápida que o som (¹) dous continentes
hão de contar, em mutuo regozijo,
as pulsações unisonas, continuas,
da social, benefica energia !

Do Norte filhas, que em ditoso Imperio
valem por joias de corôa immensa,

já tres provincias no estupendo fio
as expansões confundem jubilosas,
e, protestando amor á paz de um throno,
em pensamento, por encanto, applaudem
o rei que as visitára em pensamento.
Gloria á scentelha a conduzir affectos
que de um paiz na historia se eternisam !
Gloria ao prestante rei, que em prol do Estado,
tanto acompanha aspirações do seculo,
quanto as inflúe a milagrosa chispa.

Oh ! fructos da fecunda liberdade,
quanto amargaes á tyrannia esteril,
que affronta os Galileus, condemna os Dantes
e os Colombos maldiz ! Com ella — escrava
de erroneas theorias e medrosa
da propria sombra — as aguias da sciencia
onde iriam cahir ? ! Com ella ao nada
iriam ter excelsos bemfeitores
da terra — Newton, Franklin, Maury, Lincoln !

Avante, meu Brazil ! E' Deus quem traça
teu caminho. Gigante americano,

avante! avante! A verdadeira gloria,
absorta em teu vigor, segue-te os passos
entre as cultas nações, maravilhadas
do raro ardor que generoso entranhas.

No teu progresso mais avulte a America
por naturaes thesouros, que derrames
no outro hemispherio, em mercantis permutas.
Não tardará que a magistral Europa,
sentindo de mais perto os teus influxos
transmittidos na magica scentelha,
chegue a pedir-te — em paga dos famosos
recursos d'arte que te ensine ufana —
vida e calor nos almos incentivos
que presta a natureza á mocidade,
emquanto os nega á lucida velhice!

Ao trafego assombroso das idéas,
nutrido pela imprensa entre os dous mundos,
mais e mais aproveite o magno invento
do immorredouro Breit. Embevecidos
no doce enlevo da concordia santa,
Americanos e Europeus eguale

.. 27 ..

o conductor electrico dos factos,
mensageiro subtil, filho do raio,
e repentino suppressor dos mares,
a bem de povos que o progresso aduna.

Rio, 1º de Janeiro de 1874.



CONFRONTO

QUE semelhança, quando tenho ensejo
de adorar no teu corpo as fórmãs d'ella,
o garbo, o meigo olhar, o ardil d'aquella
rosea bôca a negar-me o ceu n'um beijo!

Se entre as duas padece o meu desejo,
não posso decidir qual é mais bella.
Maravilhas do marmore ou da tela
— em tudo tão eguaes — não ha, não vejo.

N'ella e em ti, duplicata peregrina,
os sentidos me prende a excelsa obra
do mesmo auctor, da plastica divina.

Mas, só te falta o que ella tem de sobra :
— No falar, que os ouvintes illumina,
o espirito vivaz que as almas dobra.



A ESCOLA

AO PRESTANTE EDUCADOR DR. ABILIO CESAR BORGES

A escola é pródigo ninho,
escola é templo de amor ;
dão-lhe luz, vida e carinho
patria, as mães, o Senhor.

Thomas Ribeiro.

P
ARA as victorias do espirito,
pelas conquistas do ensino,
faz-se gigante o menino,
na escola faz-se a nação.
E' a escola um ninho de aguias
do bando chamado povo.
Deus um mundo sempre novo
abre na escola á razão.

Na emulação dos discipulos,
e dos bons mestres no exemplo,
como phanal, como templo,
a escola serve ao porvir.
Redobre do culto o estímulo ;
haja mais luz, mais accesso
ás cruzadas do progresso,
no incessante progredir.

O sagrado lapidario
vejo no mestre prestante ;
e o mais bello diamante
vejo no alumno exemplar.
Pague as fadigas do artifice
a joia que mais fascina ;
da intelligencia a officina
não cesse de trabalhar.

Se vejo — animados passaros —
tão alegres na gaiola,
tenros amantes da escola,
que no livro bebem luz,
digo : « Bem hajam os jubilos
de estudiosas crianças !
Oh ! que enxame de esperanças
n'esta escola me seduz ! »

Das escolas pelo numero
avalia-se a potencia
das armas da intelligencia
em florescentes nações.
Rara vez falha este calculo
a quem mede, attentamente,
das escolas pela enchente
a vasante das prisões.

Armem-se embora de exercitos
contra os povos os tyrannos ;
influindo os proprios damnos,
com estes hão de morrer.
Viveiro de heróes — augmente-se
a escola, em vez da caserna.
Gloria ao poder que governa
os povos que sabem ler.

Pouco aproveitam os codigos,
menos conseguem reformas
das que se inculcam por normas
da harmonia social,
se mais franco o pão do espirito,
em mais escolas, não querem
os bemfeitores que adherem
á concordia universal.

Quão grande a patria de Washington
na expansão do livre ensino !
e que viver pequenino,
na terra de Santa Cruz !
Que natureza tão prodiga,
e que apathia ! O embaraço
não é a falta de espaço ;
é só a falta de luz.

Que mudanças infructíferas
na alta ou na baixa do censo,
se, em posse de solo immenso,
povo inerte se mantem !
E querem que avance o automato
com forças proprias e tino ;
que o nescio, á mingua de ensino,
o mal distinga do bem !

As descrenças mais anarchicas
são filhas da ignorancia.
Como impedil-as ? Na infancia
guardam-se os germens fataes.
Seja o bom livro — antiseptico
para a gangrena — anarchia ;
seja a escola — enfermaria
contra as doencas moraes.

De males que horrivel synthese
em quem vive ignaro, a esmo,
encarcerado em si mesmo,
no captiveiro peor !
Que inercia dentro do cerebro !
em torno que atra barreira !
Onde mais triste cegueira ?!
onde infortúnio maior ? !

Dos genios mais antitheticos
forma-se lucida fonte ;
seja Platão, seja Comte,
seja crente, seja atheu.
Mas, que aridez, que ermo o espirito,
sem litterario sustento !
N'esse inculto pensamento
morre, aniquila-se o *eu* !

Se, escrava do amor ao proximo,
pódes tanto, ó caridade,
mais consegue a liberdade
que abre caminho ao porvir.
Excelso ardor philantropico,
que para a desgraça esmolos,
emprega-te em dar escolas
á pobreza que as pedir.

Do presente ganhe o postero,
dobre de imperio a sciencia
— na attracção da intelligencia
para o sabio educador ;
seja a infancia abelha sôfrega,
haurindo seiva da ideia ;
sirva a escola de colmeia,
e o livro sirva de flôr.

Periclita a causa publica
em costumes depravados ?
Sejam taes vicios tirados
do organismo social ;
vigor simultaneo imprima-se
no coração, na cabeça ;
na escola nutra-se e cresça
a energia nacional.

Se no vapor, no telegrapho,
ao homem rendeu-se o espaço ;
se com seus musculos de aço
rochas rompe o Briareu ;
se creando industrias próvidas
e senhor dos elementos,
o trabalho honra — em portentos —
ao liberto Prometheu ;

completae, sublimes animos,
vossos recursos tão novos,
e no convívio dos povos
sirva a todos a instrução !
Inutilisc-se o carcere,
combatido pela escola.
Ricos d'alma, dae a esmola
aos que pedem d'alma o pão !

E tu, gigante da America,
tu, Brazil incomparavel,
que no brio insuperavel,
de tanto esforço és capaz,
foge da esteril politica,
do ensino alcança as victorias,
deixando cruentas glorias,
pelas conquistas da paz !



A FLORESTA

AO INSPIRADO POETA RAYMUNDO CORREA

AOS afagos do sol entrega os seios
a floresta! Que esplendida harmonia
de cores e de sons! Quanta alegria
nos da fauna e da flora almos enleios!

Livre em seus reinos, que imprevistos meios
me presta a natureza á phantasia!
Exuberante a vida se irradia
de aguas, troncos, perfumes e gorgeios!

Que expressiva e pujante magestade!
Quanta belleza, a deslumbrar-me, atesta
os dons da sempiterna pctcstade!

Que recurso, ó minh'alma, irnda te resta!
Foge dos homens, busca a immensidade,
expande-te aos effuuios da floresta!



ESTUPEFACÇÃO

AO ENTRAR NO RIO DE JANEIRO

NA terra de Moema, inestimavel terra,
quanto eu era feliz, mirando o ceu e o mar !
Mas, de repente, ao brado electrico da guerra,
da patria pelo amor deixei o patrio lar.

Os dominios transpuz do genio das proccllas
ao sorrir da bonança em ceu fulgente e azul;
e assim nas ondas vi banharem-se as estrellas,
antes de te avistar, brasilica Stambul.

Nos arcanos do mar, absorto o pensamento,
saudades da Bahia em lagrimas guardei.
Quando eu pedia a Deus plaga onde achasse alento,
Guanabara gentil, comtigo me encontrei.

N'um leito immenso de espumas
tranquillamente dormias,
e em vasto lençol de brumas
o teu regaço envolvias.
E, quando apressei-me, ancioso
de ver-te o talhe formoso,
de tocar-te os lindos pés,
pareceu-me ouvir distante
o teu pasmoso gigante,
a perguntar-me : — Quem és? —

Que vista se não engana
ante o vulto colossal,
de aparente fôrma humana
em decubito dorsal?!
Temí que iroso se alçasse
e sobre mim se arrojasse
esse novo Adamastor...
mas, aos clarões do levante,
petrificou-se o gigante
e desfez-se o meu temor.

Que panorama estupendo
descortinou-se a meus olhos!
O dia as nuvens rompendo,
as nuvens orlando abrolhos!
Dir-se-ia que n'essa hora,

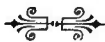
entre os effluvios da aurora,
na cordilheira e no val,
por mirifica harmonia
o ceu na terra se abria,
á luz do sol tropical.

Que pittorescas montanhas !
que hospitaleira cidade,
do oceano contra as sanhas,
contra o horror da tempestade !
Que painel bem moldurado !
Que templo no Corcovado
para erguer-se a mente aos ceus !
Aqui, naturaes fulgores ;
além, humanos labores,
e em tudo o poder de Deus !

Guanabara, a historia escuta
de sobrehumanos prodigios.
Foste a causa de uma luta,
de que vejo inda vestigios.
E' cada um destes montes
um bando de mastodontes
que disputaram-te em vão,
e hoje, aqui, pelo Infinito
reduzidos a granito,
bem servem de protecção.

Que benefica mudança
d'aquelles monstros em pedras !
D'elles houveste a pujança
e d'elles á sombra medras.
E, quando invasora armada,
contando em ti franca entrada,
tente de ti se apossar,
hão de as naves altaneiras
perder-se em torno ás barreiras
com que Deus te quiz guardar.

Mostra ao mundo quanto vales,
que a natureza te abriga
da indigencia contra os males,
contra arrogancia inimiga.
Maravilha americana,
belleza de que se ufana
a terra de Santa Cruz,
brilha em tuas alegrias,
que offuscar-te as louçanias
só cabe á divina luz.



LUZ E TRABALHO

AO BENEMERITO CIDADÃO F. J. BETHENCÓURT DA SILVA

LUZ e trabalho — eis a divisa immensa
da nova legião de um mundo novo.
Prepare-se o futuro — aguia no ovo —
ao calor do trabalho, unido á crença.

D'arvore humanidade, á luz intensa
do livre ensino, brote o são renovo.
Rico de luz, se nobilite o povo
do trabalho na santa recompensa.

Trabalhem para a luz almas que alentam
o brio do trabalho. Os beneficios
da luz — na educação — a Deus contentam.

Trabalhe a luz e vença os negros vicios.
No trabalho e na luz, que a paz sustentam,
gloria a teus bens, Lyceu de Artes e Officios !



AMOR PLATONICO

HA quanto tempo attraes-me e te acompanho
por toda parte, espirito jocundo !

Que luta em mim para esconder do mundo,
no templo intimo d'alma, amor tamanho !

Não sei se perco em ti, não sei se ganho,
quanto mais me escraviso e me confundo.
Da inspiração, qual és, o gozo oriundo
em longo olhar — no pensamento o entranho.

Manso lago que agitam frescas brisas,
assim que te ouço a voz, iman sonoro,
todo o meu ser de subito electrisas.

Se passas junto a mim, qual meteóro,
tenho ciume até do chão que pisas,
e não quero que saibas que te adoro.

VOZES DA NOITE

O MAR

VEM, formosa, não te escondas
do tributario fiel!

Amansei as minhas ondas
para embalar teu batel.

Vem! ninada por serêas,
vem sobre mim dormir!

Vem, terrea graça, que atéas
desejo ardente do mar.

Vem! oh vem! Se inda te assombras
de mim, te assombras da paz!

Vem! a melhor das alfombras
sobre o meu dorso terás.

Vem! isento das procellas
serci mudo escravo teu.

Vem! eu quero que as estrellas
— por ti — me invejem no ceu.

AS AVES

VEM! oh vem, sob os flóridos ramos
da mangueira dormir e sonhar!
Vem ouvir como á noite cantamos,
para em trinos teu somno afagar.

Vem! Nós somos o aligero bando,
que da musica eterna aprendeu
os dulcissimos sons, para quando
procurarem teus sonhos o ceu.

Vem, aurora ambulante! em te vendo,
cuidaremos que o dia raiou.
Vem! as aves estão bemdizendo
da belleza em que Deus te animou.

O VERGEL

VEM ! abrem-se magnolias
e rosas e jasmims,
para saudar-te, ó idolo,
que encantas os jardins.

Vem nos meus floeos calices
embriagar-te, *hurri!*
Em tua graça vívida
a eterna flôr sorri.

Vem confundir teu halito
com meus aromas ! Vem
encher-me de almo espirito,
que os vegetaes não tem.

Vem ! nas cecens e angelicas
terás vassallas mil.
Vem, ó primor d'America
e orgulho do Brazil !

A FLORESTA

VEM respirar a infinda primavera
no meu seio virente a resplender!
Vem! seduzida por teu passo a fera
ha de os teus pés de sylphide lamber.

Vem percorrer os meus defesos ambitos,
e festejada e incolume, pisar
em riquezas que nego aos homens avidos,
nos domínios da serpe e do jaguar.

Vem, ó corpo que as almas arrebatas,
marmore vivo a palpitar! Oh vem
banhar-te em minhas limpidas cascatas,
em que jámais refrigerou-se alguém.

Vem captivar os buliçosos zephiros,
que moram no meu fresco palmciral!
Vem honrar uma côrte de amadryadas,
nas galas da opulencia tropical.

O LAGO

V_{EM} ! a lua em mim se expande,
vem sobre mim te espelhar.
Vem ! por mais que o mar se abrande,
eu sou mais brando que o mar.

Vem, formosura ; não deixes
de ver sobre o seio meu
a garça a fisgar os peixes,
na lymphá a embeber-se o ceu !

Vem nas auras doce afago
com teus cabellos nutrir !
Vem sobre o crystal do lago,
sorrindo os astros, dormir.

O RIO

VEM! Rapido, limpido, indomito e soffego,
materno regaço na scrra deixci,
e prófugo errante, cercado de pincaros,
só para encontrar-te, meu curso alonguei.

Vem !—Ricas escravas—meu leito circumdam
as virgens florestas que vivem commigo.

Vem, animo imbelle ! pavor não te infundam
os bandos de amphibios que, prodigo, abriço.

Vem ver meus insectos e plantas e passaros
de multiplas cores, de mil condiçõs.

Vem ! quero mostrar-te jazidas auríferas,
que excitam cubiças de muitas nações.

Vem ! Dona de tantas e taes maravilhas,
entre almos effluvios de vida risonha
terás por vivendas pulcherrimas ilhas,
ó graça, que habitas cidade enfadonha !

O AMOR

VEM nos meus avidos braços
atar em perpetuos laços
a glória viva, que és tu !
Vem aos meus calidos beijos
o throno de mil desejos
entregar no collo nu !

Vem matar-me a casta sêde !
Vem ! de joelhos te pede
teu captivo adorador !
Vem fruir, commigo presa,
na mais livre natureza
mysterios santos do amor.

Vem ensinar com teus labios
o bem que de altivos sabios
jámais se deixou saber !
Vem ! por jubilos nutrida,
complete-se a minha vida
com teu insonte viver !

Vem ! esperam-te meus braços !
nelles apertem-te os laços
que para mim proprio armei !
Vem ! Se de amor, que te pede,
não matares esta sêde,
de saudades morrerei !

O ANJO DA GUARDA

AMOR, aves, vergel, aguas, floresta,
refrae, se podeis, tanta ambição,
que em fogo mais sagrado que o de Vesta
arde agora o virgineo coração.

Dorme a belleza. Placida, esquecida
de immensas tentações com que a buscaes,
no somno da innocencia a pura vida
sorri aos olhos de extremosos paes.

Thesouros nil, que prometteis, ufanos,
não valem o thesouro singular,
por mim guardado contra ardis mundanos,
na paz em que resumo o ceu n'um lar.

Silencio, natureza enamorada !
a graça, que ora influe desejos teus,
só pôde ser por anjos reclamada
para o gremio celeste aos pés de Deus.



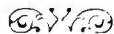
A UM MILLIONARIO

TUDO posso comprar, tudo se vende.—
Eis tua crença, ó corruptor nefario,
ó cégo d'alma, ó prole de usurario,
na febre da vaidade que te accende !

— Gloria, dever, pudor, tudo se rende
aos thesouros do prodigo argentario.—
E assim julgas o mundo o tributario
do vil dinheiro que á virtude offende.

Tens razão, tu que és idolo da sorte,
vae dominando a honra, a intelligencia,
com teu poder metallico tão forte.

Tudo alcanças, despotica opulencia !
Só não tens meio de evitar a morte,
só não possues a paz da consciencia.



Deste-me vida ás lobregas ruínas,
douto escriptor, que as sombras illumina
do meu passado. Quão fiel espelho
é-me o teu livro! Ai! nelle me contemplem
os grandes povos que a vaidade agita,
nesta vida finita.

Se ha mortallas que exemplem
á precaria e soberba majestade,
aprenda a humanidade
no castigo que attestam meus destroços,
a respeitar as leis do Omnipotente.

Qual, reduzida a ossos,
na tumba orgulhos vãos despe a beldade,
assim eu, esqueleto de cidade,
cidade delinquente,
inspiro compaixão nos meus clossos
abatidos por Deus eternamente.
Mas, tu, em cada pedra, em cada combro
de cinza e pó, com que me denuncio
aos seculos e seculos que assombro,
cravaste olhar tão fundo
que, dentro do meu tumulo sombrio,
viu por encanto recompôr-se um mundo
de mysticos prodigios!

Glória a ti, sacerdote brasileiro,
preclaro viajero,
que, da paixão divina entre vestígios,
soubeste encher de célicos thesouros
o vasto pensamento,
e com elle formar para os vindouros
n'um livro um monumento !

— Jerusalem ! Jerusalem ! Meu nome
rememora aos christãos eterna offensa.
Martyr sou que de todo se não some,
por mais que julgue o nada — recompensa.

Ludibrio de tyrannos,
de Assyrios, Persas, Gregos e Romanos,
amargurei a guerra, a peste, a fome
e as lutas da politica nefanda.

Que historia miseranda !
Rainha do Oriente,
— orgulho e paraizo dos judeus —
tornci-me, de repente,
antro de inenarraveis morticinios....
Nem me valeram torres e muralhas
contra assaltos de Titos e Pompeus !
Provei feros dominios,
depois de mil terrificas batalhas !...

Mas, sobre usurpações, sobre extérminios
infamaram-me Escribas, Phariseus !

Se em tão negro passado
ninguem por tantas dôres me lamenta,
a deicida esqueçam no sepulchro
de Deus humanizado.

Bem haja, filho das brazileas plagas,
o fervor que te alenta !

Ante a luz do sol pulchro,
a expandir-se tão soffrego nas vagas
do mar que banha a America opulenta,
leve-te a imprensa esta oblação tão véra
como o teu livro, em que o meu nome impera.



AO LUAR

QUE noite ! que de effluvios deslumbrantes
do ceu na terra ! que aura tão fagueira
mencia os leques da gentil palmeira,
beija no mar as ondas seintillantes !

Que esplendida alcatifa aos navegantes
— no pelago aplanado á náu ligeira!
De aroma e luz que mixto na mangueira
— florente abrigo de feis amantes !

Meu pensamento — mar em que fluetua
meiga esperança — influe-se numa scena
de effeito igual ao do esplendor da lua.

Qual se espelha nas aguas, que asserena,
o plenilunio, ó diva, a imagem tua
brilha-me n'alma, a dissipar-lhe a pena.



QUASI

EU quasi que não vivia,
mimosa, antes de te ver ;
porém, hoje (quem diria ?!)
em tua casta alegria
já me sinto reviver.

Ha quasi um anno que vejo
teu progredir em teu lar ;
e quanto mais te acompanho,
ás vezes quasi me acanho,
quando ao meu quasi desejo
quasi respondes no olhar.

Quasi sempre, a scismar, digo,
no intimo d'alma : — Tudo isto

que fim terá?... quando? e onde? —

E estranha voz me responde :

— Isto hoje é quasi um perigo

por quasi todos bem visto. —

E assim ando apprehensivo,

por ver que em ti me domina

quasi nada ou quasi tudo.

E's quasi moça, menina...

e eu quasi cego e captivo!...

Ai ! sinto que não me illudo,

quando, entre prazer e pena,

tenho pensamentos d'estes :

— A chrysalida é tão prestes

a converter-se em phalena !

Quando fôr moça a creança,

que tanto afagas, poeta,

adus, plena confiança

da innocencia... Foge, foge,

tonto, de ardis de Satan !

Pela chrysalida de hoje

não responde a borboleta

inconstante d'amanhã. —

Se te agastam, feiticeira,

medos tacs de um quasi louco

por tua graça fagueira ;
perdão ! que já não é pouco
empregar-se tanto affecto
num ser, como tu, dilecto
que não responde p'or si ;
perdão para a intolerancia
com que, tocando á arrogancia,
por quasi nada, condemno
minh'alma a um quasi ciume,
quando, injusto, me alieno
da gente que te sorri,
e, assim, quasi que um veneno
bebo no excelso perfume,
que aspiram todos em ti !

Inda hontem, confesso o crime,
de raiva quasi chorei,
quando por outrem, na valsa,
quasi escrava te julguei.
Bem depressa arrependi-me
de quasi suppor-te falsa,
E, na humildade sublime
que os veros crentes realça,
beijeí a flor que pisavas,
quando com outrem valsavas.

.. 61 ..

Já lá vae quasi um poema
nas impressões que recebo
da tua candura extrema,
em que tão grato me embebo.
Ai ! de pezar me confranjo,
quando ansioso me revejo
da consciencia no espelho !
Quasi é castigo o desejo
de um deserente preso a um anjo,
neste mundo corruptor !
Quasi moça e eu quasi velho !
Ter eu morrido, sem ver-te,
quasi que fôra melhor
que existir para offender-te
neste enlevo quasi amor !



RESTITUIÇÃO

AO SENADOR FRANCISCO OCTAVIANO (*)

Quem passou pela vida em branca nuvem
e em placida calma adormeceu ;
quem não sentiu o frio da desgraça,
quem passou pela vida e não soffreu;
foi espectro de homem, não foi homem,
só passou pela vida, não viveu.

F. Octaviano.

TU o disseste, e és homem. Vive e soffre
na dupla sensação de filho e pae.
Nesse vasio immenso que te opprime,
aberto assim de chofre
e resumido ás vezes por um ai,
consolar-te não vae
quem de thesouros da razão sublime
préza em tua alma inesgotavel cofre.

(*) Poesia inspirada pelo fallecimento de sua estremecida filha Violeta.

Medir não busco a pena em que te abysmas
ou te exaltas, ó puro sentimento.

Demente a creatura
que acha possível abarcar as scismas
da tacita amargura,
mais profunda que o mar no pensamento.
Sem que alheios revces te recorde,
a musa da amizade
— testemunha da magua que te occupa
em tamanha orphandade —
só descja que em lagrimas transborde
do teu pezar a procellosa enchente.
Chora ! chora !.. Na vasta catadupa,
que refrigera o tropico fervente,
transforma-se, a fundir-se, a neve algente,
pesado manto que tristonho occulta
os cabeços dos Andes.
Chora !.. Em prantos a Deus mais bella avulta
a grande dôr, que acendra as almas grandes.

Se, tão custoso filho
das enranhas da terra, o diamante
excita pelo brilho
cortejos da lisonja ao crime ovante ;
por ti vertida a lagrima, bem sabes,

é a divina perola, engendrada
nas profundezas d'alma attribulada
de lucido gigante.

Se, com tanto desgosto, já não cabes
no coração que cheio em ti palpita,
nobre espirito alija, ao menos, parte
da angustia que te agita ;
chora ! chora, e com lagrimas reparte
por teus amigos a exemplar desdita.

Não vês a sombra egregia que te assiste
ás mudas agonias ?

E' a tua outra mãe que, anciosa e triste,
aos seios te amparou, quando despiste
no empobrecido lar as alegrias !
E' a Patria, que implora lenitivos
para o seu filho aos dons da natureza,
excogitando afagos e incentivos
contra a voraz tristeza.

De Gutenberg a filha,
que a bem da liberdade impõe-se e brilha
— custodia dos direitos —
gemeu contigo em condolencia vera.
Rainha univcrsal, que em reis impera,
a altiva imprensa, espectro dos tyrannos,

sentindo enfraquecer-se nos teus danos,
sagrou-te honrosos preitos
e disse-te a saúde : Crê e espera ! —

Mas, nem a Patria, nem solemnes provas
de publica homenagem,
nem diversões de ameno estudo novas,
nem de intimos amigos a linguagem,
nem blandicias da prole
podem trazer a paz que te console.

No desconforto em que te vês, a esmo,
a divagar na lobrega existencia,
só tenho um argumento
para te oppor ao fundo soffrimento.
Olhos fitos no ceu, entra em ti mesmo,
fidalgo d'alma, e escuta a consciencia.

Ella te diz : — « O Creador dos mundos,
por te dar neste mundo tão precario
o mais subido premio,
fez-te depositario
de dous seres purissimos, jocundos,
dous mimos semelhantes e oriundos
lá do celeste gremio.

Presos a ti, á tua sombra amiga,
 ó arvore frondente,
— que ataste os ramos em ditosa liga
 n'outra arvore florente,
gentil, fecunda e grata companheira —
 que visão feiticeira
no viço de dous fructos tão risonhos !
 Inseparaveis ambos
por elles esta idéa se influía :
— Fructos do amor, medraes como dous jambos
 lindos, iguaes, inconhos !
Vendo-os contigo assim, quem não diria :
— Aquelle de continuo se extasia
em dous felizes confirmados sonhos,
em dous vivos pulcherrimos transumptos
da primavera e que andam sempre juntos !

« Quando, escrava saudosa,
tua razão, de tedio comprimida,
arrancando-se aos improbos labores,
 volvia sequiosa,
 para beber a vida
no regaço de candidos amores,
 oh ! que prazer sereno
nesses dous entes respiraveis tinhas !
Que antidoto ao politico veneno !

Que orgulho em teu dizer — Minhas, só minhas ! —
as filhas que em teus braços Deus guardava.
Qual dellas mais do ceu te approximava ?...

Como as differenças,
se em dous corpos uma alma só morava !
se ao teu amor por ambas, indeciso,
bebendo-lhes as vozes, os olhares,
franqueava-se o mesmo paraíso
no remanso dulcissimo dos lares !

« Na terra era de mais tanta opulencia.
A divina equidade — em seus arestos —
como que ouviu altiloquos protestos
de tantos descontentes
— em paes que inda te invejam ;
e Deus aproveitando a tua ausencia,
para impedir teus rogos convincentes,
disse : — Os dous anjos separados sejam. — »

Não foi castigo de cruel destino
o inopinado transito que choras.
Da terra em que era um anjo peregrino,
restituiu-se ao ceu primor divino.
Se sacro jus assiste a quem recobra
um dos thesouros seus ;
se, qual te creio, adoras

.. 68 ..

no Autor dos orbes o juiz perfeito,
vê que em torvo naufragio alfim sossobra
 razão que se não dobra
á majestade eterna do direito,
 n'um direito de Deus.

1874



A GRAÇA

QUERES que te eu descreva a graça, ó anjo
que a mim baixaste da mansão divina ?
Queres que em van linguagem se defina
a inspiração da lyra em que mal tanjo ?

A graça, qual na mente a vejo e abranjo,
é de Sanzio o modelo em Fornarina,
é de Camões a musa em Catharina,
é na mulher humanizado o archanjo.

Mas, quão triste papel deixas que eu faça !
A ti, que és de minh'alma a soberana,
de nada sirvo na palavra escassa.

Consulta o espelho teu, que não te engana;
verás por elle definida a graça :

— O sorriso de Deus em fôrma humana.



VISCONDE DE SOUZA FRANCO

QUE lucto cobre os arraias contrarios !
Irmãos, sejamos todos tributarios
da vera e justa dôr !
Treguas á luta, e assim nos honre o **preito**,
por inimigos inspirado e açeito,
sobre a tumba do invicto lidador.

Ante os louros do athleta da palavra,
ante o pezar que em tantos peitos lavra
e orgulhos vãos destróe,
confundam-se antagonicos partidos
e de augusta homenagem possuidos,
a gloria attestem do finado heróe.

Este o melhor tributo. Odios se somem,
se os actos rememora de um grande homem
popular gratidão.

Transformados num só por santa crença,
paguem—pela nação—dívida immensa
dous partidos que abrangem a nação.

Recordem ao vindouro o valimento
da riqueza invejavel do talento
do lucido credor.

Da liberdade esplendida columna,
tornou-se elle, nas justas da tribuna,
— um contra cem — o campeão maior. (2)

De um parlamento aos lances contraposto,
o liberal gigante no seu posto
não tinha que invejar,
— no incessante vigor de argucia rara —
o Amazonas, que tanto o estimulára,
no curso immenso resistindo ao mar.

Nas leis abroquelado, rebatia
golpes da ultramontana tyrannia
que faz arma da Cruz,
e, dos civis direitos sempre ao lado,
era, em honra do seculo, do Estado,
um pensamento prodigo de luz.

Eil-o fóra da arena ! Egregio filho
do povo, a seus irmãos impõe no brilho
do nome que deixou.

Confundem-se os partidos ante a gloria
de Souza Franco. Elle pertence á historia.
Continencia ao gigante que passou !

1875



FASCINAÇÃO

QUANDO te avisto e exponho,
na escravidão de um sonho,
minha alma ao teu poder,
no ardor com que me entrego,
esqueço-me, não nego,
de tudo que tem ser.

Quando de mim te acercas,
sem que a franqueza percas,
da graça que me attráe,
perante a gente fatua,
se em corpo sou estatua,
minha alma aos pés te cáe.

Quando commigo falas,
e, feiticeira, exhalas
na voz fragrança e luz,
o teu prestígio é tanto
que o Eden, por encanto,
em mim se reproduz !

Quando, a nutrir ciúmes,
num riso o ceu resumes
aberto para mim,
minha alma em tua boca
tenta fechar-se... ai, louca !
Nem Tântalo era assim !

Quando, ante as agonias
do próximo, desfias
as perolas da dor,
não sei o que é mais santo :
se a causa do teu pranto,
se a lacrimosa flôr.

Quando, ridente e calma,
sobe-te aos olhos a alma,
e fita os olhos meus,
sinto-me em tanto enleio
que — em teu olhar — já creio
que avisto-me com Deus.



O ARCEBISPO D. ROMUALDO

EMQUANTO no peor dos despotismos
impõe-se a theocratica influencia,
aes fics consumindo a paciencia,
pondo em jogo horrorosos fanatismos ;

emquanto, a requintar em rigorismos
cheios de fcl, vazios de sciencia,
turba o pulpito a paz da consciencia,
entre a razão e a fé cavando abysmos

emquanto, illeso, em seu poder tamanho,
torna-se o padre — mercador do templo —
e assim vive entre irmãos como um estranho ;

Dom Romualdo egregio, eu te contemplo
nos veros bens que has feito ao teu rebanho,
redivivo pastor, sublime exemplo!



LUTA SELVATICA

MOVIDOS pela fome, que os assanha,
em pleno ardor de tropical estio,
ruge na solidão tigre erradio,...
de um tronco a cascavel se desentranha...

O quadrupede os dentes arreganha,
mal que avista o reptil veloz e esguio,
e, baldando-lhe a fuga num desvio,
com ferrea pata pela cauda o apanha.

Trava-se então languissima contenda,
em que ha menos astucia no mais forte,
sem que um da furia do outro se desprenda !

Nem sempre cabe á força a melhor sorte :
presa ás garras do tigre, a serpe horrenda
morde-o na face e assim lhe embebe a morte.



MOLESTIA INCURAVEL

A * *

Tous, qui que nous soyons, nous
avons nos êtres respirables. S'ils
nous manquent, l'air nous manque,
nous étouffons. Alors on meurt.
Mourir par manque d'amour, c'est
affreux. L'asphyxie de l'âme.

Victor Hugo.

Foi num grande saráu. Se bem me lembro,
findava-se dezembro
entre os ardores de opulento estio.
Queixavam-se os valsistas... do calor;
porém, minh'alma, a estremecer de frio,
no fervente salão, de almas vazio,
tinha sêde de amor.

Era o acesso da trega intermitente,
que no melhor docente
desacredita o medico melhor ;
era o mal que em nonadas tem remedio,
por exemplo : um olhar, um riso, um beijo ;
era a invasão de indomito desejo
nos dominios da duvida e do tedio ;
era a febre do amor.

E a causa pathogenica? Um descuido....
Prendi-me a contemplar uma chimera
que tomou fórma humana, e que a meus olhos
mais subtil pareceu-me do que um fluido.
Fui culpado? Meu Deus ! quem não se assombra
de resumida ver a primavera
em corpo airoso, leve como a sombra,
tão aváro a occultar sob alvos folhos
magnetico pesinho,
tentador, a fugir, qual passarinho,
de olhos cravados na ditosa alfombra ?

Ella era assim, quando, ambulante aurora,
qual o brilho que apaga os plenilunios
do calido equador,
ia offuscando co'a presença as galas
das esplendidas salas !

E eu logo, sobranceiro aos infortúnios,
quíz minh'alma aquecer ao sol do amor.

Era eu louco? Talvez... Louco invejável
quem, tão perto de falsas creaturas,
todo entregue num baile ao casto enleio,
póde tornar-se alheio
ao quadro abominável
de fatuas, mascaradas desventuras!
Ah! neste mundo ignavo,
seja mendigo ou rei, seja quem for,
feliz quem, fido escravo
da soberana e prodiga belleza,
se esquece da miséria ou da realza,
nos arroubos de amor.

Prosigamos na historia. Ao ver aquella
soberania esthetica, attractiva,
cortejada por tantos,
humildemente approximei-me della
a fitar-lhe os encantos.
Que attitude magnetica, expressiva!
Ousei dizer-lhe, alfin, quanto era bella...
sem recorrer a inutil galanteio.
Enrubescceu-se a diva
e olhou-me de soslaio,

vibrando-me no olhar tremendo raio
de profundo sarcasmo,
como quem diz : Este homem d'onde veio ? !
Nem por isso esfriou-me o enthusiasmo.

Recuperando a calma,
e por não ter outra arma a contrapor,
aos olhos fiz subir toda minha alma
e assim fiz-me entender, immovel, mudo :
—Bem vês que neste olhar me exponho a tudo,
ao perigo maior ;
á dor que alenta e ao prazer que mata ;
a mil combates com rival sanhudo ;
á petrea indiferença de uma ingrata,
ao frio escarneo contra o acceso amor.—

Como se entré nós dous atra barreira
se erguesse num momento,
despareceu do baile a feiticeira
votando-me ao cruel esquecimento.
Desde então até hoje o meu socego
perdi nessa fatidica miragem.
Não sei se vivo, quando, tonto e cego,
cuido encontral-a na travessa aragem
que as trepadeiras flóridas bafeja ;
no modular faguciro

com que o plumeo cantor, que livre adeja,
saúda a Ieda aurora ;
no odor do jasmineiro
que os beijos retribue de noite amena.
Supponho até que ella por mim lá chora,
quando, em manhã serena,
cac-me na fronte o rócio fresco e puro,
com que Deus manda o ceu abrir a flor.

Ah ! quanta vez, exacerbada a pena
contra a algidez deste deserto escuro,
um balsamo divino já me déstes,
ó lagrimas celestes
encontradas com lagrimas de amor !

E nunca mais a vi ! N'alguma estrella
para sempre escondeu-se de meus olhos ?!
Não ; diz-me o coração que hei de revel-a
e remir-me dos lóbregos escolhos
a que me reduziu a ausencia della.
Contra a cegueira atróz que me flagella,
— no cspelho d'alma—o genio da esperanza,
inda hontem bem risonho,
lindo futuro assim mostrou-me em sonho :
Fu loucamente as mãos da fugitiva
beijava, ella dizia : « Tudo cança....

venceste. » Então lhe respondi : « Não, diva;
« cançaste de esquecer quem te adorava.

« Se inda ha rainha que se faça escrava
 « da paciência que a vence,
« a tua escravidão se recompense
« da mesma paz que restitues, querida.
« Duvida, ó anjo, de que viva a dor
« nesta existencia ephemera ; duvida
« do ar que bebes, da luz que me illumina ;
« mas, graça, que hoje vens mudar-me a sina,
« não duvides da chamma deste amor ! »

Basta de phrases loucas
e inuteis contra a incrível soledade.
Bem sei que os sonhos mentem como as bôças
mais roseas que os inspiram. Na saudade
continúe a minh'alma a torturar-se
entre os vivos, á mingua de calor ;
onde ha fingidas victimas, deteste-as ;
 seus males não disfarce
quem reputa—impossivel de curar-se—
a mais grave de todas as molestias,
 a molestia do amor.



MIRAGEM

VERSOS POSTOS EM MUSICA POR ARTHUR NAPOLEÃO

Na formosura esplendida
meu coração te expandes,
qual o condor — altivolo—
mirando o sol nos Andes.

Eil-a, é toda esperança !. .
chega-se a mim sem medo,
qual pomba que descança
em lobrego arvoredo.

Mais doce que a brandisona
e vespertina aragem,
dos labios roscos bebo-lhe
angelica linguagem.

Que bôca a descerrar-se
em lucido sorriso !
Não cabe em ti disfarce,
ó novo paraíso.

Filha do céu, abriga-me
com tuas niveas azas !
alenta o meu espírito
da crença em que te abraças !

Se andas commigo e as brisas
no passo influes tão calma,
bem como o chão que pisas,
inflora-se minha alma.

Confunde-me, harmonia,
na voz em que me aditas !
Olha-me... a noite é dia,
se em mim teus olhos fitas.

Ai que sumiu-se a linda
irman do meteoró !...
e eu, deslumbrado ainda,
seu rastro sigo e adoro.



GLORIA POSTHUMA

A' MEMORIA DE L. N. FAGUNDES VARELLA

Alegra-te, immortal, que esse alto lume
não morre em trevas de um jazigo escasso.

Soares de Passos.

RECONHEÇO-TE, espirito que imperas
no culto só votado aos redivivos.
Bem vejo, és hoje muito mais do que cras
quando — mortal — te criam fatuos vivos.
Contra o desdém que insulta as glorias veras
bem hajam teus perennes incentivos !
Alma sem corpo, ao mundo impões nas palmas
da fama que maldiz corpos sem almas.

— Corpos sem almas — desprezíveis entes
são tantos que tachavam-te de doudo,
quando, impavido aos zoilos impudentes,
— nos astros a cabeça, os pés no lodo —
tiravas do estro em lucidas enchentes
nobre desforço contra o estulto apodo,
reproduzindo lances de Izaías,
e em versos castigando as tyrannias.

Do muito que amargaste nas agruras
desta existencia, imposta á humanidade,
desaffrontada estás ; leda fulguras,
a respirar a eterna liberdade.

Folga, emquanto orgulhosas creaturas
disputam irrisoria magestade !

Alma, livre do corpo em que penavas,
não ouças o clamor de almas escravas.

Clamam — porque usufrues a vida etherea —
contra a morte, a melhor libertadora !

Ai cego orgulho, ai tropega miseria,
que os ephemerous bens da terra adora !

Soffre o homem — ludibrio da materia —
ante a idéa do nada que o apavora,
e temendo que em si tudo succumba,
recusa a paz que se lhe dá na tumba !

Eu não ; sujeito ainda aos terreos damnos,
invejo-te o descanso — alma remida. —

Já não podem contigo os deshumanos,
que te julgaram para o ceu perdida.

Fóra do alcance dos ardis mundanos
e, em pleno brilho a Deus restituida,
ganhaste pela morte uma victoria
à que jámais na vida attinge a gloria.

Que exemplo augusto, que missão divina
foi a tua passagem no planeta !

Quando affirmaste, ovante peregrina,
grandiloquos direitos do poeta !

Fosse pelo que fosse — acaso ou sina —
em teu viver que antithese completa,
quando, á desgraça expondo-se, o talento
requintava de luz no soffrimento !

— « Eis o captivo indomito do vicio » —

Apontavam-te assim nescios juizes.

E tu, sempre a fugir do beneficio
da compaixão de hypocritas felizes,
renovavas titanico supplicio,
chagas abrindo em velhas cicatrizes.

Teu pensamento — altivo Pelicano —
um filho alimentou no proprio damno.

Era de mais o ardor. No estreito espaço
de um cranco tantas lutas gigantéas !...

Entre alma e corpo alfim rompeu-se o laço
e apagou-se o brazeiro das idéas.

Se o mundo, em que vivias, era escasso
para encher o teu estro de epopéas,
que mais queres ? A morte, excelso premio,
com teus eguaes te uniu no eterno.gremio.

Poeta, lá da altura a que não chega
o rumor desta vida transitoria,
que importa a voz do ingrato que se **emprega**
em deslustrar-te a esplendida memoria ?
Se ha crença que tão rabida, quão céga,
os bens repelle da infinita gloria,
se ha razão que escarnece obras de Deus,
que tem que o zoilo allegue os erros teus ?

Vivam, pois, benemeritos pretensos
das estereis porfias que os consomem ;
na audacia, que os induz, crendo-se immensos,
inuteis armas contra o olvido tomem ;
raivem de inveja os que, á verdade infensos,
negam do genio o lume excelso no homem !
Exulta, ó vate ! os bens da gloria tua
o *Evangelho nas selvas* perpetúa.

1875



TUA VOZ

SÓLTAS a voz... e o pensamento, escravo
do talisman sonoro que o enleia,
em teu canto se cmbebe e se recreia,
longe de horrores deste mundo ígnavo.

Sorris na voz... e se dissipa o agravo
da vida oppressa na ventura alheia.
Na voz, tão doce, de anjo ou de sereia,
nutres a mente de celeste favo.

Choras na voz, brandisona voando,
pomba da melodia, sobre as palmas
que ao triste arrancas em teu vôo brando.

Graça melliflua, que afflicções acalmas !
que thesouros do ceu mostras cantando !
Que azas de voz !... que ebullicão nas almas !



LAMENTOS DE UM ORPHÃO

.... se ha diamante inalteravel, é
coração materno, que mais brilha
quanto mais espessa é a treva. Rai-
nha ou escrava, a mãe é sempre mãe.

José de Alencar.

QUINZE annos de saudade,
em que me vejo sem ti !
Nesta incrível soledade,
minha mãe, que faço aqui !
Ai ! que apego de saudade,
mãe, depois que te perdi !

Ha quinze annos que vivo,
desde que és morta ! Ai ! não sei
porque, de penas captivo,
ainda não despenei
da escuridão em que vivo,
dês que sem mãe me encontrei !

E eu contava quinze annos,
quando o ceu me empobreceu !
Neste pelago de enganos
como poudes o filho teu,
sem ti, soffrer tantos annos,
quantos contigo viveu ? !

Carcome o pelago as pedras,
sem decrescer teu revez,
minha alma, ó planta que medras
neste ermo a que a dor te affez !
Se a dôr dura mais que as pedras,
tem o ceu petrea surdez.

Não, minha mãe ! de rever-te
deu-me jus tanto penar.
Mal que ufana se liberte
deste mundo, — toda olhar —
possa minha alma rever-te
lá no teu celeste lar.

Quanto invejo os mil carinhos
da paciência divinal,
na mãe que beija os filhinhos
com ancia em todos egual!
Ai! de quem perde os carinhos
da ternura maternal !

Ai! de mim, neste vazio
em que vagucio sem ti,
e saudoso me annuio
para o sol que me sorri !
Onde o amor que encha o vazio
do amor de mãe que perdi ? !

Minha infancia em teu regaço
de que damnos escapou !
E agora me assusta o espaço
no mau caminho em que vou,
por falta do teu regaço,
mãe, de que o ceu me privou !

No trabalho exposto a injurias,
quanto escravo se maldiz !
sempre ludibrio de furias,
sempre a dobrar a cerviz !
Mas, a victima de injurias,
se inda tem mãe, é feliz !

Se ao patibulo a desgraça
pelo crime se conduz,
quando o código na praça
a homicida se reduz,
do reu é santa a desgraça
na mulher que o deu á luz !

Emquanto a legal vingança
desacredita o seu fim,
na voz da mãe, que não cança
de gemer, Deus diz assim :
— Mais impõe que tal vingança
Eva a chorar-te, Caim !

— Mãe — diz o mar, em gemidos,
ao orphão que busca o mar ;
ouvem — Mãe ! — os meus ouvidos,
quando, sem mãe, a piar,
ave implume em seus gemidos
faz-se imman do meu pezar.

No scio da natureza,
que tantos filhos contém,
oh ! quanto a eterna grandeza
parece dizer : — Ninguem
renega a mãe-natureza,
sem renegar-me tambem.

Quando em prol da humanidade
veio em Christo a redempção,
na dôr da maternidade,
por divina inspiração,
para bem da humanidade
humanisou-se o perdão !

Gloria ao regaço materno,
que recolhe tanta dôr !
Prompto sempre e sempre terno,
onde ha recurso mclhor
do que um afago materno
de inesgotavel amor ?

Ai! de mim, neste vazio !
Minha mãe, que faço aqui ?!..
Orphão, qual sou, me annuio
para o sol que me sorri.
Onde o amor que encha o vazio
do amor de mãe, que perdi ? !



A GEMMA CUNIBERTI

Oh ! que prodigio és tu, creança artista,
na expressão magistral do sentimento !
Do oceano mais profundo — o pensamento —
emerge a luz que tens na vista.

Por mais que o sceptico em descreer insista
da alma — immortal, mirifico elemento —
á verdade, qual és, vivo argumento,
rende-se o mais pyrrhonico sophista.

Que antithese em teu ser ! Perante o apuro
do espirito expansivel na estreiteza
de involucro tão novo e mal seguro,

diz a razão, extatica e surpresa :
— Gemma excclsa, em teu genio prematuro
revogaram-se as leis da natureza. —



INCERTEZA

NÃO sei se és moça ou menina.
Se outros o sabem, não sei.
Que és belleza peregrina,
pois que outros dizem, direi.
—Que o teu olhar me incommoda,
que já te seduz a moda,
e escravos ledos attraes,
ha quem diga e dizer ouça ;
mas, se és menina ou já moça,
eis a questão. Nada mais.

Diz-me o teu vestido curto
que moça ainda não és,
quando a olhares meus a furto
expõe teus mimosos pés.
Porém o subtil receio
com que me tiras do enleio,
buscando os pés esconder,
traz-me a duvida malina,
e pergunto: Inda é menina,
ou é completa mulher ?

Se em fazer-te uma caricia
venço a minha indecisão,
ha sempre um quê de malicia,
que me assusta o coração.
Cuido já que nesse afago,
—brisa a encrespar manso lago—
entra um prenuncio de amor...
E a duvida continúa !
Se ha culpa, é minha, não tua.
Que queres ? Sou peccador.

Se do piano te esqueces,
e assim meu pedido influes,
bem creança inda pareces
na franqueza com que annues.
Mas, quando meiga dedilhas

no teclado e maravilhas
meu estro em caudal de sons,
alma ostentas de Corina,
sob'essas mãos de menina.
entre esses prodigos dons.

Se beijas tuas amigas,
de mim proxima, e não vês
a quanta inveja me obrigas
na mais tacita avidéz,
—E' creança!—affirmo-o logo,
—zomba da polvora o fogo
em seu insonte fervor!
Não sabe este anjo que — em beijos —
começam por bons desejos
maus incentivos de amor!—

—E's já moça?... Inda és menina?—
estou louco por saber.
Só tu, bôca purpurina,
talvez m'ó possas dizer.
Fala, vívida esperança!
Bem se vê que inda és creança!
—Não?... Porque sorris assim?
Cada vez mais indeciso
pões-me, lucido sorriso
em bipartido rubim!

Ail quantas vezes me entrego
ao pensamento voraz
de que exponho o meu socego
por quem não sabe o que faz!
Então corrigir-me busco ;
mas, se te avisto, me offusco
em teu lume angelical !...
O' mixto de ingenuas graças,
na transição por que passas,
mcu bem se nutre, ou meu mal?

Cresce, animado feitiço,
que exhalas divino odor ;
supera as rosas em viço ;
a aurora inveje-te a côr.
Na meiguice com que falas,
e tão brandisona embalas
os puros anhelos meus,
prolonga teu grande imperio ;
mas, adarc-se o mysterio
que encerras, mimo de Deus.

Converta-se a puericia,
em plena transformação,
na adolescente malicia,
que se teme da paixão.
Rompa o casulo e sedenta

de luz, na sala opulenta
vôe a phalena vivaz ;
mas, que não veja o poeta
queimar-se tal borboleta
nas chammas de amor fallaz.

Escuta : No captivoiro
em que te adora o candor,
não quer teu bom jardinciro
que o ceu te arrebate, ó flor.
Porém, se has de ser colhida
por alma tão corrompida
que envenene o aroma teu,
levem-te os anjos, mimosa...
botão de celeste rosa,
vae, vae abrir-te no ceu!



AO DUQUE DE CAXIAS

DEPOIS DO PASSAMENTO DE SUA EXEMPLAR ESPOSA

Un seul être nous manque et tout est dépeuplé.

Lamartine.

ESQUECIDO da gloria,
das lides marciaes, da invicta espada,
que descança entre as palmas da victoria,
em pensamento o general acampa
junto ao sepulchro da consorte amada.

Escravo da saudade
com que tenta acordar, na fria campã,
 a querida metade ;
quasi a sumir-se no pezar profundo,
 em que maldiz da sorte,
a alma do heróe segrega-se do mundo,
no triste anhelô em que se expõe á morte.

Socega, meu guerreiro, espera ainda !
Pesa-te a vida em viuvez amarga ?
Espera ! Antes de entrar na paz infinda,
por mais que solitario te lamentes,
 nãõ te queixes da carga,
cheia de bençãos e laureis virentes ;
de tedio nãõ te ensombre a patria terra,
em que tanto has luzido, astro da guerra !

 Orgulho dos valentes,
nãõ te esmoreça a inopinada ausencia
da fida esposa, que no ceu te aguarda.
Porque despir a veneranda farda
— illesa dos pelouros, da metralha —
 cuidando que já tarda
teu momento final nesta existencia ? !

E enquanto assim te entregas á mortalha,
crendo-te já vencido pelas dôres,
bradam teus camaradas : — Contidencia
ao capitão de ufanos vencedores !

Ergue essa fronte, laurcado velho !
De maguas não se turve o teu semblante
— fidelissimo espelho
da impavidez de bellico gigante.
Voluntario da tumba, em que só pensas
no teu viver sombrio,
não dilates o lugubre vasio,
aberto n'alma que despede as crenças.

Entre a saudade e a morte
— extremos do deserto que te opprime —
irrequieta a patria te contempla,
a chorar-te a consorte
em condolencia tacita, sublime,
que aos scepticos exempla.

Sem desatar o laço,
que inda te prende em conjugal firmeza
á tão idolatrada creatura,
Deus levou-te a duqueza,

só porque dês a prova mais segura
da fé que, ardendo sob um peito d'aço,
nos revezes se apura.

E, agora, sentes que te falta o espaço,
que em torno de teu lar a natureza
já não tem sol capaz de encher-te os dias !

Então, bravo Caxias,
quebraram-se um por um todos os élos,
com que te uniste aos intimos anhelos
e puras alegrias
de tantos valorosos camaradas ?!
E a patria?... A patria, mãe de mil desvelos
no teu descanso de asperas jornadas,
direitos já não tem de reclamar-te
ao menos uma parte
de tua alma, que inteira se offerece
ao ceu, á esposa no fervor da prece ?!

Bem sei que abatem subitaneas penas ;
que só da patria amada te alienas
para aspirar ao ceu. Assás comprehendo
a dôr que os peitos mais valentes gasta,
que nunca mais se afasta

de quem, dia por dia, anda morrendo.

E para tanto basta
que ao ceu se restitua de repente
mais uma beatifica existencia.

Assim, por damno ao mais feliz vivente,
esvasia-se o mundo pela ausencia
de um ser que em si concentra
graça, harmonia, luz, força e perfume
do amor, com que Deus entra
no atomo pensante ! Quem não sabe
que, cheio da saudade que o consome,
ai ! quanta vez o coração não cabe
no planeta mesquinho
para infinito amor !

Oh ! quão tólhida estás, aguia da guerra !
Depois que a morte, em seu fatal caminho,
roubando-te a extremosa companheira,
empobreceu-te para sempre o ninho,
só vês a soledade que te aterra !

Comtigo já não póde a feiticeira
natureza fagueira,
que te attrahia a penetrante vista !

Já te não basta a vastidão do espaço,
pela anciedade enorme que te occupa
e, após baldados vôos, desatina ;
 té o sol te contrista,
quando se banha em vasta catadupa,
ou se espreguiça em flórida campina !

Mas, coragem, coragem, meu guerreiro !
aguarda o teu destino, enxuga o pranto,
volve-te para a patria ! attende, escuta :
Imagina que o nome brasileiro
insultam inimigos desvairados
 de inveja cega e bruta ;
 suppõe que, por encanto,
aos ouvidos dos brásilos soldados
resôa o grito precursor da luta !

Herval, Pelotas, Porto-Alegre acordam
do já longo, pacífico lethargo...
Em cavallos aligeros montados,
olham os campeões ao ceu, ao largo,
e somem-se no pampa !... Já transbordam
nos plainos do heroismo ondas de gente,
em que se afoga o ultrage audaz, inulto !

Medem-se as hostes !... fere-se a peleja !...
Treme o chão sob a furia, que troveja,
dos canhões e fuzis no embate ardente !

Do quadro horrível se destaca um vulto !...
Ao retinir do ferro que lampeja
na humana tempestade,
enquanto a morte as azas espanjeia
por sobre mil cadáveres dispersos,
o vulto, em sobranceira majestade,
electricamente perpassa
columnas de imperterritos gigantes
com que suffoca os esquadrões adversos !
Eis que o reducto iroso despedaça
animadas muralhas—nesses peitos,
que de amianto pareciam feitos.

— Viva imagem da patria, que ali soffre
por bravos assaltantes,
o vulto immobilisa-se de chofre,
como estatua minaz !... Soam mil pragas,
de titanicas dôres...
gemidos, maldições, ais, estertores...
numa orchestra de horrisono lamento,
igual ao do oceano, quando as vagas
lhe açoita o riço vento !

Não se resiste a tanto ! A's agonias
de companheiros teus, á dôr, ao susto,
ao reclamo da patria, honroso e justo,
rapido acodes, inclyto Caxias !...

Presto a lutar, a invicta espada tomas,
esquecida entre os louros
de Itororo, de Lomas...

fitas a estrella que te aclara o rumo
recommndado á benção dos vindouros,
e, devorando o espaço, o prelio alcanças,
a romper véos de fumo
e as chuvas sibilantes de pelouros,
ó velho Duque, ó nunçio de esperanças !

Do teu caminho a morte se afugenta !...

Já nos seus baluartes mal se arrima
o inimigo !... Desfraldam-se bandeiras,
só por tua presença que as anima !...
promptas manobras o clarim sustenta...
cerram-se aqui e alli rôtas fileiras...

o exercito se alenta

do ardor com que te apossas das trincheiras !

Rompe, afinal, o hymno da victoria !...

e na imagem pulcherrima, festiva,

— mensageira divina —

que teus olhos de subito illumina,
reconheces a esposa !... Ella revôa
ao ceu dizendo : — « Eu sou a rediviva
« que aos pés de Deus em teu porvir só pensa.

« Na vida transitoria
« guarde-te, meu guerreiro, a eterna crença,
« e, enquanto a patria ufana te abençoâ,
« celeste recompensa
« em mim te espera, na infinita gloria. »

Basta. Cale-se a musa
que testemunha foi de teus labores
em famosa campanha.
Ninguem, meu general, preitos recusa
á vera dôr que em lagrimas se banha.
Da viuvez, porém, não te apavores.
Quando as terrenas ambições estudo
e a desdita que os homens acompanha,
na vida mais honrada,
sei que ser duque é nada ;
ser patriota e ser christão é tudo.



TRIBUTO A QUATRO VOZES

A JOSEPHINA GARGANO

V_{ER-TE} e ouvir-te é gozar o duplo encanto
que prende ao mesmo tempo olhos e ouvidos;
é repartir-se a idéa — em dous sentidos —
nas graças do teu corpo e do teu canto.

Que fôrma e essencia ! que attractivo ! é tanto
que os corações penetra empedernidos,
e espirito e materia, confundidos,
em ti se absorvem de prazer e espanto.

Mais vistosa que a nitida magnolia,
mais suave que os sons de uma harpa colia,
a quanta inspiração levas a palma !

Não sei, ao ver-te e ouvir-te em tacs primores,
se o canto é o perfume de tua alma,
ou se em teu canto escuto a alma das flôres.

A HERMINIA BORGHI-MAMO

ANTE o franzino corpo, em que se encerra
a grandeza, qual és, no culto d'arte,
teme a razão que possam mallograr-te
materia e espirito em continua guerra.

Mas, quem te observa a tempera, não erra
vendo o sagrado fogo alimentar-te.
Nesse involucro apenas Deus quiz dar-te
pretexto, ó genio, a que te ouvisse a terra.

E em tua voz um povo absorto fica,
se *Valentina* diz: *Raul io t'amo!*
se amor se queixa na infeliz *Celica*.

Celeste emanação, em ti me inflammo!
canta! canta! que a terra t'ó supplica,
mundo ideal — na voz de Borghi-Mamo!

A SOPHIA SCALCHI LOLLI

QUEREIS a graça que penetre e fale
dentro d'alma que os jubilos repelle?
Quereis o bem que as condições nivele,
em mavioso poder que os impios cale?

Quereis arte, a que tudo se avassalle?
Quereis que excelso arcano se revele?
Quereis fogo onde a vida se regele?
Quereis o Hercules preso aos pés de Omphale?

Quereis que o melhor balsamo distille,
de humana voz e os miseros console?
Quereis que o bello em magos sons scintille?

Quereis que a mente para o ceu se evolue
e em vós o deus materia se aniquile?
Vinde ouvir como canta a Scalchi Lolli !

A FRANCISCO TAMAGNO

QUANDO te escuto, um verdadeiro banho
de harmonia os ouvidos me avigora.
Que surtos de aguia na altivez canora
sustentas, firme em teu poder, Tamagno !

Dês que a ovante carreira te acompanho,
brilhas na altura em que te vejo agora,
e enquanto o tempo vozes mil devora,
tens na garganta o teu futuro ganho.

Em larynge de ferro valem ouro
notas que emittes, produzindo espanto
onde ostentas o intrinseco thesouro.

Cheio de ti, que a recommendas tanto,
hoje a Italia já diz para o vindouro :
— Gloria a Tamagno, em seu herculeo canto.



SINHASINHA

V AE entrar nos quinze annos
A mais galante mocinha.
Ao vel-a dizem, ufanos,
os bons paes de Sinhasinha :
« Que innocente singeleza!
Que mimo da natureza ! »

E se ha cegucira de paes
na expressão de encomios taes,
não ha quem saiba dizer
se aquella casta meiguice
inda está na meninice,
ou se é completa mulher.

Quem resiste á Sinhasinha
quando ella implora ? Ninguem.
Feliz de quem lhe adivinha
os pensamentos. Tambem
não ha maior feiticeira
do que essa virgem fagueira,
quando carece de alguem.

Que attrahente graça aquella !
Domina ou mallogra os passos
de quem busca fugir della.
Dos corações mais escassos
alcança tudo que anhela.

Arde ás vezes como braza,
mas, felizmente, não queima,
se as alegrias da casa
interrompe em feia teima.
Dura bem pouco, é verdade,
tanto ardor de inutil magua,
quando revela a mocinha
fraquezas proprias da idade,
e o fogo desfaz-se em agua
nos olhos de Sinhasinha.

Por fim é toda bonança
essa existencia tão pura ;
garrulice de creança,
que os lares emparaiza ;
risonha, viva esperança ;
miraculosa ternura
que almas de pedra electrisa.

—« Deus te ajude, Sinhasinha,
« que és mesmo uma casa cheia ! »—
Exclama a loquaz visinha,
que a tão cortante linguinha
afia na vida alheia.

—« Isto, sim, que é maravilha !
« Esse magico instrumento,
« graças a quem o dedilha,
« parece ter sentimento.
« Só por elle me alieno
« de tudo que me contrista. »—
Diz um velho apologista,
postado á rua, ao sereno.

E seja grande, pequeno
nescio, sabio, livre, escravo,
não ha quem recuse um *bravo*

ao talisman tão audível,
ao talento que, precoce,
para o ceu nos encaminha,
no captiveiro mais doce ;
ao piano irresistivel
da inspirada Sinhasinha.

E as mãos que, assim no teclado,
enlevam tantos ouvintes
pelo dom tão festejado,
quanta vez se divinizam,
quando em miseros pedintes
a penuria suavizam !
Que bençãos, que alacridade,
no pobre que se avisinha
da infallivel caridade
na esmola de Sinhasinha !

Se tão amiga da esmola
se mostra a gentil mocinha,
que os desgraçados consola,
faz gosto ver Sinhasinha
— num sorriso aperolado —
zombar do parvo emproado.
Sóbe de ponto o meu gosto,
quando tal patricia minha

fala inglez como uma ingleza,
para um bom juiz que a ouça.
E, se duvidam, aposto
em como a menina-moça
já na lingua portugueza
e com estylo adequado,
conversa e escreve melhor
do que muito deputado
com fumaças de orador.

Em Sinhasinha um defeito
ha, facil de corrigir.
Sei que não tenho direito
de tão franco me exprimir.
Mas, já agora prosigo,
pois que falo como amigo.
— Essa boca tão mimosa
gosta ás vezes de mentir ;
e a mentira (coitadinha !)
mal disfarçada se aninha
na rival melhor da rosa,
na boca de Sinhasinha.
Ella, porém, quando mente,
fica logo tão fanhosa,
que desillude o mais crente.

Já nos bailes se imagina
e das modas se captiva
essa graça peregrina
que, nem moça nem menina,
mestres olvida e lições
por dansas proprias da diva,
que bebe luz nos salões.
Desculpaveis propensões
da animada primavera !
Sinhasinha, quem me dera
teus descuidos e teus sonhos !
com quantos dias risonhos
o futuro lá te espera !

Lê e aprende, Sinhasinha.
Não te seduzam por ora
bailes, sedas e brilhantes.
Cresce e serás a rainha
das bellas, hoje reinantes,
que has de vencer, qual a aurora
vence da noite esplendores.
Inda não tens quinze annos !
E' cedo. Poupa-te aos damnos
que, entre harmonias e flôres,
nutrem-se em peitos humanos.

Folga, expande-te, esperança
com teu riso de creança,
na prazenteira existencia.
Não te occupes, Sinhasinha,
dessa ostentosa opulencia,
com que se veste a visinha,
Onde ha melhor, mais bonita
do que tu, se te apresentas
com teu vestido de chita,
e os cabellos ornamentas
com dous lacinhos de fita?

E's um thesouro, mocinha ;
e's um anjo, Sinhasinha.
Ai ! de teus paes, se voares
deste mundo ! Levarás
contigo a alegria, a paz
do mais ditoso dos lares.



ADELAIDE TESSERO

DIVA do palco, é justo que te adore
o povo, que em teus dons se maravilha.
Em teu semblante o sacro fogo brilha,
ó digna irman da colossal Ristori.

Para que o gosto esthetico melhore
tens o poder que os cynicos humilha.
Que alma a tua — do ceu lucida filha—
ou clame, ou emmudeça, ou ria, ou chore !

Antidoto da fria indiferença,
— como na pedra o sol, no atheu a crença —
entras em bronzeos peitos e os dominas.

Para o teu genio eleva-se o meu verso,
qual para o bello, em vibrações divinas,
a Italia—a grande lyra do universo. ()* —

(*) Verso do inolvidavel Augusto de Mendonça.



HOMENAGEM AO BRAZIL

RECITADA PELA ARTISTA

ADELAIDE TESSERO

FALE do palco, ó gente hospitaleira,
o grato affecto em que me sinto presa.
Na lingua de Camões fale a estrangeira
ao paiz que faz honra á natureza ;

ao vero amigo da arte, embora novo
e a mil prodigios naturaes affeito :
ao generoso, brasileiro povo,
que eleva os genios no mais justo preito.

Ninguém te vota ao frio esquecimento,
Brazil, que o teu futuro tanto abonas
na mais livre altivez do pensamento,
na grandeza tão rica do Amazonas!

Terra de Santa Cruz, feliz morada
da primavera eterna! em teus fulgores
antecipa-se o ceu n'alma aditada
por vida que sorri na luz, nas flôres.

Cercada aqui de tanta maravilha,
da natureza e de almas tão fagueiras,
se eu da Italia não fosse amante filha,
por mãe tomara a terra das palmeiras.

Meu nome, ó vasto Imperio americano,
dos devedores teus fique entre os nomes.
Como pagar laureis de que me ufano,
ó patria de Alencar e Carlos Gomes?

Ante o povo que é rei e o rei que ao povo
eguala em firme amor á liberdade,
resuma-se o meu culto ao Mundo Novo
no sublime vocabulo — saudade —.

Nesta palavra unica, expressiva
da lembrança acridoce, alento ás almas,
digam meus labios, onde quer que eu viva,
Brazil, a gloria que me déste em palmas.

8 de Agosto de 1881.



TEUS CABELLOS

Que mau foi ver-lhe os cabellos
sobre as espaduas redondas !
Cabellos são como as ondas
eu sei que é perdido mar.

E. Vidal.

TEUS primorosos cabellos,
soltos, bellos,
provocam milhões de beijos.
Se á voz de amor não te rendes,
porque prendes
em taes fios meus desejos ?

Contra o vento que os agita,
se uma fita
pões apenas a contel-os,
e se de mim te afugentas,
porque tentas
meus labios com teus cabellos ?

Nem são negros, nem são louros
os thesouros
que o teu frontal emmolduram ;
castanhos, sericos fios,
tão macios,
os teus cabellos fulguram.

Nautas que tremem de escolhos,
se meus olhos
perto estão dos teus cabellos,
que inimigos perigosos
e vistosos,
por mais que eu fuja de vel-os !

A's vezes (santo descuido !)
brando fluido
á minha alma se transmite,
quando teus cabellos toca
minha boca,
por mais que os tocar evite.

Não me escravisem aos zelos
teus cabellos
soltos e entregues ao vento ;
nelles presa estranha rosa,
orgulhosa,
não aggrave o meu tormento.

Não me torturem suspeitas
de que aceitas,
para ornar fios tão bellos,
prenda de amor que te engane
e profane
os teus divinos cabellos.

Sobre o teu collo espalhados,
libertados
de ternos laços que os atam,
que ladrões do meu socego !
— tonto e cego —
teus cabellos me arrebatam.

D'este culto em que te abranjo,
crê-me, ó anjo,
um dos mais vivos anhelos
é suffocar justas queixas
nas madeixas
dos teus mimosos cabellos.

E', sentindo-me captivo,
ledo e altivo
na prisão mais prazenteira,
todo empregar-me em desvelos
nos cabellos,
que ao vento expões, feiticeira.

Não deixes que os teus cabellos
soltos, bellos,
estejam pedindo beijos ;
já que á voz de amor não cedes,
não enredes
em taes fios meus desejos.

Prende, prende esses primores
seductores,
que em trazer-me escravo teimam ;
não movas com teus cabellos
meus anhelos,
que em chamma inutil se queimam !

Se, porém, teu fito é ver-me
doudo e inerme
ante inimigos tão bellos,
desde já te dou, querida,
minha vida :
Enforca-me em teus cabellos.



FORGET ME NOT

F LOR, que das mãos de Deus passando á terra,
no seio lhe infundiste a graça, o aroma
do celico jardim ;
antidoto efficaz aos meus pezares,
para onde vaes, porque te vaes assim ?
Se o partir é forçoso, ou se te agrada,
onde quer que te achares,
alma que és flor, ou flor que és animada,
não te esqueças de mim!

Longe do escravo teu, bem sei que alento
irás beber nas lagrimas da aurora,
que, por mais que te encontre, mais saudosa
parece nos aljofares que chora,
emquanto o sol, sedento,
de beijos te illumina, flor mimosa.

Lá quando o meigo zephiro afagar-te
o talhe esbelto, a coma esplendorosa ;
quando embebido em teu sorrir de rosa
douceje o beija-flor para beijar-te ;
quando, por não toldar o teu retrato,
deslisar-se mais leve a fresca aragem
no limpido regato
que, te banhando grato,
servir de espelho a tão formosa imagem ;
quando, de inveja a candida bonina,
murchar ante essa côr viçosa e bella,
que no teu rosto os olhos meus domina ;
quando a rutila estrella,
do ceu se debruçar á estancia calma
que habites, disfarçado cherubim ;
fugaz thesouro, joia de minha alma,
não te esqueças de mim !



A MORTE DE CHRISTO ⁽³⁾

(TRADUZIDO DE ORIGINAL ANONYMO)

QUANDO Jesus pelos mortaes penava,
a Morte, ao vél-o no auge do supplicio,
attonita, indecisa, não ousava
exercer no Senhor o horrendo officio.

Christo, porém, que, fronticurve, estava
exposto á execução do atroz flagicio,
e os poderes divinos abdicava,
porque se consummasse o sacrificio ;

á Morte se franquêa e expira... O mundo
findar parece ao golpe sem segundo !..
o sol desmaia !.. a natureza geme !..

parece a rocha palpitar de dores !..
mas, quando no ar, na terra, tudo treme,
sois petreos corações, ó peccadores !



CONTRICÇÃO (4)

(DO ORIGINAL DE JACQUES DES BARREAUX)

TEUS actos, grande Deus, são plenos de equidade.
Tomas summo prazer, sempre, em nos ser propicio.
Mas, se a mim (tão máo fui !) perdoar tua bondade,
á justiça, qual és, trarás um maleficio.

Existe em mim, Senhor, tamanha impiedade
que apenas te permite a escolha do supplicio,
Oppõe-se ao teu poder minha felicidade.
E por sêres clemente espera, meu exicio.

Com os designios teus cumprida a gloria seja.
Offendo-te, a chorar. Castiga-me, iracundo.
A guerra que te fiz retaliada eu veja.

E' justo o teu rigor ; adoro-o, moribundo.
Mas, exposta ao teu raio, ha terra em que não 'steja
pelo sangue de Christo, ó Deus, coberto o mundo ?

AO CHRISTIANISMO

ARVORE excelsa, ha seculos florida,
que em tão fundas raizes te sustentas !
não te desfolhe o embate das tormentas
desta escabrosa e transitoria vida.

De seiva divinal sempre embebida
nos fructos com que as almas alimentas,
vae dando allivio ás afflicções mais lentas,
arvore excelsa, ha seculos florida.

Aberto, á tua sombra, o templo-illeso—
encha-se do porvir. Na austeridade
dos seus guardas não entre odio ou desprezo.

Onde te ergues, ó Cruz, reine a verdade ;
brilhe o eterno phanal, por Christo acceso,
no cimo do Calvario, á humanidade.



O BAILE

NESTA voragem fulgida,
que até impuras chammas,
dizem teus olhos avidos
— que és outra e me não amas !

Chega-te a mim... afasta-te
de monstros seductores,
num turbilhão magnetico
de luzes e de flôres.

Beldade que em taes vortices
cáe, nunca mais repousa;
tem o sinistro estímulo
da tonta mariposa.

Mas, tu— graça centripeta
de olhares que me affigem —
aviventando marmores,
das valsas na vertigem,

bebes, vaidosa e sôfrega,
a luz que te envenena,
emquanto, immovel, tacito,
ensombro-me de pena .

Ouve !.. inda é tempo... attende-me,
cessa a traidora danza !.
Do meigo olhar diffunde-me
um raio de cspança !

Vem, mira-te, meu idolo
no espelho crystallino...
Frio suor alaga-te
o rosto percgrino !

Mais que a da fonte limpida
aos sopros da procella,
em taes cansaços tolda-se
a candidez mais bella .

Como de uns olhos vívidos
fulgor o baile tira !
Lembras-me accesa lampada
que, exposta ao mocho, expira.

Quão fatigado e tremulo,
vejo offegar-te o seio
— desses rodópios barbaros,
no perigoso enleio !

Até as rosas, complices
do collo que as abriga,
do teu suor embriagam-se
e murcham de fadiga !

Foge do baile !.. Attende-me!
cessa a improficua dança !
Com teu socego volva-me
um raio de esperança.

Aos sons de leda musica,
em festival desordem,
o baile anima viboras
que a sensitiva mordem.

Em tão propicio estrepito
ás juras mais fingidas,
não custa aos Mephistopheles
perder as Margaridas.

Encasacados titeres,
já de valsar exhaustos,
fazem do rosto — mascara —
os mentirosos Faustos.

No aperto de mãos gélidas,
em tredo precipício,
que algemas funestissimas
lança ao pudor o vicio !

Após enlaces lubricos
da tentadora valsa,
após vehementes jubilos
na convivencia falsa,

ah ! quanta vez em victimas
das illusões perdidas,
entra, de chofre, a thysica
e ceifa innocuas vidas !

Volve aos folguedos placidos,
ó alma-passarinho !
burla attracções de Lucifer
e esconde-te em teu ninho !

Para as paixões ephemeras
da estúpida elegancia,
fiquem as doudas sylphides
— escravas da inconstancia.

.....

Baldado esforço !— Roubam-me
o unico thesouro !
E assim se perde um idolo
no humano sorvedouro !

Ferve em prazer satanico,
ó baile ! Eu te abomino .
Em teu bulicio esplendido
turvaste-me o destino !

Qual em dantescos circulos,
que vertem sangue e lama,
a magua irrompa em lagrimas
— da jubilosa flamma.

Mais do que evitam reprobos
a Cruz, que os não conforta,
fujo á voragem lucida
de uma esperanza. . . morta.



SAUDADE

QUE horrivel solidão, que desconforto!
que aidez de cingir-te nos meus braços!
Não sei para onde a dôr me leva os passos,
nem tenho na razão seguro porto.

Alheio ao mundo e só na idéa absorto
de prender-me contigo em doces laços,
partido o coração em mil pedaços,
longe de ti me encontro quasi morto.

Parece-me um sepulchro em tua ausencia
o lar que emparaizas. Meu socego
roubaste, amor, encanto da existencia !

Contra a voraz tristeza, a que me entrego,
volve a animar-me, célica influencia,
luz de meus olhos, restitue-te ao cego !



RESPOSTA AO PÉ DA LETTRA (*)

V I — confundido e extático —
a crença em que te libras.
Raios da penna o *Apostolo*
mostrou-me como vibras.

Sus ! paladino, ufana-te
do ardor com que te bates,
e crês — procella indomita —
que o luso roble abates !

Pastor sem letras chamas-te !
Não, és titan da imprensa.
Onde artificio logico,
que os teus assertos vença ? !

(*) A um pretensu contradictor de A. Herculano em questão religiosa.

Cada um dos teus periodos
mais panicos excita,
que os fachos gedeonicos
no campo madianita.

Contra o colosso lucido
da lingua portugueza,
quanto o poder davidico
excedes na afouteza !

Teu inimigo — a seculos
deu vida e luz na historia.
Tu, existencia ephemera
vens sepultar-lhe a gloria !

Nem San Thomaz, nem Socrates,
nem aguias do direito
contra sophistas barbaros
tiraram mais proveito !

Levas ao proprio Cicero
vantagem na eloquencia !
E's, orthodoxo espirito,
um poço de sapiencia.

Já defendendo o *Syllabus*,
já sustentando o papa,
se assim prosegues rispido,
nenhum maçon te escapa.

Em honra dos teus meritos,
não tardará que, ufano,
hospede-te o pontifice
no sacro vaticano.

Nos *cães que ladram rabidos*,
botes armando á lua,
dóe mais que mil anathemas
uma pedrada tua !

Emprega o braço rigido
no bando furibundo,
inda que a bem, de hypocritas,
fique sem cães o mundo.

Cessem profanos obices
á *santa* potestade.
Ao peso theocratico
dobre-se a christandade.

Religiosos despotas
guardem as crenças velhas ;
libertem-se das mascaras
pastores sem ovelhas .

E tu, que ao luso Hercules
juraste que o derrubas,
e, co'a sanfona estridula
calas famosas tubas ;

crê que ao ferrenho latego
nenhum maçon te escapa,
até que venha á America
e as mãos te beije o papa .



THIERS

QUANDO, arrastada na fatal contenda,
de Bonaparte a patria se abatia,
e um seculo de glorias não valia,
na hora do revez, hora tremenda ;

quando Paris, a victima estupenda,
no mais premente assedio se estorcia,
e, cumulo de males, a anarchia
dentro lhe andava na communa horrenda ;

quando, em Bismark e Moltke a Prussia erguida,
da arrogante victoria na balança
pesava a ouro o solo da invadida ;'

só elle poude tanto em tal provança ;
só pelo ardor de um velho defendida,
no brio de Thiers salvou-se a França.

1880



OS CORTEZÃOS (5)

AO VENERAVEL DEMOCRATA SALDANHA MARINHO

Courtisans, courtisans, démons, race damnée!

Victor Hugo.

F AZ gosto, nos regios paços,
ver os fatuos cortezãos.
Que flexiveis espinhaços
de empavezados palhaços,
de aristocratãs villãos !

De grande gala em cortejos,
trajando ricas librés,
(que magnificos ensejos !)
andam que nem caranguejos
e só nos bicos dos pés !

Tão cheias de sinecuras,
quão faltas de pundonor,
felizardas creaturas!
desfazem-se em mil medidas
perante o *augusto senhor*.

Um mosquito os incommoda,
se do rei pousa na tez ;
e o rei, que tanto os engoda,
põe-n'os de cabeça á roda,
da etiqueta no entremez.

Esses aulicos, protervos
para os humildes plebeus,
dir-se-ia que não têm nervos,
se ante o rei, tímidos servos,
curvam-se á imagem de Deus.

Elles no excelso monarcha
prezam o maximo bem ;
e se de tal patriarcha
apossar-se a fera Parca,
elles morrerão tambem.

Mas, Deus, que é-lhes Deus, só quando
o rei á igreja os conduz,
vae os annos dilatando
do rei que, em reinar tão brando,
a aurea edade reproduz.

O interesse tanto os liga
que só os desliga o rei.
Logicam pela barriga,
a razão nutrem da intriga,
sempre armados contra a lei.

Se o pequeno agras miserias
junto delles vem chorar,
entre chufas e pilherias
dizem : « De cousas mais serias
tem o rei que se occupar. »

E vão enxotando o pobre
com pragas os cortezãos,
por mais tempo que ao rei sóbre,
por mais que a penuria nobre
exemple aos nobres villãos.

Do franco á voz, que os põe fracos,
os cortezãos fazem dó.
Avessos a novos Gracchos,
mostram ganas de macacos
das graças ao pão-de-ló.

Por mais que perigos corra
o Estado em crises sem fim,
— comilões á tripa forra —
só pedem que o rei não morra
essas cópias de Caim.

E do povo ao justo brado
só respondem com desdem,
porque o rei lhes val o Estado,
porque, emquanto o rei amado
não morrer, tudo irá bem.

Verdugos, que imprecam raios
contra o que é licito e bom,
do throno esses papagaios
são excellentes lacaios
das Pompadour, Maintenon.

Servem sem franzir o rosto,
como os captivos de um *bey*,
como o cão que guarda um posto ;
servem com ancia e com gosto,
porque dão gosto ao seu rei.

No serviço em que se empenham,
só prestam para mentir ;
e por mais honras que tenham,
novos embustes engenham,
que o rei não deixe de ouvir.

Ah! venenos dos ouvidos,
conselheiros infieis !
de tantos solios cahidos,
quantos reis por vós perdidos,
quantos inda perdereis !

E se contra as vossas tramas
levanta o povo a cerviz,
— da raiva ardendo nas chammaes —
imputaes sangrentos dramas
á turba que vos maldiz.

Em todo o mundo execrados
sede, altiços cortezãos !
Da fortuna os desherdados
não toquem com pés honrados
onde tocam vossas mãos.

Julgaes que sois os senhores
do attribulado plebeu ?
Que petulancia, traidores !
Não passaes de aduladores
de quem ouvidos vos deu.

Para empolgar os fastigios
que o brio fazem descer,
vê-se que obrastes prodigios,
mas do indecoro os vestigios
nem soubestes esconder.

Aos modelos de civismo
votaes perpetuo rancor.
Consideraes patriotismo
esse ascoso servilismo
com que ostentaes um senhor.

Ao throno mais conchegados,
quanto mais subir quereis,
falsos nobres — paus dourados —
como el-rei vos traz vergados
das mesuras que fazeis !

A linha recta vos vexa ;
a curva bem vos condiz.
Quão natural vossa queixa,
se a plebe espaço não deixa
a vil lisonja, reptis.

Sempre os plebeus vos apontem
como um flagello sem par.
Ao povo — cordeiro de hontem
e hoje leão — não affrontam
os que vivem de adular.

Bando de lobos famintos
contra a lei, contra a razão,
burle o povo os labyrinthos
com que os vossos maus instinctos
buscam tolher a nação.

.. 153 ..

Mas, se o rei perder o throno,
os cortezãos eu verei,
quaes dispersos cães sem dono,
em tristissimo abandono
deixarem o amado rei.

1876



A CARLOS GOMES

POR OCCASIÃO DO SEU REGRESSO DA EUROPA

RESTITUIDO á terra das palmeiras,
d'onde voaste á terra das *madonas*,
de indebitos laureis não te empavonas,
nem te assoberbam palmas estrangeiras.

Aguia da inspiração, auras fagueiras
volves a respirar nas patrias zonas,
ante o sol que se banha no Amazonas
e doira as verdejantes cordilheiras.

Repousa, emquanto o mundo te proclama
— genio da musica — onde quer que assomes
no *Guarany*, que as multidões inflamma.

Em lingua universal, entre aureos nomes,
vendo afirmar-se o teu por digna fama,
divulgas o Brazil, ó Carlos Gomes !

VENUS CHRISTÃ

AO PROPECTO PHILOLOGO DR. CASTRO LOPES

Se a vira o caçador que o vulto humano
perdeu, vendo Diana n'agua clara,
nunca os famintos galgos o mataram,
que primeiro desejos o acabaram.

Camões.

A mulher nua é a mulher armada.

Victor Hugo.

I

EU vi, eu vi — realidade esplendida —
só, descuidosa,
folgar n'um banho a perfeição da plastica
mais perigosa.

Para os meus olhos que attractivo magico
e inesperado !
Eu tinha, occulto no arvoredo umbrifero,
pouso adequado.

Qual rosa abrindo aos matutinos osculos
da luz, da aragem ;
leda a mirar na correnteza limpida
a propria imagem ;

que formosura ! A contemplal-a, attonito,
Tantalo vero
tornei-me. Encantos, de que fui a victima,
pintal-os quero.

Pintal-os ? Não ; que embora exposta, ha seculos,
ao tacto, á vista,
de Eva a nudez — inexprimivel synthese —
mallogra o artista.

Mestres sublimes da esculptura hellenica,
Phidias, Lysippo,
jámais tivestes por modelo esthetico
tão bello typo.

II

Presa a seus gestos e attitudes, sófrega
do quanto via,
nas aguas mansas, toda olhar — que antithese ! —
minh'alma ardia.

Ah ! se eu pudesse transformar-me em liquido.
sereno e doce !

Se, em vez de ser morigerado bipede,
regato eu fosse !

Se, então, em mim se conservasse o espirito
livre, pensante,
e te embebesse, ó alabastro vívido,
carne inebriante !

Para impregnar-me do teu corpo, enchendo-te
de gozo estranho,
como em teus poros me infiltrára, a titulo
de grato banho !

Mas, ai de mim ! agrilhado e tacito,
eu me sentia
morrer de sêde, a me abraçar, tão proximo
d'agua tão fria.

Já que a meus olhos te mostraste, archetypo
na fonte immerso,
dá que eu recorde seducções fortissimas
em frouxo verso.

III

Mais do que a deusa que nasceu do pelago
— flamma animada —
no olhar dispunhas do esplendor dos tropicos,
brazilea fada.

De leite e rosas por divina chimica
eras composto,
em teu frescor de primavera fulgida,
ó lindo rosto.

Que negros cilios a franjar-te as palpebras !
que primoroso
perfil ! que buço a coroar-te o rúbido
labio donoso !

Que expositor de inestimaveis perolas !
Que deslumbrante,
franco sorriso, na effusão de jubilos
propios do infante !

Embora digam que encobrir-se o aspide
na flôr procura,
em taes semblantes transparece a indole
bondosa e pura.

A transbordar-te das espaduas nitidas,
fartas, redondas,
que amplo cabelo, desparzido ao zephiro
em negras ondas !

E o collo ? a neve que attrahia, férvidos,
milhões de beijos ? !
No collo — arfavam tentações magneticas
aos meus desejos.

De rijos gluteos que riqueza intrinseca !
Que cinturinha !
Que alvas columnas, sem a futil, classica
folha da vinha !

Perante os dons da natureza prodiga
em taes contornos,
detesto as modas que os escondem, barbaras,
com seus adornos.

Que incomparavel e aprazivel carcere,
se a treditos laços
me retrahisses para sempre, ó naiade,
preso em teus braços !

preso ás delicias do teu seio edenico,
té que ficasse
— de duas almas o resumo, o Andrógynos —
do ardente enlace.

Não vejam nisto exaltação erotica.
Eu não escrevo
para esse audaz naturalismo. Cinjo-me
ao casto enlevo.

IV

Deixando as aguas, tão vistosa e rorida,
a graça nua
vae enxugar-se, qual em nuvem candida
envolta a lua.

Mas, quando as vestes usuaes, domesticas,
retoma a dīva,
olha ao redor, a investigar as arvores,
apprehensiva...

as mãos mimosas nas gramineas asperas
entranha a triste...
maguando os pés de irrequieta sylphide,
na busca insiste...

vae... volta... á margem do ruidoso correço
de chofre pula
e encontra, alfim, o seu collar de aljofares,
que alegre oscula.

Graças á cruz, que recobrou, tão avida,
na joia achada,
varreu, de prompto, assustador prognostico
d'alma agitada.

Leve rumor sobresaltou-a... celere,
qual meteóro,
fugiu de mim a perfeição da plastica...
Fatal decoro !

Em que vazio me deixaste lóbrego,
mulher ou astro !
Venus christã, realidade esplendida,
perdi-te o rastro !

Não mais me obrigues ao penar de Tantaló,
poder tamanho.
Quasi que morro, allucinado, extatico,
martyr de um banho !



A' NOVA LEGIÃO

OFFERECIDA AO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

DE erroneas tradições alfim despertam
brios de uma nação,
e — instrumentos de Deus — abrem ao povo,
em risonho porvir, um mundo novo
á mente, ao coração.

Não trepideis, obreiros do progresso,
eia, avante ! eia, sus !
os males da ignorancia e da miseria
vencei ! Rendam-se escravos da materia
aos soldados da luz.

Em vez do ferro, á mortandade affeito
na batalha voraz,
tendes a penna, em que lampeja a idéa ;
e assim gravaes-no tempo aurea epopéa
do trabalho e da paz.

Tudo se inspira e tudo se electriza
da crença em que viveis ;
e, para gloria universal do ensino,
distribue-se no livro o pão divino
entre povos e reis.

Na marcha triumphal quantos prodigios
tal cruzada produz !
Para matar a sêde do vindouro,
d'alma aos impulsos, convertido, o ouro
corre em fontes de luz !

Annulle-se a despotica divisa
— o poder è o poder ; —
da força bruta o predominio acabe ;
reine a razão ; mais póde quem mais sabe
esperar e qucrer.

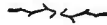
Firme-se a lei ao nivel do direito,
para todos equal.

Dessa egualdade immensos bens emanam.
Do monumento em que as nações se irmanam
a escola é o pedestal.

Illuminae e abri para o futuro,
com vossas nobres mãos,
a livre escola em alicerces fundos,
emquanto pede a voz d'ignotos mundos
luz, mais luz, cidadãos !

De incruentos heróes torne-se exercito
a Nova Legião ;
de Bethencourt augmente a potestade,
e da inercia triumphe a liberdade
nas armas da razão.

E' neste afan que se eternisa o homem,
porque assim Deus o quer.
Sus ! do santo labor colhendo a palma,
a patria engrandecei, gigantes d'alma,
no ensino da mulher !



CONDOLENCIA

(A UMA EXTREMOSA IRMAN)

ALMA candida, que vias
em tua irman tua igual,
e hoje a scismar te annuvas
na saudade fraternal;

para um tumulo attrahida,
em procura triste e van,
buscas a noite da vida
tu que és da vida a manhan ? !

Não te amargures, espera,
que a saudade terá fim.
Animada primavera,
não desanimes assim !

Da ternura, que te^o cerca,
se escondes prantos e ais,
vê que em teu mal se não perca
o bem maior de teus paes.

Não te acabes, paciencia,
devorada pela dor !
Por seres flor na innocencia,
queres durar como a flor ?

Tranquillisa-te, alma pura,
que tua irman não morreu.
A natureza o assegura,
confirmada pelo ceu.

E sem que illudir-te eu queira,
escuta a crença em que estou :
—Tua melhor companheira
do ninho apenas mudou.

Ave, qual és, peregrina,
baixada á terra por Deus,
acudindo á voz divina,
ella voou para os ceus.

A's vezes, quando amanhece,
na luz que doura o teu lar,
tua irman do Emypyreo desce
para os olhos te afagar.

No botão que se abre em rosa,
disfarçada te sorri
a fugitiva mimosa,
que não se esquece de ti.

Se da brisa entre bafejos
dormes, placida e louçan,
vem—n'uma enchente de beijos—
visitar-te a meiga irman.

Mas, a inercia da materia,
dos finados na mansão,
contra os bens da vida etherea
põe vacillante a razão.

E tu, que te vês roubada,
sem tua irman—tua equal,
talvez te assombras do nada,
alma candida, immortal.

Não te assuste o nada. Incerta
só esta existencia. Deus
do somno lethal desperta
almas que aspiram aos ceus.

Quando com sanhas de hyena
na argilla a morte se infue,
fica do ser que despena
luz, que ao ceu se restitue.

Irman, pela irman não chores,
cuidando que nunca mais
se encontrarão dous primores
tão semelhantes e eguaes.

Bem vejo e sei que, attrahida
para o tumulto voraz,
buscas metade da vida
n'um corpo que inerte jaz.

Mas, por mais presa que fiques
á tua mãe, a teu pae,
com teu penar não dupliques
a magua que nelles vae.

Da familia orgulho e encanto,
alma insonte e virginal,
desafoga-te do pranto
no regaço maternal.



A HELENA SANZ

QUANDO sobes, ó aguia da harmonia,
d'arte nos vãos que te elevam tanto,
desce aos mortaes—no esquecimento santo
da morte—o ledo numen da poesia.

Ligam-se em ti, por duplice magia,
de Italia e Hespanha os dons, mavioso encanto !
Se amor exprimes no animado canto,
resume-se em teu canto a Andaluizia.

Voz de sereia, furacões acalmas !
Prendes heróes e feiticeiras donas !
Onde imperio maior que o teu nas almas ? !

Musa viva, que as turbas apaixonas,
do Cid a terra—n'um milhão de palmas—
leva as palmas da terra do Amazonas.



TRISTEZA

LUDIBRIO da incerteza que o flagella,
n'um mar de scismas o meu ser fluctua...
Ai! que memoria! que alliada tua!
contra o socego meu que sentinella!

Da natureza prodiga e tão bella
não ha caricia que em minha alma influa.
Fujo até de avistar a meiga lua,
que visitar-me vem pela janella.

Que esperas, pois, meu bem, que me não soltas
desta afflicção?! Vem já, que já me invade
o desespero em horridas revoltas!

Quasi a extinguir-me em tanta soledade,
só me dá vida a idéa de que voltas.
Se não voltas, eu morro de saudade.



A' EXIMIA ACTRIZ

LUCINDA FURTADO COELHO

EM NOME DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

BEM haja o teu poder sublime, irresistivel,
que ás victorias do ensino associar-se quiz !
Bem haja a inspiração que zomba do impossivel
com teu raro valor, benefico e feliz !

O espirito a florir, a graça indefinivel
eras d'arte em seus dons fecundos e gentis ;
do trabalho ante heróes, da vera gloria ao nivel,
hoje tornou-se estrella o coração da actriz.

Brilharás no porvir, em claridade infinda,
tu que tens do brilhante a lucida rijeza,
quando ajudas o bem — no bello que és, Lucinda.

Confundem-se em teu ser a arte e a natureza.
De encantos feminis a synthese mais linda
verifica-se em ti, dupla e exemplar belleza.



A UM PE'

P é mimoso e saltitante,
que não cansas de saltar,
pousa na alfombra um instante,
não te mates a valsar !

Mais fugaz que o passarinho
de ramo em ramo a voar,
por que te furtas, pésinho,
ao meu tão sófrego olhar ?

Mal sabes quantos desejos
estão commigo a esperar !...
Dispões de um milhão de beijos,
e os não queres empregar !

Alvo de ardentes cubiças,
que te não deixas tocar,
quantos ciumes atiças
no irrequieto dansar !

Já perdi toda a esperança
de cansado te alcançar.
E's mesmo um pé de creança
n'uma sylphide a valsar.

Tão subtil, por mais que eu siga
teu rastro com vivo olhar,
pé feitiçeiro, ha quem diga
que não occupas logar ;

que a mais estreita botina
deixa-te á larga folgar,
e a seda melhor, mais fina,
vences na cutis sem par ;

que possues entre os dedinhos
de nitidez singular,
pé de fada, quatro ninhos
para o beijo se aninhar ;

que sob a pelle mimosa
brilha teu sangue a girar,
e tens unhas — côr de rosa,
em que a flôr tem que invejar.

Pé que avassallas gigantes,
basta de tanto pular,
se entre afagos aviltantes
não te queres descalçar ;

se—dos bailes prompto escravo—
não desejas entregar
aos ardis de amor ignavo
tão lindo corpo a valsar.

Pé buliçoso, socega,
não me faças desandar !
Se a tua dona está cega,
não me procures cegar.

Feliz quem, longe do vicio
e da inveja, te levar
para o thalamo propicio
á paz de risonho lar.

Então, por descanso ás almas
que hoje só buscas pisar,
de avidas mãos entre as palmas
terás castigo exemplar :

—Nú e exposto ao livre gozo
de insaciavel olhar,
a mil beijos, pé vaidoso,
has de tributo pagar .



A HENRIQUE DE MESQUITA

NÃO curves ao revez a laureada fronte.
Não morrerás, artista, embora a desventura,
sempre a tolher-te o vôo, inflija-te a tortura
a que foi condemnado o intrepido Laocoonte.

Tu, que soubeste haurir na inesgotavel fonte
de Mozart e Rossini a inspiração mais pura,
no applauso do vindouro a gloria tens segura.
Deixa que o zoilo audaz teus meritos affronte.

José Mauricio em ti revive e avulta. Quando,
por tua grande *Missa*, a receber conforto,
ao fastigio do bello a mente vae-se alando ;

que mystica expansão no templo refulgente !...
na musica e na prece a repartir-se, absorto,
folga entre o ceu e a terra o espirito do crente.



A' MÃE DOS BRAZILEIROS

A D. ANNA NERY

Charitas.... divis proxima virtus

B. Spagnuoli.

I

ALMAS que sois na terra amparos dos mendigcs,
refugios da orphandade, assombros da opulencia ;
que o fundo não medis aos hórridos perigos,
se uma vida arrancaes ás garras da indigencia !

O' vós, no culto irmãos, aos pés do Heróe do Golgotha,
que hoje vos adunaes, d'encontro a vis paixões,
sob o pendão do Christo, o deslumbrante lábaro,
— incentivo e phanal de prosperas nações !

D'arvore — caridade — ó ramos florescentes
que illesos requintaes em força, graça e luz,
e, remontando ao ceu, dos olhos de indigentes
o orvalho recebeis que a gratidão produz!

Vergontes do porvir, ó gerações novissimas,
que tanto acreditaes do tronco a seiva pura,
e pelos fructos bons vos compensaes em lagrimas
— as perolas que verte a humana desventura!

Patriotas sem falha, attentamente ouvi-me
e consagrae na historia o tão proficuo exemplo!
Em tal consagração entre o fervor sublime
com que vos dobra a crença, assim que entraes no templo!

Honre-se a musa minha e reverente curve-se
á inclyta mulher, da caridade á irman.
Sabeis quem? Porque a cinge immensa laurea civica?
Sabei; não dizem della uma só phrase van.

II

Bradara um povo : « A' guerra ! » E, de repente,
o do Brazil altisonante appello
os brios inflammou de mansa gente,
qual volcão que irrompesse d'entre o gelo.

Felizes n'um viver todo bonanças
quantos que de seus commodos sahiam
e, voluntarios de asperas provanças,
— pastos francos á morte... aos prelios iam!

Sentia a mãe por filhos que entregava,
mas, em tal sentimento era Cornelia;
do esposo a esposa, ufana se privava,
lições tomando da inspirada Adelia. (*)

Da feminina pleiade bahiana,
pelo civico ardor quasi divina,
a matrona de Sparta foi D. Anna,
protótypo de mãe, filha, heroína.

Mãe — repartia o coração, fagueira,
com tres filhos, que o ceu nella adoravam;
um se votara á militar carreira
e dous na medicina se emulavam.

Alma com lances da immortal Joanna
em quem da França humanisou-se a gloria,
era com taes virtudes tal bahiana
padrão famoso da brazileia historia.

(*) A notavel poetisa bahiana D. Adelia de Castro Fonseca.

III

Um dia, abraçando-a o filho
que della se achava perto,
lhe disse : « Creio que acerto
em seguir o mesmo trilho
dos meus briosos irmãos . »
E beijou-lhe avido as mãos .

« Meu sangue, o ceu te illumina !
— disse a mãe : — A mãe de Deus,
inspirando os filhos meus,
taes impulsos patrocina .
Com teu desejo tamanho
vamos, filho ; eu te acompanho . »

E elle beijava-lhe as mãos,
e os beijos benção tiveram ;
mas filho e mãe já não eram,
no civismo eram irmãos ;
eram dous que um só formavam
no brio em que se igualavam .

Era, Maria de Souza,
bem mais estupendo exemplo
do que esse, que inda contemplo
da tua prole na lousa !
Filhos não quizeste imbelles,
mas, não marchaste com elles.

E lá se foi a matrona
que lembra a Spartana heroica,
tão serena e tão estoica,
das suas acções tão dona,
que ás vezes fortes espanta !
e ás vezes fracos levanta !

Do filho, onde quer que elle ande,
logo os feitos se divulgam ;
e, por ver que os bons o julgam
tão filho de mãe tão grande,
dobra de amor ao trabalho,
dizendo : « Ante ella o que valho ?

Eu tão moço ; ella encanece ;
eu tão rijo ; ella tão fragil ;
mas, bem vezes é mais agil
do que eu, se das cans se esquece,
e corre, e ao correr põe termo,
quando me toma um enfermo ! »

E tão eguaes na porfia
da caridade exemplar,
lá vão dous a disputar
a impossivel primazia :
o filho adorando o brilho
da mãe tão cheia do filho.

IV

Filho tambem da singular Bahia
— de Grachos mãe — a tanta bizzarria
tudo que eu tinha em corpo e alma dei ;
quiz ver ao perto os portentosos lances
dos meus irmãos, quiz ver da morte os transes
em peitos taes, e o patrio lar deixei.

Quando eu subia o caudaloso Prata,
a vera fama, que os heróes acata,
já Brasileiros proclamára — heróes, —
já Riachuelo e Tuyuty brilhavam
á luz da imprensa, e parabens voavam
da culta Europa aos animados sóes.

V

De titanicos embates
encontrei-me, alfim, na arena.
Onde ha palavra, onde ha penna,
que descreva taes combates ?
Onde o gigante da idéa,
que de tão nova epopéa
immortalise as acções ?
Onde param vossos plectros,
rainhas de eternos sceptros,
musas de Tasso e Camões ?

Para minh'alma oh ! que alento
nessas bellicas paragens !
Senti, replecto de imagens,
um mundo no pensamento...

Vi nas aguas os vestigios
dos imprevistos prodigios,
que Barroso praticou ;
da naval, brazilea historia
a mais esplendida gloria
ouvi dizer-me : Aqui estou. (*)

Mas esse tão grato enleio
durou bem poucos instantes !
Nos sons crebros, incessantes,
de longinquo bombardeio,
escutando echos da guerra,
aportei a estranha terra. (6)
Lá, entre angustias reaes,
orchestras ouvi de gemidos
ante um povo de feridos,
ante horrendos hospitaes.

Restos vivos das batalhas,
quantos valentes soldados,
resistiam mutilados
á morte, a talhar mortalhas !

(*) A enseada do Riachuelo, na qual se deu o famoso combate.

Ante longas agonias,
gastando noites e dias
em seraphico mister,
dos heróes á cabeceira,
velava egregia enfermeira,
anjo em fórmula de mulher.

Quem era essa alma tão forte ?
Quem era esse anjo de lucto,
de rosto sereno e enxuto
ante os estragos da morte ?
Era a bahiana heroína,
a cumprir missão divina
com evangelico ardor ;
meiga pomba de paciencia,
— com afanosa assistencia —
guardava estatuas de dor.

Quando eu a tão justo espanto
não sabia achar um termo,
— « D. Anna ! » chamou-a enfermo
entre gemidos. No entanto,
pressurosa ella acudiu-lhe,
ancias da sêde extinguiu-lhe
e as feridas lhe pensou ;

depois disse : « Está-me entregue ;
socegue, filho, socegue
na esperança que lhe dou. »

E renovando confortos
nos leitos que visitava,
essa heroína avivava
os gigantes semi-mortos !
E ao vê-la, em torno aos doentes,
alegando os descontentes
como as aves a manhan,
diziam da gloria obreiros :
—« Ella é a mãe dos Brasileiros,
da caridade é a irman ! »

Sahiu . . . após o seu rastro
fui, por saber-lhe a morada.
Nella eu via uma inspirada,
a fulgir mais do que um astro.
Entrei-lhe o lar . . . quão ameno
recebeu-me ! tão pequeno
a todos dava logar !
tinha por hospedes—bravos—,
por enfermos tinha—escravos
dessa enfermeira exemplar !

E onde havia auxilio igual,
se ella fez, por duplo auxilio,
—hospital—seu domicilio,
—seu domicilio—o hospital ?!

Quedei-me tão commovido
que senti não ser ferido,
e assim meu premio colher
de mãos que melhor pagavam,
do que os louros que brotavam
para a inveja os esconder.

Que mãos aquellas donosas !
por mil balsamos valiam,
e blasphemias reprimiam
contra as dôrcs mais teimosas !
Que mãos suaves nas curas !
Mais beneficicas e puras
só as tuas mãos, Jesus,
a se banharem de sangue,
até remires — exangue —
a humanidade na Cruz !

VI.

Um dia, toda entregue á lida quotidiana,
desmortalhando heróes, a inclyta D. Anna,
forçava-os a sorrir, sorria ao seu trabalho ;
e sempre a lamentar que — em lagrimas — o orvalho
da flor da gratidão, nos rostos dos feridos,
tornasse a flor tão vista aos olhos dos descridos.
Mal que em lamentos taes fechava-se a louvores
essa alma, sempre aberta ás mais estranhas dores,
outro encargo do ceu lhe vinha. Ouvido um pae
no transe em que do corpo o espirito se esvae,
Deus querendo evitar ostentações mesquinhas,
ao anjo do hospital mandou tres orphãzinhas.
Tão tenras e sem paes vendo-as, sumiu-se o riso
da fagueira mulher. — «Pobre, qual sou, preciso
indemnisa-las bem da perda que soffreram. . .
Quando ? como ? em que lar melhor que o que perderam ? —
Disse entre humilde e triste, a consultar a Deus,
ella — o prompto recurso ás decisões dos ceus.
Que attracção da matrona ás orphãs tão contentes !
Que transição feliz !... Que apego de innocentes !...
E' que já tinham mãe que lhes valia mais
do que os perdidos bens, do que os finados paes.

De todas a menor disse a estender os braços :
— Mãe — Foi quanto bastou para um milhão de abraços.
Feliz o que tem paes ! Mas não se julgue pobre
quem, depois de os perder, encontra mãe tão nobre.

VII

Por sobre a terra desdobrára a noite
tetrico manto ; procelloso açoite
— de um povo inculto castigava os tectos.
Exposto á chuva, supplicava abrigo
o vagabundo, que nasceu mendigo
e expira sem affectos.

A noite ! a socia da tristeza ! o seio
em que domina o crapuloso enleio,
em que, ó maldade, contra o bem te nutres ;
a noite, o véo a mil traições propicio,
complice mór da exaltação do vicio,
do crime e dos abutres !

Foi Deus meu guia. A cerração tremenda
pude romper, até que achei vivenda
de orphãos asylo, que me deu pousada.
Lá vi D. Anna, de pezar transida,
a assim queixar-se da precaria vida
por tantos festejada :

«Ai ! quanto custa á pobre mãe, que soffre,
perder de chofre, inestimavel bem !
Ai ! rogos vãos da maternal saudade !
Nesta orphandade quem me acode ?!... quem ?!..

Tres vezes mãe, aos filhos meus dilectos
gratos affectos tão eguaes votei..
Ai ! na trindade intrometteu-se a morte,
dando-lhe um córte, em que jámais pensei !

Se ella o poupára — exposto a mil pellouros —
colhendo louros o meu filho heróe ;
se assim me rouba o que fingiu poupar-me,
por que deixar-me á dôr que tanto dóe !? (*)

Fiquem os dous que o meu penar estranham
e nada ganham dos tormentos meus...
Mas que delirio !... que blasphemias digo !...
Fazei commigo o que entenderdes, Deus !

Dae que eu me livre desta magua immensa,
que força a crença a vacillar-me assim !
Fujam de mim cogitações vorazes !...
Filho, onde jazes, pede a Deus por mim !

(*) O benemerito cirurgião da armada, Dr. Justiniano de Castro Rabello, bravo de Paysandú, Itapirú e Humaytá, fallecido em 1869.

Pede tambem por teus irmãos tão caros, (*)
que mais avaros são de mim, depois
que na trindade intrometteu-se a morte,
por dar-lhe o córte e invalidar-me aos dois ! »

VIII

Calou-se, immersa em lagrimas
a maternal saudade,
ante a cruel verdade
tão fria a se lhe oppôr !
Ai ! da amargura tacita
profunda, indefinivel
que, absorta no impossivel,
dá vida á propria dôr !

Mas, da mulher magnanima
a angustia, de improviso,
desfez-se n'um sorriso !...
Tal o revolto mar,
quando a procella horrisona
resolve-se em bonança,
logo se affaz, se amansa
aos beijos do luar.

(*) O Dr. Isidoro Nery e o capitão Pedro Nery.

Sabeis qual foi o estimulo
da mutação divina?
Sabeis porque a heroína
deu mostras de feliz?
Foi que das orphãs gárrulas
a triste, vendo os rostos,
furtou-se a seus desgostos
nos risos infantis.

Se ha quem de lances biblicos
duvide, por maldade,
e á feminil vontade
conteste intrepidez ;
se Esther, Judith e Débora
são fabulosos entes,
D. Anna os mais descrentes
seus tributarios fez.

Da morte contra os impetos .
foi a melhor barreira,
e, impavida enfermeira
no horror dos hospitaes,
de bravos quasi exanimés
cuidando nas feridas,
restituiu mil vidas
ás lutas marciaes.

De Aspazias e Cleopatras
— rainhas e demonios
dos Péricles e Antonios —
acabe-se o poder ;
deixe de ser automato
o escravo da beldade,
e adore a caridade
em fórma de mulher.

Gloria á mulher protótypo
da pleiada bahiana !
gloria á exemplar D. Anna,
que a benções mil tem jus !
gloria á coragem mascula
da — mãe dos Brasileiros —,
esse anjo, que aos guerreiros
serviu de amparo e luz !

Que são precarias dadas
da terra agradecida,
a quem subiu, em vida,
a escada de Jacob ?
Mãe que afagaes os martyres
lá no celeste gremio,
daes o condigno premio
á nova irman de Job !



DESPEDIDA

Eternité, néant, passé, sombres abîmes,
que faites-vous des jours que vous engloutissez?
Parlez: nous rendrez-vous ces extases sublimes
que votis nous ravissez?

Lamartine

ADEUS! adeus! donosa companheira!
Por mais que eu queira te reter, não posso,
Vaes para sempre! Conformer-me devo,
perdido o enlevo do porvir tão nosso.

Desta existencia no fatal declive
que empenho tive em te seguir o ardor!
Sempre na idéa de, fugindo aos ermos,
juntos morreremos de expansões do amor.

Que de attractivos! que pasmosas scenas,
amplas e amenas! que vivaz folguedo!
Sorrisse o tempo, ou se mostrasse iroso,
tudo era gozo ao viajar sem medo!

Quanto incentivo de arte ou natureza !
Aqui — riqueza ; alli — poder ; além
— gloria !... A surgir de mares, montes, valles,
sempre entre males avultava um bem.

Corremos, tontos de prazer e anhelos !...
Que sonhos bellos de acordados !... Fomos
presos por fada que guardava, ufana,
em fôrma humana os mais vedados pomos.

Gastou-me as forças, a tolher-me o passo,
o tredo laço dos encantos seus !
E assim me deixas, na voraz saudade !
Ai ! Mocidade — para sempre — adeus !

1 de Março de 1883.





SEGUNDA PARTE

CASTRO ALVES

AO COMMEMORAR-SE O DECIMO ANNIVERSARIO DO SEU PASSAMENTO

I

A' luz da imprensa e sob o ceu jocundo,
que é o eterno docel da liberdade,
fala por tua voz, posteridade,
a gloria de um poeta ao Novo Mundo.

Predestinado espirito, oriundo
das expansões de Deus na humanidade,
elle subiu do bello á immensidade
— aguia da inspiração no estro fecundo. —

Terra de Santa Cruz, que a tanto brilho
da natureza serves de proscenio !
hoje a lembrar-te o glorioso filho,

diz a Bahia, a mãe de heróes gigantes :
«Do lucido oceano — alma do genio —
sois meu thesouro, *espumas fluctuantes* ! »

II

Ao ver que a escravidão nos patrios lares
Ihe deshonra os braços de brasileiro,
tortura-se o poeta, em mil pezares,
ante as scenas cruéis do captiveiro.

Cravando no porvir, como um luzeiro,
longos e philantropicos olhares,
clama, em nome de Deus, contra o negreiro :
« Colombo, fecha a porta dos teus mares ! » (*)

Castro Alves, no seio do finito
echoa ainda o humanitario grito
— maldição contra o horror de impios agravos.

A' tua musa, tão precoce e mestra,
consagram preito, em colossal orchestra,
vozes d'Africa em vozes dos escravos.

(*) Verso de Castro Alves.

III

Sôa a lyra do amor — n'alma que anhela
fundir-se n'alma da mulher querida ;
sôa languidamente enternecida,
a desarmar as furias da procella.

Nos olhos fulge de Marilia bella
graça que aos puros extases convida ;
vê Dirceu, como synthese da vida,
um sol no ceu e um sol nos olhos della. (*)

De Tiradentes no supplicio horrendo
morre a paz do cantor que diz, morrendo :
« Amor ! do olvido é justo que me salves ! »

Da injuria salvo o precioso espolio
e elevado n'um drama ao capitolio,
Gonzaga, reviveste em Castro Alves !

(*) Verso de José Bonifácio.

IV

Mocidade, chrysalida da gloria,
que as azas tomas de infinitas chammas !
ó alma de porvir, que o louro enramas
em trophéos do passado — alma da historia !

Do povo, ó coração, guarda — entre palmas —
do poeta os mirificos enlevos.

Abaixo o ouro que amesquinha as almas ;
acima a idéa que transcende os evos.

10 de julho de 1881



RECONCILIAÇÃO

(DO ORIGINAL DE GUIDO SPANO.)

FIZ-LHE, hontem, n'um sarau (nunca o fizera !)
declaração de amor. Mostrou-se esquivada
e pareceu-me — na attitude austera —
montanhas contrapor-me. Ao vel-a altiva,
como explicar a sensação vehemente
que me abalou ? — « Perdão » — lhe disse, tonto
de raiva a me queimar em dôr fervente,
« Bem merece encontrar-vos indulgente
« quem, conscio do erro, em corrigir-se é prompto.
« Não ver-vos mais prometto. Repellido,
« vou sepultar o meu revez no olvido. »

O prometter não é cumprir (ó fado !)
Tanto era o amor, tão bella a feiticeira !
Quiz vel-a inda uma vez — a derradeira.
 Confuso, attribulado,
sem saber como, achei-me hoje a seu lado.
Fitou-me intensamente. Que rubôres
animavam-lhe o rosto de sultana !
No meigo olhar que divinaes fulgores !
« Guardaes-me inda rancor ? » me disse, ufana,
trescalando-lhe a boca deliciosa
 á maçã mais cheirosa :
e disse mais a deusa em fórma humana
— « Hontem sonhei comvosco » — Amor, presumes
qual não foi meu prazer ! — « E que sonhaveis ? »
— « Que a meus pés, supplicante, me offertaveis
um copo effervescente de perfumes !



A PALMEIRA

AO DR. HERACLITO GRAÇA, FINO CULTOR DO BELLO

Minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá !

Gonçalves Dias.

QUANTO exalças a flora brasileira
— nas selvas — em vistosas columnatas !
Obra de summa esthetica, arrebatas
sabios e artistas, ó gentil palmeira :

Se te ouço o afflar dos leques, feiticeira,
se entras na orchestra de aves e cascatas,
logo me avivas impressões tão gratas
dos aureos tempos da illusão fagueira.

Ah ! quanta vez me dirigiste os passos,
ó mimo vegetal, nuncia prestante,
que surges no ermo a viajores lassos ! . . .

Dir-se-ia que tens alma ! Qual o infante,
que á maternal caricia estende os braços,
da tarde ás virações te influes galante.

A VICTOR HUGO (*)

Onorate l'altissimo poeta!

Dante.

SUBLIME octogenario, aguia do seculo,
que á tua apotheose em vida assistes,
roble inconcusso, intemerato espirito,
que ás tempestades sociaes resistes!

Eu te saúdo, ante o fulgor dos tropicos,
egual ao brilho que de ti desprendes.
Tu, como o sol que anima a livre America,
os mundos d'alma com teu estro accendes.

(*) Por occasião da apotheose realizada em Pariz, no dia anniversario natalicio do grande poeta, que a presenciou.

Eu te bendigo, successor de Tacito
nos zelos que te inspira a liberdade ;
applaudo-te, vidente philantropico
da paz — na universal fraternidade.

Oh que incessante afan, que almos estímulos
propagam-se em teus livros sempre novos !
Attento á voz dos hospitaes, dos carceres,
synthetisas no verbo a dôr dos povos.

Sobrevivendo a todos os teus emulos,
— só — prosegues, nutrido em sacro lume,
desespero de innumerados discipulos,
— na ambição de imitar-te, que os consume.

Sacode aos ventos perennaes do espirito,
ó leão secular, a illesa juba !
Que importam zoilos — cegos cães rachiticos —
se leve impulso teu logo os derruba ?

Olha em torno de ti ! . . . concentra, impavido,
o mar, a terra e o ceu no pensamento ;
devassa os astros, a espelhar no cerebro
essas flôres de luz do firmamento !

Tu, que soffreste o exilio no teu Caucaso,
e delle te recordas hoje ufano,
mixto, qual és, de Prometheu e de Eschylo,
dás a ler quanto lêste no oceano.

E diz o mar — de heróes e monstros vortice,
de feitos colossaes tumba e proscenio —
que não basta o poder do immenso liquido
para apagar o fogo em que arde o genio.

Que vês nos homens ? Crenças antagonicas
e flagellos moraes que a vida encerra ;
tudo a desnaturar-se na politica,
e a morte a progredir — na arte da guerra !

Prégas o bem, e, em teu clamor prophetico,
perante o mal que em plena Europa avulta,
zombas de thronos, bates — no patibulo —
o homicidio legal que a Deus insulta.

A escravos do prazer tiras as mascaras,
em prol da prostituta e do engeitado ;
do analphabeto e do indigente os obices
mostras no ouro do vicio brazonado.

Interprete de berços e de tumulos,
dás ao que vês e expões — fôrma divina,
reproduzindo auroras e crepusculos
de tua alma na esfera crystallina.

E quando, a transbordar de affectos intimos,
pareces a aguia absorta entre dois ninhos,
no remanso do lar, poeta olympico,
beija-te as cans o ceu em teus netinhos.

Sacrario e abrigo de innocentes jubilos
do animado futuro que te afaga,
ao mundo ensinas como — em santo balsamo —
da maior pena o coração se paga.

— Tudo quebra e se esvae — E' tua maxima,
contra o orgulho dos sabios e dos grandes.
Mas tu, que a fibra tens de Job e Socrates,
sempre o mesmo és no culto em que te expandes.

E assim o teu viver, colosso de animo,
haure na terra a exhalação celeste.
— da esposa que te aguarda lá no Emyreio,
— da viva herança que da prole houveste.

Rei da imaginação, és o meu idolo !
Não ha poder que assim me imponha e attraia.
Sempre no teu zenith estás esplendido,
emquanto o sol dos tropicos desmaia !

Que é feito desses estros fecundissimos,
— Goethe, Byron, Manzoni e Lamartine ?
Mudos e inertes sob o frio marmore
jazem, por mais que a gloria os illumine .

Que é feito de estadistas magnos, lucidos,
astros cuja influencia inda perdura ?
Cavour, Thiers, Guizot, Russell e Palmerston,
sumiram-se tambem na sepultura !

A lutadores taes feliz superstite,
não ha labor que os brios teus modere.
Vives para avivar a fama posthuma
do Dante, de Camões e de Voltaire.

Mais do que mil trophéos, teu verso aos posteros .
faz avultar de Bonaparte o nome.
Ficou de pé o heróe no justo cantico,
demolida a columna de Vendôme.

Tens na penna o cinzel de Miguel Angelo,
se eriges monumentos em romances ;
aos dons da natureza os dons artisticos
no drama equalas, em pasmosos lances.

Primando sempre em vigorosa antithese,
no assumpto a mina esgotas das idéas ;
o bello exhibes n'alma de *Quasimodo* ;
resumes n'uma pagina epopéas.

Silencio a tudo impões na musa altiloqua,
em busca do porvir continuamente ;
Niagara de luz, opposto aos despotas,
as turbas arrebatas na torrente.

E — se, dircito ou força, algoz ou victima, —
tudo cede, afinal, do tempo ao jugo,
só não decae, de encontro a mil catastrophes,
o amor á liberdade em Victor Hugo.

Mas, que audacia infantil em mim ! Perdoa-me,
se quiz em vans estrophes descrever-te,
quando — teu capitolio — a França omnimoda
bastante já não é para abranger-te.

Enchendo a historia, sobrevive ao seculo ;
á tua apotheose, ó genio, assiste !
— Arma de Deus — não se aniquila o espirito
que ás tempestades sociaes resiste .

E, qual a planta que no valle, humilima,
recebe o sol que os Andes illumina,
— eu, pobre filho da opulenta America —
de ti recebo a inspiração divina.

1882



AO CEARA' (*)

AO ILLUSTRE MAGISTRADO TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

N'ALMA do povo assoma a idéa ingente
da abolição do horrivel captiveiro...
Do norte ao sul, no sólo brasileiro
raizes ganha a divinal semente.

De Cains á cubiça, de repente,
oppõe-se o mar—no livre jangadeiro,
e no Acarape, no exemplar luzeiro,
descobre-se o porvir ao mais descrente.

O' terra de Alencar! A Divindade
pague-te em bens de omnimoda riqueza
quanta força vaes dando á liberdade.

Se heróes, como Tiburcio, na afouteza
te honram na guerra—heróes da humanidade—
teus filhos, hoje, acclama a natureza.

(*) Por occasião de emancipar-se a capital da provincia.



QUEIXAS DE TANTALO

(COPLAS ADAPTAVEIS Á BARCAROLA «PENSO»)

A BRES-ME dentro d'alma o paraizo
com teu sorriso
fascinador !

Rompe na tua voz, que me avigora,
a leda aurora
de casto amor...

Mas, tu — senhora unica
de pensamento altivo —
foges, deixando attonito
o teu fiel captivo !

Mostras na divinal, vivaz palavra,
o ardor que lavra
no seio teu.

Nutres pelo silencio, attenta a ouvir-me,
a crença firme
do culto meu.

Depois, esquivada e timida
da chamma em que me accendes,
— entre a esperanza e a duvida —
ao cego amor me prendes !

Surge-me em sonhos, meiga, a imagem tua,
bem como a lua
no estivo ceu;
e me abraçando, plena de caricia,
da pudicia
tiras o veu...

Mas, quando acordo — automato
do anhelado fervoroso,
sou verdadeiro Tantalos
no mallogrado gozo.



JOSE' DE ALENCAR

SEM fugir das políticas porfias,
em teus dons litterarios quanto déste !
Onde se occulta a fonte em que bebias,
com tão proficua sêde, a luz celeste ?

Se ha quem possa imitar-te, ninguem veste
de mais vivas, mais proprias louçanias,
— sublimes lances da paixão agreste,
brasileas selvas em risonhos dias,

— Bellos padrões de sobrio realismo —
scenas do culto lar, de alto civismo,
gravaste em livros de verdade extrema.

Omnimodo talento, á patria grata
lembram-te — enlevos de *Pery* na matta —
— á beira-mar — soluços de *Iracema*.



PREITO A CAMÕES

AO COMMEMORAR-SE NO BRAZIL O TRICENTENARIO
DO GRANDE EPICO

.. . e por muitos seculos ainda o teu
centenario reunirá em torno de tuas
estatuas, espalhadas pelos vastos
dominios da lingua portugueza, as
duas Nações eternamente tributarias
da tua gloria que, unidas hoje pela
primeira vez, pela paixão da arte e
da poesia, acclamam a tua realeza
electiva perpetua e confundem
teu genio a tua obra n'uma
salva de admiração, de reconheci-
mento e de amor, que ha de ser
ouvida no outro seculo.

Joaquim Nabuco.



CAMÕES ENTRE DOUS MUNDOS

AO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

POESIA RECITADA NO THEATRO D. PEDRO II, AO REALIZAR-SE
O ESPLENDIDO FESTIVAL

Hoje renasce na immortal saudade:
Tem nos versos a patria aos ceus erguida,
e o seu amor n'um templo — a eternidade.

José Bonifacio.

ENTRE povos irmãos, nesta homenagem posthuma,
elimina-se o mar, confundem-se bandeiras!...
Galás, que vejo aqui, sois luso-brazileiras,
e um idolo exaltaes acima de nações!
Vejo de Humbolt o apreço ao *gran pintor maritimo*, (*)
ao temido rival do portentoso Tasso.
Nos dous povos, que admiro, em fraternal abraço,
vejo em tudo Camões.

(*) Expressões do sabio, quando no *Kosmos* se refere aos *Lusiadas*.

Gloria ao poeta-rei ! gloria á estupenda tempera
do vate a laborar no empenho sobre-humano !
glória aos effluvios d'alma, accesa no oceano
para animar no verso as priscas tradições !
glória ao sublime obreiro !...Encheu-lhe Deus o cerebro!...
Entre as aguas e o ceu lutando, a immensa idéa
poude abranger o mar — em lucida epopéa —
na mente de Camões !

Soluça, geme, espuma, encrespa-se, arde o pelago!...
hórrido ruge o abysmo!... Onde ha poder que o prenda?...
De chofre assoma e fala a catadura horrenda
do africano colosso, alvo dos furacões!...
No ingente Adamastor, petrificada victima,
que aviso e ensinamento a escravos da belleza !
Submette-se a razão á voz da natureza
na tuba de Camões.

Indefessos heroes, quaes os de Homero e Eschylo ;
Venus, qual nunca a viu, nem a pintara Apelles ;
as graças mais louçans, tão fortes quanto imbelles ;
as fraquezas do Olympto ; as civicas paixões ;
de Lucrecio o vigor ; a concisão de Tacito ;
de Virgilio a ternura ; o verberar do Dante ;
tudo isto se contém e attráe — no altisonante
poema de Camões.

Não é só o pintor, o engenho fidelíssimo,
que espelha em mimos d'arte os naturaes primores;
é o arauto do bem, que aos grandes pensadores
descortina o porvir em nobres previsões;
é o criterio unido á inspiração mirífica;
é o sublime ardor do patriota, o lume
do passado, em que um povo heroico se resume,
— o estro de Camões.

Quanto opprobrio, meu Deus, quanta injustiça barbara
nos inimigos vis do vate perseguido!
quantas vezes no exilio e quantas esquecido
— elle tão sobranceiro a insidias e baldões!
Ah! quem lhe sorprendesse em solidão, no carcere,
na saudade e na fome, incriveis desventuras,
veria então viver das proprias amarguras
o genio de Camões.

Ella!... só ella, ao longe era a esperança unica!...
a humanisada estrella, a dirigir-lhe o passo,
o alimento, o conforto ao peregrino lasso,
o enlevo a povoar-lhe um mundo de illusões!
Oh! que amor, que ideal! que poderoso estímulo!
Em fórma de mulher que inspiração aquella!
Mas, a morte a colheu e arrebatou com ella
a gloria de Camões!

Corpos que illuminaes este recinto fulgido,
almas que bebeis luz, vivas rivaes das rosas,
forças que reprimis sempre victoriosas,
com um olhar atheus, com lagrimas leões!
se tanto vos orgulha-a tradição hellenica,
cm que de Omphale aos pés vê-se Hercules captivo,
honrae-vos de Nathercia — o idolo, o incentivo,
a musa de Camões!

E vós, que prezaes tanto a universal republica
— a das letras — ó rei, modelo de prudencia,
que sois inda mais rei no culto da sciencia
do que pelo valor de vastas possessões; (*)
vós não desceis, subis, e pareceis mais principe,
quando, vos pondo assim ao nivel de um proscenio,
vindes preito render á majestade — genio —
no throno de Camões!

Mas, deste jubileu vôa atravez do Atlantico
a homenagem mais grata ao berço do poeta!...
chega ao Tejo... á Lisboa, á terra predilecta
do epico embebido em célicas visões...
E' da posteridade a acclamação justissima,
é do Brazil a voz que, dominando os ventos,
aos irmãos de alem-mar leva estes pensamentos
na lingua de Camões:

(*) Sua Majestade o Sr. D. Pedro II.

« Eil-o a attestar no bronze os brios de tres seculos !
eil-o da lusa gloria o immorredouro bardo !
Quão nobre Portugal o premio, embora tardo,
a quem celebrisou-te as armas e os barões !
A estatua senhoril do teu poeta altiloquo,
do cantor genial da linda Ignez, do Gama,
hoje aos evos se impõe, erguida pela fama,
que diz á terra e ao ceu : Camões ! Camões ! Camões !

Reanimando heróes em majestade olympica,
o poder de Camões ao pensamento avulta ;
ao grande que se ostenta, ao pobre que se occulta,
exempla o avito ardor. Com civica altivez,
fidalgôs e plebeus sinceramente irmanam-se
e, em publica oblação, dizem perante a estatua :
— Camões, vingado estás da gente iniqua e fatua !
Camões, teu nome abrange o nome portuguez ! —

Que importa que do vate as cinzas n'um sarcophago
não resguardasse a patria, opposta ao frio olvido ?
que importa, se do tempo o morto, alfim, remido,
resuscitou maior no immenso pedestal ?
Aquella estatua humilha os thronos vãos e ephemerous ;
naquella estatua fulge a realza-gloria ;
aquella estatua val tres seculos na historia ;
naquella estatua estão Camões e Portugal.

Bronze fundido, em honra aos dons de excelso espirito,
do entusiasmo ao fogo, acceso em grandes almas,
bronze monumental, que arranca ao mundo palmas,
bronze de tal valor, que eu exprimir não sei ;
sublimado metal, no centenario esplendido,
tens hoje as sagrações festivas, populares,
que assim dizem a Deus, electrizando os ares :
— Honra ao rei Dom Luiz, que honra o poeta rei ! —

— Rei na epopéa, rei nos sacrificios bellicos,
rei na firmeza d'alma, escrava de Nathercia,
por quem jámais teu estro arrefeceu de inercia,
por quem de pranto encheste a gruta de Macau ;
Camões, que, a sós, provaste as furias d'Asia e d'Africa,
hoje, na gratidão que te recorda, inspiras
de Leal e Ribeiro (*) as opulentas lyras,
tu que inspiraste outr'ora a compaixão do Jau !

Litterato e estadista, engenho vasto e omnimodo,
cantor que de saudade embeveceste o Sena,
que do theatro luso o sceptro tens na penna,
que ao porvir entregaste offensas a Camões,
inspirado Garret ! em vez do justo anathema,
que a compatricios teus lançaste em versos de ouro,
desfere d'alem-campa, ó vate immorredouro,
condigno parabem ás novas gerações !

(*) Os dous aliloquos poetas Mendes Leal e Thomaz Ribeiro.

Sobreviva Camões aos evos. Quando o postero
no passado não creia em Passos e Castilho; (*)
inda que o zoilo audaz, da inveja cego filho,
intente deprimir do genio o pedestal;
a estatua, sobranceira ás injustiças posthumas,
sirva de exemplo a reus de olvido clamoroso.
E, quando a estatua tombe, a impulso proceloso,
illeso assomará Camões em Portugal.

Emquanto o sol mostrar-se á America, os *Lusiadas*
hão de mostrar-lhe o ardor de feitos sobrehumanos,
ha de em Camões brilhar a luz dos Lusitanos,
d'entre os espessos veus de heroicas tradições.
E, quando exhausta a Europa, em sociaes catastrophes,
de voragem fatal debata-se no fundo,
guarde, ufano, o Brazil padrões do Velho Mundo;
salve-se Portugal nos versos de Camões.

10 de junho de 1880.

(*) Soares de Passos e Visconde de Castilho, inexcediveis apologistas de Camões.



A IMPRENSA A CAMÕES

PUBLICADA NOS ORGÃOS PRINCIPAES DA IMPRENSA DIARIA

Em honra ao gran cantor de inspiração homérica,
ao sol de Portugal em fôrma de epopéa,
a quem sondou no mar titanicas paixões,
de Gutenberg a filha, amada pela America,
no altar da liberdade hoje festeja a idéa
que avassalla o porvir á fama de Camões.

Nesta homenagem brilhe o espirito magnanimo,
de Franklin — o luzeiro e rei da livre imprensa.
Do Velho Mundo ao astro, ó vero Prometheu
do Novo Mundo, applaude, em honra aos lumes do animo !
Exulta de prazer, ó potestade immensa
que aos tyrannos tomaste o sceptro e o raio ao ceu !

Erguidos pela imprensa, em oblação magnetica,
preitos ao luso Homero em toda a parte assomem.
Irmanem-se as nações — no apreço universal
á influencia do genio, altiloqua e prophetica.
Pague-se em gloria eterna o ardor que eleva o homem.
Na gloria de Camões recresça Portugal.



A SORTE DE CAMÕES

(PUBLICADA NO « CRUZEIRO »)

CAMÕES, em tua historia bem se estampa
a razão singular do teu destino.
Apurando-te os dons do estro divino,
a dôr te acompanhou do berço á campa. (a)

Lutaste pelo amor, alvo da ira
dos zoilos que debalde se consomem ;
mas, por mostrar-se o genio igual ao homem,
foste grande na dôr como na lyra. (b)

Tudo o que tinhas déste. Da existencia
— tributaria da Patria em crença pura —
amar, cantar, soffrer, levou-te a essencia. (c)

Na gloria compensando-te a amargura
para em ti comprovar-se, a Omnipotencia
te mediu pelo genio a desventura. (d)

(a, b, c, d.) Versos de Soares de Passos a Camões.

A ROSA DE CAMÕES

(HOMENAGEM DA «GAZETA DE NOTÍCIAS»)

NATHERCIA, quanta magua e quantos damnos
custaste ao genio, em seu amor primeiro !
N'alma abriu-se-lhe, ao ver-te, o sol fagueiro,
para a lançar no abysmo dos enganos .

Contra inimigos tredos, deshumanos,
armou-se de constancia o jardineiro,
e, adorando-te o viço feiticeiro,
zombou dos preconceitos, seus tyrannos .

Da ingratição, nutrida pelo inferno,
foi victima Camões !... Tantos carinhos
baldou na terra—em ti—fatal procella !

Levou-te Deus para o vergel eterno...
mas, a gloria nasceu dos teus espinhos,
rosa de amor, rosa purpurca e bella ! ()*

(*) Verso de A. Garret no poema *Camões*.

CAMÕES E A MOCIDADE ⁽⁷⁾

TRANSUMPTO da razão em bronzeo molde,
pintor da natureza em magno verso,
nunca do tempo o despotismo tolde
tua fama—rainha do universo—.

Seja o teu busto, olympico, esplendente,
o pharol das nações que em ti se irmanam ;
entre dous mundos cresça e cresça a enchente
do lume que os *Lusiadas* derramam.

Que invejavel a tua potestade !
em teu genio que estimulo seguro !
em tua gloria que immortal verdade !

Guarda-te agora, immenso palinuro,
no capitolio vivo—a mocidade,
na mocidade em braços do futuro !



CAMÕES E NATHERCIA

DEPOIS de ermar, com intimo tormento,
na Asia impassivel, na Africa assombrosa,
volve á patria Camões, patria ditosa,
que em Nathercia lhe prende o pensamento.

Longos annos de dôr um só momento
basta para os delir n'alma saudosa...
Ai delle ! encontra morta a humana rosa !
A patria o vae matar no esquecimento !

E o genio, que alcançou dupla victoria,
das ondas os *Lusiadas* salvando,
salvando n'um poema a lusa historia,

de Nathercia ante a lousa diz, chorando :
« Musa, que me inspiraste o amor á gloria,
« *hei de, martyr de amor, morrer te amando.* »



SERENATA

(DO ORIGINAL DE VICTOR HUGO)

QUANDO cantas, embalada,
á noite, nos braços meus,
não ouves? meus pensamentos
respondem baixinho aos teus.
No teu cantar me remontas
ao meu passado melhor.
Oh canta, sempre,
meu lindo amor.

Quando ris, o amor se expande
em tua bôca mimosa,
e, de chofre, me dissipa
feroz suspeita zelosa.
Sorrisos taes não encobrem
coração enganador.
Sorri-me, sempre,
meu lindo amor.

Quando, absorto, eu te contemplo
a dormir serena e pura,
que expressões harmoniosas
o teu respirar murmura !
Que mimo — sem atavios —
o teu corpo encantador !

Dorme assim, sempre,
meu lindo amor.

Quando me dizes — Eu te amo —
creio em ti, meu seraphim,
e creio que nos teus labios
abre-se o ceu para mim.
Teu olhar despede chispas
do bello fogo de amor.

Ama-me, sempre,
com tanto ardor.

Bem vês, toda esta existencia
quatro palavras a abrangem.
Todos os bens desejaveis,
sem os males que os constrangem.
Tudo que póde encantar
e que póde seduzir :

Cantar e rir,
dormir e amar .

O PRIMEIRO AMOR

ANTES de ver-te, fui qual bruto marmore.
Hoje, incendiado em teu celeste ardor,
eu sou a estatua, que animaste, ó idolo,
nas puras crenças do primeiro amor !

Só para amar-te aspiro á vida eterna,
ó graça terna, em que me forro á dôr.
A liberdade que perdi não choro.
Escravo, adoro meu primeiro amor.

Entra-me n'alma o teu fragrante anhelito,
qual fresco orvalho em desprezada flor.
N'um riso teu, que é do peccado — antidoto —
que effluvios bebe o meu primeiro amor !

Mais altos postos a vaidade atinja ;
mais louros cinja o marcial valor ;
que á gloria, imposta em colossaes tributos,
prefiro os fructos do primeiro amor .

Por ti se inflora a laranjeira, sôfrega
de engrinaldar-te ! O vegetal candor
supera, ó virgem, nessa fronte angelica
—alvo dos beijos do primeiro amor .

Não turbe a audacia, do indecoro oriunda,
gozos que infunda o virginal pudor .
A inveja as rosas não converta em goivos
aos ledos noivos do primeiro amor .

— Filhas da magua — nunca empanem lagrimas,
nos olhos teus o divinal fulgor .
D'enlevo eu morra em teu rēgaço edenico,
antes que morras, meu primeiro amor .

A VOZ DA POSTERIDADE ⁽⁸⁾

AO VISCONDE DO RIO BRANCO

ANTE a effigie veneravel,
luminosa, inseparavel
do meu pobre e grato lar ;
de Paranhos ante o vulto,
da Gloria erguido no culto,
ouço a Gloria assim falar :

« Eu sou a posteridade
e venho te agradecer.
— Bemfeitor da humanidade —
qual foste, sempre has de ser,
nos fastos da liberdade
a que serviu teu poder.

Aos politicos partidos
sobreleva o teu brazão.
Elles, hoje, confundidos
devem render-te oblação,
em nome dos redimidos,
por honra de uma nação.

Se as honras sobem e descem
na escada entre o mal e o bem ;
se os homens desaparecem,
neste mundano vai-vem ;
nos libertados, que crescem,
teu nome cresce tambem.

Armado pelo talento
em gigantesco labor,
nas lutas do parlamento
foste o egregio defensor
do porvir, que era instrumento
de um crime alçado em senhor.

Conquistando na tribuna
inextinguiveis tropheus,
tua eloquencia, — columna
firme e illesa entre labeus —
poz paradeiro á fortuna
de altivos e impunes reus.

E assim, de chofre, atacada
na immensa fonte do mal,
por tres seculos guardada
contra a honra nacional,
a escravidão foi trancada
em seu negro pantanal.

Supprimir esse flagello
de todo — era o empenho teu;
mas, ardor tão puro e bello
em tí a patria o perdeu,
quando a morte — em tanto anhelô
de progresso, te colheu.

Ante o vacuo, que deixaste
e tão pobre para o encher,
soffre o Brazil, do contraste
(de que sempre ha de soffrer)
medindo os bens que legaste
pela dôr de te perder.

Quando zoilos — que abrigavas,
depois de affrontas crueis —
procurem (almas ignavas !)
escurecer teus laureis,
às bençãos das mães escravas
são tributarias fieis.

Já não és só Brasileiro
no apreço que tens, és mais :
na homenagem do Estrangeiro
em fama crescendo vaes.
Para tão válido obreiro
só palmas universaes .

A' luz de feitos tamanhos
com que se aclara o porvir ;
ante estadistas tacanhos,
que a Deus não sabem servir ;
gloria ao poder de Paranhos
que fez a pátria subir !



NOME INDELEVEL

DESESPERO dos fortes—na hombridade
—Homem de pedra—no dizer dos fracos,
servias em teu posto a liberdade,
honrando-a mais do que pretensos Gracchos.

Guarda assiduo da lei, censor conspicuo
— justo meio entre amigos e contrarios —
eras um correctivo assaz proficuo,
no choque de interesses partidarios.

Se em tão altas funcções, bahiano ingente,
arreatou-te á patria, de repente,
a morte avara, que portentos some,

—epitaphio da gloria—á luz dos prélos,
diz mais que monumentos este nome :
—Zacharias de Góes e Vasconcellos.



PRIMEIRO BEIJO DE AMOR

(DE ORIGINAL HESPANHOL (*))

QUANDO, em horas de tristeza,
sinto o peito lacerado,
ai ! evoco o meu passado,
meu passado encantador.
Surgindo entre agras lembranças,
qual santelmo em noite escura,
me dissipas a amargura,
primeiro beijo de amor !

(*) Em papeis velhos extraviou-se o original desta minha traducção, sendo-me impossível declarar agora o nome do autor.

Beijo puro qual a brisa
que sussurra sobre os mares ;
mais fresco que os laranjares,
mais sincero que o pudor ;
tanto tempo appetecido,
tanto tempo supplicado,
primeiro beijo alcançado
por um impeto de amor !

Beijo, que d'alma brotaste
daquella pomba innocente ;
prenda de affecto eloquente,
joia de immenso valor ;
harmonia do passado,
que a minha vida regala ;
flor purissima, que exhala
brando perfume de amor !

Se do passado a meus rogos
voltasse a quadra fagueira,
e dessa paixão primeira
me transmittisse o fervor ;
Ah ! se da illusão perdida
galas de outr'ora brilhassem,
e tuas azas me roçassem,
primeiro beijo de amor !

Ai, linda ! se nos meus braços
volvesses a tanto anhelos,
involta no amplo cabello
para occultar o rubor,
contendo a custo em teu seio
o coração palpitante,
trememente o labio, hesitante,
ao dar-me o beijo de amor !...

Recordação de minha alma,
grinalda de niveas flores,
doce voz dos meus amores
que me acalenta a dor ;
não fujas, nem um só dia,
da mente que te acarinha
recordação que és tão minha,
primeiro beijo de amor !

E, quando o adeus derradeiro
eu disser ao mundo escasso,
e a Deus, no siderio espaço,
minha alma ascendendo fôr ;
ó suave companheiro,
não deixes teu grato amigo :
sobe, em minha alma commigo,
primeiro beijo de amor !

AO PASSAMENTO DE VICTOR HUGO

Dors, Maître, dans la paix de ta gloire ! Repose,
cerveau prodigieux, d'ou, pendant soixante ans,
jaillit l'éruption des concerts éclatants.

Lecomte de Lisle.

DEU-LHE a imaginação a portentosa escada.
Mas, antes de attingir o lume inextinguível,
o novo Prometheu, da humanidade ao nível,
teve que supplantar a astucia enthronisada.

De arma serviu-lhe a penna, á ovante e coroada
traição de usurpador opondo-se invencível.
— Vero apostolo d'arte e mestre inexcédível —
sublimou-se o titão na Europa deslumbrada.

— De vidro para o fraco e de aço para o forte —
que oraculo do bem ! Fulgurou de tal sorte
que era phanal divino em prol da liberdade.

« Que ascensão triumphal ! » Diz a posteridade :
« Elle a subir crescia !... E subiu té que a morte
foi-lhe ultimo degrau para a immortalidade ! »

1886



AVE, LIBERTAS !

A' CAMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1885

LIBERDADE, eis-o teu dia,
que val por seculos mil
para a sã democracia,
para a gloria do Brazil.
Liberdade ! iman dos Fabios,
verbo em flammigeros labios
de heróes armados por Deus ;
Liberdade ! o melhor thema
és da eloquencia suprema,
que impõe silencio aos atheus.

Alma dos Gracchos, rainha
que offuscas todos os reis,
por mais que gente mesquinha
tente empanar teus laureis ;
sol, sem nuvens, reverbero
do ceu, que ao somno do Nero
sempre um phantasma serás ;
santelmo da humanidade,
indefessa Liberdade
para as conquistas da paz !

Gemea da gloria, os teus feitos
só desconhece o villão
que do proximo aos direitos
teima em fechar a razão.
Mas, inda echôa o teu grito
do Ypiranga—no infinito—
para escârmento a mandões ;
e a tua voz, Liberdade,
mais forte que a tempestade,
faz e refaz as nações.

De cem barbaros colossos
que te oppunham forças vans,
hoje só restam destroços
que falam de mil titans.

Se os teus heróis, Liberdade,
honraram tua vontade,
firmando assim teu porvir,
já não ha tremer de jugos,
por mais que assomem verdugos,
que inda tens de supprimir.

Quando julgavam-te exangue
na terra de Santa-Cruz,
de Tiradentes no sangue
preparaste excelsa luz.
Dispões de influxos divinos,
quando evocas em teus hymnos
as sombras de Briareus !...
Gloria a ti, santa verdade !
Quem não te quer, Liberdade,
recusa o perdão de Deus.

Eu não, que jámais me esqueço
do teu minimo revez ;
eu, que em teu fogo me aqueço,
do Horeb, ó sarça, qual és ;
venho sagrar-te os meus cultos,
recordando heróis sepultos
que batalharam por ti !

E, quanto mais os relembro
ante o Sete de Setembro,
que á patria livre sorri ;

mais elamo :—Basta de agravos
a Deus, terra de ehistãos !
Uns livres, outros escravos,
não podem chamar-se irmãos.
Gozem todos liberdade ;
haja perfeita equidade
—do rei e do povo em prol.
Quando este lemma não vingue ;
ante o horror, que não se extingue,
no Brazil se apague o sol.

Luz do ceu, que o rumo aelaras,
no oceano do porvir,
ás nações cultas e avaras
da liberdade a florir !
não mais te mostres risonha ;
foge de assombro e vergonha,
se impera a negra excepção !
Luz, não se empreguem teus dias
na maior das villanias,
no imperio da escravidão !

Que mancha do captiveiro !
que affronta irrogada á luz !
e no ceu brilha o Cruzeiro,
e estende os braços a Cruz !
Quando se annullem promessas
a um milhão de almas oppressas,
crentes no povo e no rei,
venha o novo cataclismo
e acabe-se o anachronismo
infame, arrimado á lei.

Seja este o voto mais puro
de quem sabe á patria honrar,
tributario do futuro,
hoje, da patria no altar.
Gloria á illustre edilidade,
que festeja a liberdade
—quebrando grilhões aos cem. (*)
Com esses tão dignos feitos
côquista a nação direitos
a universal parabem.

(*) Allusão ás cem cartas de alforria que obteve Camara Municipal.



O DESCRIDO

AO ILLUSTRADO COLLEGA, DR. RAMIZ GALVÃO

Assás, ó Deus, o homem sobre a terra
revela teu poder, tua grandeza.

A razão és tu mesmo;— a liberdade
com que prendaste o homem, não, não pôde
dominar a Razão, que te proclama.

D. Magalhães.

I

RUGINDO irrompe a tempestade horrenda !
Na electrica effusão rasgam-se as nuvens
sobre a aturdida terra !... De continuo
roncam trovões... relampagos flammejam !
Faixa de fogo a refulgir sinistra,
desdobra-se do ceu e estala o raio !
A colera que os ares ennegrece,
repercutindo nas cavadas rochas,
por sobre o mar os impetos diffunde.

Azorrague a zunir, raivoso o vento
do ninho arranca espavoridas aves ;
de avido lavrador annulla esforços,
devastando-lhe a messe. Fustigados,
na selva oscillam seculares troncos.
Alagam-se em torrentes de aguaceiro
plainos e lombas... rios de enxurrada
rolam por valles, aluindo montes !
Aguias, reptis escondem-se confusos !
A tumular silencio reduzidos
na opulenta cidade, mal respiram
fidalgos e plebeus... O medo impede
as expansões do formigueiro humano.

II

Sem lar, sem rumo, incolume affrontando
as furias da tormenta, homem-phantasma
á beira-mar blasphemias vocifera...
ufano desafia os elementos...
conjura a morte e — impavido — responde
aos raios com sarcasmos de possesso !

« Porque não vens,—exclama— ira celeste
aniquilar-me?! Ha tanto que te aguardo !
Se é justo Deus, se a Providencia existe,
porque recusa desfazer-me em cinzas,
quando na morte o meu socego espero ?
Filho do nada, ao nada aqui me exponho,
Só nelle creio, só comprehendendo nelle
o descanso eternal, que tanto almejam
— escravos das promessas de além-campa —
espiritos banaes, cerebros ôcos.
— Morrer, dormir, talvez sonhar, quem sabe? —
Disse o poeta. Que esperança estulta !
Se, á mingua de oleo, bruxolêa o lume,
e a lampada se apaga, assim nos homens
— chammas precarias, que a vaidade nutre,—
esvae-se a luz da vida em corpo e alma.
Voluntario do tumulo, bemdigo
na rasoura da morte o bem superno.
Onde nivelador igual á maga,
que de todos se apossa e todos some
na mesma argilla, de que todos surgem ?
Honra, gloria, prazer, sciencia, mundos
que de encantos povôa a phantasia,
tudo é mentira, aberração, chimera

e cegueira da mente. Não, não creio
nas irrisórias pretensões mundanas,
nas leis dos homens, frívolas ou torpes,
que da ventura universal cogitam,
em pura perda. A magistral verdade,
única, immensa, eterna, irrefragável,
na mudez do sepulchro impõe-se aos vivos
e attesta a paz do inoffensivo morto.
Vem, ó morte ! A sorrir dos que te evitam,
sublime redemptora, eu te saúdo !
Que me importa o pensar de nescios crentes !
Morrer é libertar-me da existencia,
fechando os olhos para sempre aos quadros
de insanáveis miserias, que chafurdam
no mesmo lôdo e o mesmo orgulho ostentam ;
é nunca mais soffrer, de nôjo ou raiva,
dos semelhantes meus ante a fraqueza,
ludibrio de covarde tyrannia ;
é deixar de beber atroz veneno
propinado por labios mentirosos
em falsos beijos, em fingidas juras,
contra illusões do amor ; é sob a tumba
fugir, sumir-me da voraz descrença
que me attráe, qual o fogo ás salamandras.

Nada sou, nada prezo, a nada aspiro
na vida em que me achei, sem que a buscasse.
Já que não vens, ou não me queres, morte,
corro a encontrar-te no profundo abysmo. »
E atufou-se nas aguas !... De repente
desfez-se a tempestade !... luz fagucira
volveu em dia limpido ao planeta !
Parece que a borrasca, em seus furores
estimulando ao sceptico blasphemias,
emmudeceu de pasmo, ante o desfecho
da tormentosa vida. A natureza
— naquelle filho ingrato — alliviou-se
da procella mais horrida, a procella
erguida contra Deus n'um pensamento.

.....
Das ondas á mercê, boia um cadaver,
e afinal rejeitado pelas ondas,
as mãos da caridade abrem-lhe a cova.
Mais um que se finou. Que pressa inutil
para o termo fatal ! Que importa ao mundo
um vivente de menos ? Não decresce
na incessante harmonia do universo
a obra de Jehová. Bem hajam vidas
que dadivas divinas se reputam.
Gloria á crença que os martyres alenta !

III

Cégo incuravel, perca-se o descrido
no arrojô da razão, no infausto empenho
de perscrutar a origem do Increado.
Seja a loucura o paradeiro opposto
ao sceptico blasphemo. Em densas trevas
achem castigo as mentes rebelladas
contra a luz de que as almas se alimentam,
nos arroubos da fé. Se é nada o homem,
porque nasceu do nada, erga-se, avulte
nos soffrimentos que o viver lhe acendram.
Flamma precaria embora, o ser finito
da Divindade, ás vezes se approxima
— no ardor de inesgotavel paciencia.
Se te privas da vida, em vão desforço,
quão refractaria és tu, descrença humana,
aos dons, ás provas da grandeza eterna !

Março de 1889.



13 DE MAIO DE 1888

Essa lei humanitaria liberal fez
mais pela grandeza do Imperio do que
a mais gloriosa guerra. (*)

I

HOSANNA ! Hosanna ! O opprobrio de tres seculos
desfez-se á luz de plena liberdade.

Hosanna ! Hosanna ! Completou-se a Patria
por victoria que exalça a Humanidade.

Desaffrontaram-se a moral e o codigo
de anachronico horror, por lei mantido.

— De ser pessoa — a quem só era automato
eil-o de todo o jus restituído.

(*) Telegramma do governo da Italia.

Exulta a Natureza .. honra-se a America...
em caudaes de prazer fundem-se as almas,
e a Deus se eleva uma oblação magnifica
de altares, tumbas, lagrimas e palmas !

Forma-se assim (prodigio philantropico !)
a escada de Jacob !.. Erros e aggravos
cahem no olvido, emquanto o ceu franquêa-se
á redempção dos ultimos escravos.

Delles aos brados — na expansão gratissima,
que de alegria abala o mundo inteiro —
baixa os olhos á terra o Heróe do Golgotha
e se revê no Povo Brasileiro.

Do Christo se apodera o humano jubilo
com tal força que a propria Divindade,
satisfeita, conter não póde as lagrimas
movidas pelo amor da liberdade.

Que expressivo e ineffavel beneplacito !
Os olhos lacrimosos do Deus-Filho
vertem gottas de luz, delindo a macula
que de um Imperio ennodeava o brilho.

II

Vergeis produza esse divino rócio
onde era a escravidão — pantano immundo,
e do Brazil no solo opulentissimo
novo Edem se afigure o Novo Mundo.

Onde houve mancha que durou tres seculos,
onde medrava o sórdido egoismo,
firme-se o throno em sentimentos civicos;
irmane os cidadãos vero altruismo.

Frutifique o labor... de industrias próvidas
escolas e officinas mil pullulem.
De irmãos-verdugos as libertas victimas,
— escravas da indolencia — não se annullem.

Da brazilea Isabel — augusto symbolo
de duas redempções á gente escrava —
em adequado preito, diga o postero
que de tal Pae tal Filha se esperava.

Avante ! Avante ! Sejam todos — emulos —
em busca do porvir, que se abre franco.
Governo ou povo, ninguem perca estimulos
da grandeza exemplar de Rio Branco.

III

Do mal, que a degradou, remiu-se a Patria.
Para ampliar os bens, que a Lei nos traz,
eis do progresso a verdadeira synthese :
— Luz e trabalho, liberdade e paz.



JOSÉ BONIFACIO

« **D**ORME o batalhador ! » Da gloria a méta
elle attingiu, em prol da gente escrava,
vibrando na palavra a herculea clava,
e ardendo, ó patria, por te ver completa.

Se já não se ouve o immaculado athleta
— voz que fulgia, ou lume que falava —
brilham na imprensa, que prodigios grava,
os surtos do orador e do poeta.

Quando, inspirada, altisona, divina,
dos labios lhe jorrava a rcpentina
eloquencia que seculos occupa,

tanto a idéa no verbo transluzia,
que aos avidos ouvintes parecia
o flammejar do sol na catadupa !

GRATIAS AGAMUS (9)

A' FESTEJADISSIMA CHEGADA DO IMPERADOR

Junquem-lhe a estrada olympica
flôres, laureis e palmas :
ouça, qual hymno harmonico,
terna expansão das almas,
e arda no intenso jubilo,
que agita os coraçôes.

B. de Paranapiacaba.

EIL-O restituído ao povo brasileiro
o seu vivo brazão, o principe luzeiro
de civismo e labor !
Eil-o a fruir de novo os bens de que é tão dono,
da patria no regaço — indisputavel throno —
do amado imperador.

Se os outros reis escuda o direito divino,
se valem-se outros reis do recurso ferino
de ensanguentar nações,
em Dom Pedro é bem outra a segurança régia ;
que á realza deu realidade egregia
de preclaras acções.

Elle, a quem fôra berço um throno em vasto Imperio,
da nova monarchia em o novo hemispherio
poude os males frustrar,
e — instrumento de Deus e precoce imperante —
todo á nação votou-se o lucido gigante
n'arte de governar.

Sobranceiro aos ardis de grandes e pequenos,
— de uns que se dobram logo aos minimos acenos,
de outros que exigem mais, —
soube o justo monarcha ao seu dever cingir-se,
indo d'encontro aos fins de Cassandra ou de Circe
nos aulicos fataes.

Que omnimoda funcção ! que afan ! que paciencia !
Alentavam-lhe a vida as fontes da sciencia,
em horas de lazer ;
era-lhe enlevo o livro, o sabio lhe era amigo :
descançava — no estudo, o seu melhor abrigo, —
do peso do poder.

Dir-se-ia ubiquo o rei : attento a tudo, a todos,
sobreposto a paixões, indifferente a apodos
de inimigo pygmeu,
prompto ao perdão da affronta oriunda dos despeitos,
de quantos triumphou na ambição satisfeitos,
e quantos converteu !

No duplice papel de Augusto e de Mecenas,
aos cultores do bello, em praticas amenas,
jámals impoz-se rei ;
das idéas no attrito, em busca da verdade,
semprc quiz que ao saber coubesse a majestade,
e a razão dêsse a lei.

Um dia, ao receber, perante o mundo culto,
na offensa ao patrio solo,—o clamoroso insulto
do algoz do Paraguay,
erigiu-se leão no principe o cordeiro,
e, acceso para a guerra o sangue brasileiro,
no rei mostrou-se um pae.

Da patria na defenza a levantar muralhas
em voluntarios mil, que entravam nas batalhas
com ardor de titans ;
esperando vencer com brio immaculado
c, em tanta expectação absorto, e coroado
de prematuras cans,

sublimou-se o monarcha. Acima dos vestigios
da bravura de Herval e dos navaes prodigios
— Riachuelo, Humaytá, —
acima de tropheus das bellicas porfias
do joven Orléans, do vetusto Caxias,
Dom Pedro avultará.

Resoluto a imprimir a resistencia do aço
em cada pensamento, em cada heroico braço,
foi elle o promotor
da victoria cabal. Pague a posteridade
quanto deve o Brazil á força dc vontade
do grande imperador.

Quando, ao findar-se a luta, o povo agradecido
quiz n'uma estatua dar-lhe o premio merccido,
« Votae-me — disse o rei —
« monumento maior, fecundo monumento :
« Em cada escola aberta a meu contentamento
um pedestal terci. »

Depois, a corrigir erros de atro passado,
nas conquistas da paz coroou-se o reinado
de applauso universal :
O abysmo — escravidão, — por seculos aberto,
extinguiu-se, n'um dia !... Encheu-se do liberto
a gloria nacional.

Ao consummar-se assim a aspiração patente
do Pae mediante a Filha, e quando o Omnipotente
o revocava aos ceus,
quão supplicante oppoz-se um povo afflicto, ancioso
de rever e acclamar seu idolo saudoso !...
E demoveu-se Deus !

Perante a Europa, então, cheia de condolencia,
no imminente revez divinisou-se a sciencia
de Semmola e Charcot !...
Da modestia lethal salvou-se a tão prezada
vida que, entre ovações, chegara a ser louvada
por Herculano e Hugo.

Bem haja a pura fé, que disputou á morte
o egregio rei ! Bem haja o apego da consorte,
seu anjo tutelar !

Perante o redivivo em corpo e alma, — o novo
Marco Aurelio — bem haja a gratidão do povo,
que ha de aos evos passar.

22 de Agosto de 1888



ENTRE O MAR E O CEU

AO PRIMO E AMIGO, CAPITÃO DE FRAGATA EDUARDO GONDA

I

DAS aguas na amplidão, em noite luzidia,
— por desazo fatal — velozes se abalrôam
dous navios !... Ao longe, horrivelmente echoam
brados de maldição, gemidos de agonia !

Que antithese pasmosa ! Em tacita apathia
— neste — escravos do medo, illesos se amontoam ;
— naquelle — a sossobrar, que vidas lá se escôam !...
Salva-se o *Pirapama*... e perde-se o *Bahia* !

Que luta desigual ! A onda e o marinheiro
batem-se !.. A bracejar com sôfrego altruismo,
o naufrago arrebatá á morte o companheiro !

Que arrojos na creança ! em cegos que estoicismo !
de creança que fervor no alento derradeiro !...
e que impassível ceu a tanto paroxismo !

II

— Polvo immenso, que a victima enleuada
vae nos rijos tentaculos premendo —
penetra o mar na embarcação vergada,
de chofre, ao peso do revez tremendo.

Recantos já não ha que os não invada
o marulhoso liquido estupendo !...
Do somno para a morte inopinada
quantas vidas arranca o embate horrendo !

Sorvida pelo abysmo a presa informe,
some-se... oh Deus !... que sobrehumano esforço,
mallogrado afinal no transe enorme !

De tanto horror não ha tirar desforço.
Volve tudo ao silencio... A terra dorme ...
e ao mar fagueira noite alisa o dorso !



CLARO-ESCURO

AO DR. JOSÉ JOAQUIM DO CARMO, ESPIRITO CULTO E ESTOICO

Es tu, materia,
parte vil do meu ser, és tu quem sempre
vem contrastar do espirito os arrojós.
Como na vida ha bens, fóra da vida
já não cremos que os possa haver maiores.

Goethe (FAUSTO) ()*

PODER HUMANO, que te falta ainda?!
Tens ao dominio teu submissas, doceis,

as forças do planeta. A teus caprichos
— da natureza os reinos se avassallam.

Multiplicando os braços e vencendo
estorvos mil, por machinas tão aptas
que do teu proprio espirito se animam,
a ferro e fogo as solidões acordas,
transformas os desertos em cidades,
marcs confundes, serranias rasgas,
fazes, desfazes colossacs prodigios,
afanoso titão, na paz, na guerra!

(*) Traducção do visconde de Castilho.

D'encontro ao vendaval abysmos salvas
no cavallo dynamico. Os arcanos
do ceu, da terra, investigando, armado
de instrumentos que ampliam teus sentidos,
na etherea immensidade orbes perlustras ;
na gotta de agua o microcosmo espreitas,
para evitar universaes flagellos.
Na imprensa, que propaga e perpetua
o pensamento, ubiquidade alcançam
teus productos mentaes. Frustras, supprimes,
mediante a chispa electrica, as distancias,
e—ausente o sol—o dia continúas.
Tens na luz—a instantanea retratista,
e, graças ao phonographo estupendo,
gravas a voz, tão nitida e vibrante,
que, além de traduzir-te os lances d'alma,
póde — o que é mais—sobreviver-te ao corpo !

Que herança a tua em dons de artista ou sabio !
Canova, Buonarotti, Sanzio, Rubens,
—com tanta inspiração—vida imprimiram
no marmore ou na tela—oh maravilha !—
que se confundem arte e natureza.
De Socrates na crença o Ceu devassas.
Todo o bello ideal dos priscos tempos
Homero, Eschylo e Sophocles o mostram,
ao seculo actual. Por mais que a sciencia

transcenda em Kant ou se limite em Comte,
— dando leis ao pensar — impõe-se aos evos
do omnimodo Aristoteles o engenho.
De Juvenal nas satyras, no estigma
da concisão de Tacito — a torpezas —
remedios tens, que servem d'escarmento.
Nos bronzeos versos de Camões, do Tasso,
exemplam de aurea epocha as conquistas.
De assombrosas paixões veros espelhos
possues nas scenas do immortal Shakspeare,
mestre ingente em sondar abysmos d'alma.
No poema que as dores synthetisa,
castigo oppondo aos mais nefandos crimes,
pela visão do Dante vês o inferno
— amalgama de victimas e algozes,
mixto de sangue e lagrimas e lama,
a rugir, a ferver sobre almas presas
em circulos de horrificos tormentos.
Melhor que o E'den das ficções de Milton,
deu-te Colombo o novo paraizo
nas pompas florestaes do Novo Mundo.
Ahi, na vastidão propicia ao curso
do Amazonas e aos multiplos certames
da progressiva industria, a natureza
em tudo inspira amor á liberdade,
que tanto se nutriu d'alma de Washington.

Audaz mineiro, na inducção firmado,
revolvendo de seculos as cinzas,
recompões o passado mais remoto
ou o porvir devassas. Indomavel
— na idéa sobranceira a espaço e tempo—
barro animado, abranges o Infinito !

Tudo isto inda achas pouco ! Velho ou joven,
ignaro ou sabio, contra Deus te insurges,
porque, fugindo á dor, só tédio encontras
no abuso do prazer. Ingrato, ufano
da sciencia contraposta ás leis divinas,
ai ! cego — em pleno seculo das luzes !
te consumes nas improbas pesquisas,
e assim o proprio bem no mal convertes.
Triste desfecho, suffocante vacuo
para os sectarios de Hæckel, embebidos
na insana apotheose da materia !
Quanto mais sabes, menos te corriges,
orgulho humano, enfermo *Doutor Fausto* !
Crês que o *desconhecido* aferrollhaste,
sem ver que o preso és tu—ludibrio do erro.
Vivo luzeiro, a mente se-te-obumbra
Que inconsequencia a tua, ó ser finito !
Que immenso claro-escuro em teu progresso !



CANÇÃO

(DO ORIGINAL DE VICTOR HUGO)

ESTÁ nascendo a aurora, e tu, formosa,
dormes ainda em teu fechado lar?
A' mesma hora em que desperta a rosa,
porque é que te não vejo despertar?

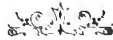
O' meu encanto,
escuta, aqui,
plangente canto
de amor por ti!

Tudo bate da tua habitação
á porta abençoada.—Eu sou o dia ! —
Diz a aurora. A ave diz : Sou a harmonia —
— Eu sou o amor ! — Te diz meu coração.

O' meu encanto,
escuta, aqui,
plangente canto
de amor por ti !

Mulher, eu te amo ; eu te idolatro, ó anjo.
Em ti me completando, o Creador
deu-te a belleza, que no olhar abranjo,
e fez para a tua alma o meu amor.

O' meu encanto,
escuta, aqui,
plangente canto
de amor por ti.



DESESPERO

PORQUE vim eu ao mundo?! Ave do polo,
voei, fugi do glacial deserto,
para alcançar-te, paraizo aberto
á sêde d'alma... Que aprazível solo!

e que fagueira luz! Depois... que incerto
viver! — Ludibrio de infortunios — rólo
n'um turbilhão fatal, de abysmos perto,
e tão longe do abrigo de teu collo!

Não me apavora a ultima jornada,
nem tenho a que aspirar, perdido o ensejo
de possuir-te, ó gloria humanisada.

Que importa ao desespero, em que me vejo,
que o sol se apague e tudo volva ao nada,
se eu morro, sem matar o meu desejo?!

Maio de 1890



CHOPIN

A MEU IRMÃO (*)

QUE imperio tens e que prodigios fazes,
ao penetrar na magua mais occulta !
Que harmonia em caudaes á mente avulta !
Chopin, que banho d'alma então me trazes !

Que musica a vibrar plangentes phrases,
se te condões da patria — escrava inulta ! —
Para o proscripto, que de ouvir-te exulta,
dos mais lóbregos êrmos surge o oasis.

De George Sand o engenho soberano
inda se me afigura — arrebatado
nos magos turbilhões do teu piano !...

Para o mundo ideal me sinto alado,
se illuminas de sons o abysmo humano,
ó sublime poeta do teclado !

(*) Foi quem primeiro me fez ouvir os *Nocturnes* e *polacas*.



VISCONDE DO RIO BRANCO

AO SEU INCESSANTE APOLOGISTA, DR. JOSÉ AVELINO

EMBORA o tempo apague ou diminua,
— no apreço universal — feitos ingentes,
de dia em dia, impondo-se a descrentes,
n'alma publica augmenta a gloria tua.

Acima de ambições incontinentes
—revolto mar em que a Nação fluctúa—
brilha illeso o teu nome e nos patentes
incentivos da patria se accentúa.

Rio Branco, ao porvir accesso déste,
depois que á fonte negra te oppuzeste,
que as aguas maculava do baptismo !

Desaggravou-se Christo em tal victoria.
Das palmas — de que encheste horrendo abysmo —
compõe-se o pedestal, que tens na historia.

1 de novembro de 1888



FELICITAÇÃO

AO IMPERADOR, DEPOIS DO ATENTADO DE 15 DE JULHO DE 1889

SALVE, dupla, bemquista majestade
no herdado jus e na exemplar pessoa !
O civismo realça-te a corôa.
Consociaste o Imperio á Liberdade.

A' familia, á nação, á humanidade,
cada vez mais prestante se affeiçoa
tua existencia. Deus te acoroçoa
contra as miras de audaz perversidade.

Quando, lei natural, te alcance a morte
e do teu coração — sempre o primeiro
regulador da patria — as fibras corte,
não morrerás, ó principe luzeiro,
porque o melhor dos thronos, o mais forte,
n'alma occupas do povo brasileiro. (10)



LENDO O *D. QUIÇOTE*

AO OPEROSO ARTHUR AZEVEDO, OBSERVADOR COMPETENTE

QUE sabor e feições de actualidade
contém o livro do immortal Cervantes !
Hoje imperam, mais vivas do que d'antes,
a basofia, a impostura, a necedade.

No cumprir-se o dever que heroicidade !
que anões, ó Deus, reputam-se gigantes !
Da materia uns escravos arrogantes
julgam-se em posse da eternal verdade !

Que obras d'arte — pobrissimas de idéa !
Que indebitos juizes ! Quanta estulta
paixão, qual se inspirou na *Dulcinéa* !

Impõe-se o erro ; o merito se occulta.
No embate de egoismos (que epopéa !)
em cada heróe um *Dom Quichote* avulta.



WASHINGTON

AO INSIGNE ESCRIPTOR E FERVOROSO DEMOCRATA, J. M. LATINO COELHO

POR mais que eu me remonte á antiguidade,
não sei quem possa a tua preeminencia
disputar. No civismo e na prudencia
ninguem te eguala em toda a humanidade !

Que fé, que abnegação e que hombridade
em teus actos, purissima existencia !
Em prol de um povo armou-te a Providencia,
e o remiste, archiheróe da liberdade.

No incremento da Patria a que serviste
de pae, teu nome — em aurea historia impresso —
luzeiro secular, a tudo assiste.

Gloria a Deus que, na terra onde se expande
a America, em mirífico progresso,
deu logar a expandir-se alma tão grande !



VOX POPULI

QUANDO o poder de subita revolta,
impoz o exilio ao principe deposto ;
e, attonito, abysmado em tal desgosto,
partiu Dom Pedro, sem cuidar na volta ;
quando elle — para ingratos — se sumia
qual, barra fóra, o sulco do *Alagôas*,
e o revez — na mais nobre das corôas
ao desthronado rei se convertia ;
emquanto as adhesões chovendo vinham,
e — gregos e troyanos — se entretinham,
a ouvir a voz de Deus na voz do povo ;
dando lição de mestre aos que a tomaram,
disse um plebeu — não sei se velho ou novo — :
« Foi-se o melhor. Todos os maus ficaram. »



COMMEMORAÇÃO

AO FALLECIMENTO DA AUGUSTÍSSIMA EX-IMPERATRIZ DO BRAZIL

D. THEREZA CHRISTINA

MEIGA pomba, princeza tão bemvinda,
ao throno, aos lares a que déste alento,
que edificante foi teu passamento !
Tal perda um sonho me parece ainda.

Quando, oppressa no exilio — ó magua infinda ! —
Deus te soltou do mudo soffrimento,
quanto honraste o Brazil neste lamento :
« Não posso mais te ver, terra tão linda ! »

Quanta eloquencia em taes palavras ! Quanta
bondade a revelar-se na amargura !
Que inoffensiva queixa, alma de santa !

Quando, assim, pela morte, a creatura
sobre as paixões terrenas se alevanta,
— divinisa-se a humana desventura.



IMPRESSÃO DE ENTHUSIASMO

ANTE O PANORAMA ARTISTICO DO RIO DE JANEIRO

QUE feiticeiro és tu, Victor Meirelles !
Teu panorama excede a expectação.
Creio que em ti reencarnou-se Apelles
para esta inestimavel producção.

—Ether, mar, nuvens, morros, casaria,—
tudo aqui reproduz-se exactamente !
Sem recorrer e armar á phantasia,
os sentidos illude o artista ingente.

Que singular conjuncto aqui se encerra !
Que portentoso espelho este painel !
Disputam primazia o ceu e a terra
— na emulação da luz e do pincel.

Os dons da criação na creatura
tal cunho imprimem da exemplar belleza,
que—por magico effeito da pintura—
te equiparas, ó arte, á natureza !



A UM EX-SENADOR

QUÃO demudado está! Que gente ingrata
supprimiu vitalicia pepineira!
Desandou-lhe a fortuna bandoleira
e — pae da patria — a filha o não acata!

Perdeu a tramontana, desde a data
em que a revolução, n'uma altaneira
sentinella, (que audacia!) oppoz barreira,
do Areopago á porta. Inda o relata

e crê sonhar! Não era um Marco Tullio;
mas, prompto ás *rolhas*, em *parêdes* forte,
o senado galgou, no esforço herculeo.

Hoje — nauta sem bussola e sem norte —
vendo em breve extinguir-se-lhe o peculio,
corre ao jogo da Bolsa... Eil-o a dar sorte!

MANDATO D'ALEM-CAMPA

A' MEMORIA DO DR. ABILIO CESAR BORGES

EM dulcissimo sonho achando abrigo
aos mil pezares que esta vida encerra,
ouvi, (que jubilo !) entre o ceu e a terra,
grata voz exclaimar . « Eil-o commigo ! »

Era meu pae, que, em pensamento, sigo,
por onde a desventura mais me aterra.
Era um justo a dizer : « Baldou-se a guerra
ao cultor do porvir, da infancia amigo. »

Abençoou-me o vate... Inda o contemplo,
no ethereo espaço a requintar em brilho,
no culto da amisade a dar-me o exemplo !

N'alma inda elle me fala : « Vae, meu filho,
por mim o honroso mestre honrar no templo,
e abraça o herdeiro que lhe segue o trilho. » (*)

(*) O Dr. Joaquim Abilio Borges, digno continuador dos prestimos paternos.



JOÃO CAETANO

EM bronzea estatua, o tenebroso oceano
—o olvido—arrostarás. Sincero, exulto
na idéa de que aos posteros teu vulto
mostre o que foste: —Um vero soberano. (*)

Que é feito de tua arte ? Ao gosto insano
exposta, hoje—é cadaver insepulto !
Quanto ella em ti perdeu—no ardente culto,
ó grande actor sem mestres, João Caetano !

—Talma sem Bonaparte—no proscenio
brazileiro, expandia-se-te o genio,
em tão escassa esphera circumscripto !...

Avulta, embora o theatro se degrade !
Tu, que lhe déste immensa realidade,
vaes assumindo propoições de um mytho.

(*) Graças ao exemplar esforço do predilecto actor Vasques.



AURI SACRA FAMES

AO BARÃO DE PARANAPIACABA

HONRADO LITTERATO E PREZADO BANQUEIRO

Dinheiro, invicto dinheiro,
só em ti é que eu me fundo.
Tens o direito da força ;
és o tyranno do mundo.

Nicolau Tolentino.

— Enriquecer, enriquecer, n'um dia! —
Nesta idéa febril influe-se um povo...
Verdadeira nevrose, a epidemia

em quantos lavra que ao regimen novo
já rendem graças ! Que antegosto e planos
de opulencia — gallinha inda no ovo !

— Viva a republica ! — Afagados Janos
dizem, visando lucros fabulosos :
e, a jogar, locupletam-se os maganos.

Corre tudo tão bem aos mais medrosos,
tão prompta acode a tantos a fortuna,
que nem dá tempo a queixas de invejosos !

Jogos taes não ha codigo que os puna. (11)
Nivelaram-se as classes na franqueza
da cubiça, que os bons e os maus aduna.

Um peralta qualquer sonha uma empreza,
e, traduzido o sonho na evidencia,
pobre adormece... acorda na riqueza !

Das funcções sociaes a preeminencia
cabe á Bolsa — em seus magicos labores,
mantendo firmes cotações. Que sciencia !

Que *feruet opus* ! Anchos corretores
hoje mais valem, andam mais na voga
do que outr'ora os honrados senadores.

Blusa, fraque, batina, farda e toga,
promiscuamente acercam-se do engodo.
— Fina flor ou gentalha — tudo joga.

Chovem palpites, no incessante e doudo
vozear de mil prégões. Quanto dinheiro
em notas, cheques, circulando a rodo !

Por mais que o cambio baixe ou do Estrangeiro
surjam temores da explorada mina,
ferve o jogo no humano formigueiro.

Parece até que o demo á jogatina
prende os gajos com rigida tarracha,
e na prisão satanica os fascina !

Do mal o genio mil recursos acha,
inventando utilissimos productos
de chifre, couro, papelão, borracha;

traça estradas aereas, viaductos
submarinos ; cidades phantasia
em terras prenhes de metaes e fructos !

Das corridas equestres a folia
declina, ante o pasmoso *encilhamento*,
onde os bipedes dobram de valia.

Nutrem a imprensa annuncios d'espavento.
Deposto o rei Café, lança o rei Agio
indústrias mil, de bancos quasi um cento !

Accorre a turba multa... Que suffragio
unanime á batota mais urgente !
E os burros ganham, confirmando o adagio.

Aos mais tolhidos favorece a enchente.
Quem cahiu da curul arranja um banco,
trepá-se... e adeus, politica exigente.

Até de mim (é bem que o diga franco)
apoderou-se a inevitavel febre,
que ataca o velho e o novo, o pardo e o branco.

Onde isenção tão forte, que não quebre,
ante o poder de aurifera enxurrada,
que entra igual no palacio e no casebre ?!

Que propaga o prazer, qual a acclamada
graça da Saragozi inebriante,
a cantar e a bailar, inebriada ! (12)

Qual o *Chatcau Margaux* ebrifestante,
oh ! quantas almas a ambição movendo,
deslumbra, arrasta, seductora e ovante !

Em quantas vão desejos se accendendo,
ante o rodar de carro sumptuoso
— facil recreio de argentario horrendo !

Que ostentação ! Que audacia ! Que acintosos
luxo — em caprichos que a vaidade excita !
Que perdularios e que esteril goso !

A febre de ganhar — todos agita !
Muitos o alheio jogam, sem estorvos.
Tudo ao louco aspirar se facilita !

Qual a carniça aos esfaimados corvos,
assim real Pactólo se franqueia
a quantos vão beber a longos sorvos.

Ai d'aquelle que azares já receia
e se retrae ! Os atrevidos socios
o tacham de covarde, á bocca cheia.

Ao fervilhar crescente dos negocios,
não ha temer sinistros na engrenagem
tão attractiva a espertos e beocios.

Dos syndicatos cresce a agiotagem !
e o capital abrange — em papelorio —
milhares de milhões ! Agem, reagem,

uns contra os outros, no assombroso emporio,
os titulos de empresas, concebidas
só para lucro do inventor finorio.

Isso que importa ? Energicas medidas
de sabios financeiros tudo aplanam.
E as emissões succedem-se, applaudidas.

De vez em quando, a alacridade empanam
do franco jogo — inesperados choques
de incautos com parceiros, que os enganam.

Trocam-se pontapés !... puxam-se estoques !..
sem que jámais o credito se altere,
por artes de berliques e berloques !

Mas, se alguém já perdeu, não desespere,
nem euide que me inspira o zombeteiro
genio de Juvenal ou de Molière.

« O que era outr'ora o Rio de Janeiro
— dil-o a fama, sem visos de sarcasmo —
chegou a ser o Rio do Dinheiro ! »

Oxalá que não morra o entusiasmo.
Brazil, ante a riqueza em que transbordas,
causando á Europa inexprimivel pasmo.

E praza a Deus que da anarchia as hordas
não te infestem ; nem venham, minha terra,
— vaecas magras, depois das vaecas gordas,
depois de tal fartura, a fome e a guerra.

Dezembro de 1890



ORDEM E PROGRESSO

AO PROMULGAR-SE A NOVA CONSTITUIÇÃO

Sobre nós só a lei e a divindade.

Castilho.

AGORA, sim ; deveres e direitos
firmam-se eguaes. Legalidade plena
todos escude. Não se preste a arena
politica a explosões de odio e despeitos.

Forte em principios sãos e em seus effeitos,
a lei fundamental viva serena.
Ceda a espada o logar á livre penna.
Da paz colha o Brazil reaes proveitos.

Dos finados heróes siga-se a trilha.
Nutrindo industrias o labor floresça,
grato ao sclo que os sabios maravilha.

Prosperem a sciencia ; o gosto d'arte cresça ;
e, enquanto, á luz do ceu propicio, brilha
terra tão grande, o homem se engrandeça.

24 de Fevereiro de 1891

A LAGRIMA

A ***

All I ask, all I wish, is a tear.

Byron.

Eu sou a nivea opala
que o sol já derreteu.
Venho servir de fala
á dôr que emmudeceu.

Theophilo Braga.

DAS fontes d'alma reconditas
alcançam teus olhos agua,
em que se banham tão avidos,
se os influe prazer ou magua,

Em rosca tez o almo liquido
cae como o rócio na flôr,
ou seja nuncio de jubilos,
ou nasça de accrba dôr.

Quando rola em fios limpidos
nas faces de meiga amante,
val mais, a imitar aljofares,
que o mais custoso brilhante.

De mil venenos antidoto,
das almas divino humor,
o que todos chamam — lagrima —
eu chamo — seiva de amor. —

Seiva ou rócio, lenta ou célere,
chorada por ti, mimosa,
que refrigerio é a lagrima
para minh'alma sequiosa !

Já que és tão rosa nas palpebras
e me suppões beija-flor,
dá que em teus olhos meus osculos
libem sagrado licor.

Deixa que eu sorva uma lagrima,
contra o ciume, este abutre
que, tão sedento e famelico,
em tantos peitos se nutre !

Que poder salva as Desdemonas,
se, de Othelos no furor,
desfaz affrontosas duvidas
vera lagrima de amor !

No alto mar — de nautas sôfregos
dos afagos que os recebem —
quanto ardor em cada lagrima
furtiva, que as ondas bebem !

Que arma invencivel, magnetica
de sublime lutador,
se cala insultos de cynicos
— n'uma lagrima — o pudor !

Se o suspiro é franco interprete
da paixão que se tortura,
de agra pena indicio tacito
brilha na lagrima pura.

Graças a ti, novo Lazaro
fui, depois de muita dôr !
— por tua amorosa lagrima —
resuscitei para o amor !

Quando homem de rija tempera
em duro transe, alfm, chora,
abre-se á vida uma valvula...
a amargura se evapora...

Que immenso allivio ! Dissipa-se
na mente do soffredor
a procella ! oh Deus ! na lagrima
bemdigo a chuva melhor !

Vidas que, extinctas no tumulo,
perduram cheias na historia,
resume-as, grata, uma lagrima,
— tributo á sacra memoria.

Mais do que louros e marmores,
que ostenta a vaidosa dôr,
honra e attesta mortos inclytos
terna lagrima de amor.

Se, ante a desgraça do proximo,
chora o genio, chora o forte ;
se Byron chorou por Sheridan,
rendendo-lhe um preito á morte ;

respeitae, christãos, a lagrima
do vencido ou vencedor !
A lagrima é santo balsamo,
distillado pela dôr.

Ai de uns olhos séccos, languídos,
só de lagrimas á mingua !
Quasi sempre a ingenua lagrima
póde mais que a sabia lingua.

Se, a brotar em pleno tropico,
de orvalho carece a flor,
tambem carece da lagrima
alma entregue a intenso amor.

Recurso de egregios animos
contra o pezar que os invade,
gloria ao silencio da lagrima
nos anhelos da saudade !

E seja filha de jubilos,
ou nasça de accrba dôr,
na lagrima adoro a perola
que mais assenta no amor.

Mas, linda, afcias a lagrima,
quando, em mal contida magua,
entrevejo accessa a colera
nos teus olhos rasos de agua.

Não chores de raiva, ó idolo,
que assim toldas teu fulgor.
De prazer banhada em lagrimas,
imita a rórida flor.

E quando eu, cansada victima
das lutas em que arde o homem,
repousar no encerro funebre,
onde os revezes se somem ;

vae, aviventa a necropole
com teu piedoso fervor ;
e do amante bardo ao tumulo
desça a lagrima do amor.



TESTAMENTO

A FUGIR da velhice ao jugo, mais me apego
á idéa de que, em breve, a morte a horror tão lento
me arrancará. Portanto, avio o testamento:
Deixo meu corpo á terra. A Deus minha alma entrego.

Aos grandes deste mundo o exiguo espaço lego,
que occupo, e d'onde agora os não avisto. Ao vento
deixo quanto escrevi, sem arte e pensamento,
para satisfazer o orgulho — pobre ego.

Aos devedores maus deixo o perdão de offensas.
Do que devo á mulher (que dividas immensas!)
deixo em paga illusões, a que hei vivido preso.

Não tenho o que legar á patria minha amada!
Deixo aos vates novcis o exemplo do meu nada.
Aos detractores deixo implicito desprezo.



NOTAS



(1) *Conversar n'uma linguagem mais rapida que o som*..... Pag. 24

Por occasião de pronunciar a rainha Victoria uma fala do throno, diz um celebre observador, graças aos cinco fios do telegrapho entre Pariz e Londres, tinha eu a ulti na palavra, 10 minutos depois do haver recebido a primeira e 5 minutos depois de terminar o discurso, pois que começaram a telegraphar enquanto a rainha falava. Isto posto, recobi as palavras reaes — antes de ter podido ouvil-as,— se os meus ouvidos tivessom sido capazes de perceber-as do tão longe!

Attendendo a quo o som caminha com a velocidade média de 333 metros por segundo, e examinando a differença de longitude e latitude de Londres e de Pariz, se construirmos um triangulo espherico tendo por vortices essas duas cidades — polo, acharemos que, em linha recta, é de 420 kilometros a distancia de Pariz a Londres. A' razão de 333 metros por segundo, o som empregará cerca de 21 minutos para atravessar essa distancia.

(2) — *Um contra cem — o campeão maior* Pag. 71

Alludo á opposição brilhantissima, singular, incessante (unico exemplo nos fastos do parlamento brazileiro), sustentada, quotidianamente em 1849, por Souza Franco, então representante do Pará e a pugnar, em nome das idéas liberaes, contra toda a camara dos deputados.

(3) *A morte de Christo*..... Pag. 132

Este soneto, que data do seculo XVII, acha-se na collecção Staaff, para a qual foi transcripto do portico de um cemiterio em Cherburgo.

(4) *Contrição*..... Pag. 133

Este famoso soneto, cuja autoria é reivindicada por Voltaire (que aliás o julga mediocre) para o abade Lavau, foi traduzido a instancias do Imperador.

(5) *Os cortesãos*..... Pag. 146

Salvem-se as honrosas excepções. Comquanto esta satyra, escripta ha perto de 15 annos, tenha perdido no Brazil o sabor de actualidade, todavia, ainda poderá calhar em alguns conselheiros do novo regímen.

(6) *Apartei a estranha terra*..... Pag. 184

A cidade de Corrientes, onde havia para mais de 9.000 feridos e enfermos da campanha.

Tão avultado numero de doentes obrigou o governo imperial a recorrer, em 1863, ao patriotismo de medicos e estudantes, que de muito serviram, honrando á patria e á sciencia.

(7) *Camões e a mocidade*..... Pag. 227

Soneto inspirado pelo enthusiasmo e luzimento da juventude academica, em cujos braços foi carregado em charola, até á Bibliotheca Nacional, o busto do poeta, obra do esculptor Almeida Reis.

(8) *A voz da posteridade*..... Pag. 233

Estes versos foram recitados ante a effigie do memoravel estadista, exhibida em scena de brilhantissima apothese, no theatro Recreio Dramatico, por occasião de commemorar a Confederação Abolicionista o 14º anniversario da lei de 28 de setembro de 1871.

(9) *Gratias agamus*..... .. Pag. 259

Esta poesia está inclusa na *Polyanthea Historica do Segundo Reinado*, offerecida e entregue ao Imperador no dia 7 de setembro de 1883. Para esse album precioso demonstração de reconhecimento e apreço, tão significativa quão louvada por quasi todos os brazileiros, delirantes de jubilo, á chegada festejadissima do principe, contribuíram, além de muitas pessoas das mais gradas do Imperio, os seguintes representantes da litteratura e da imprensa : as Sras. Baroneza de Mamanguape e D. Corina Coaracy ; os senadores Vieira da Silva, Leão Velloso, Taunay, Pereira da Silva ; os deputados Joaquim Nabuco e Affonso Celso Junior ; os Barões de

Loreto, de Paranapiacaba, de Ramiz e de S. Felix; os conselheiros Visconde de Beaurepaire Rohan, Olegario de Castro, Ladislau Notto e Souza Ferreira; os Drs. Ferreira de Araujo, Paranhos Pederneiras, Carlos de Laet, Velho da Silva, Alambary Luz, Cardoso de Menezes, Teixeira do Mello, José Avelino, Valentim Magalhães, Castro Lopes, França Junior, Cesar Marques, Symphronio Coelho, Moreira de Azevedo, André Rebouças, Pires de Almeida o Salvador de Mendoça; e os Srs. Machado de Assis, José do Patrocinio, Arthur Azevedo e Felix Ferroira.

(10) *Felicitação ao Imperador* Pag. 275

Quando escrevi este soneto, estava bem longe de imaginar que assistiria, dentro de quatro mezes, á mais pasmosa antithese, isto é, a noite de 18 de julho de 1889, quando o Sr. D. Pedro II em alvo de publico regozijo, por haver oscapado ao tiro de um ebrio; e o dia 18 de novembro do mesmo anno, quando o ex-imperador sahia barra fóra, obedecendo á intimação que, em nome do povo, o expellira do territorio patrio.

Só a justiça da historia poderá cabalmente responder qual das duas manifestações foi meos verdadeira.

(11) *Jogos taes não ha codigo que os puna* Pag. 285

Ainda que fosse prohibida tão iafreas jogatina, ás claras, com todo o cortejo de trapaças, cordas roidas e acarretndo iacalculaveis prejuizos, mal chegn o tempo á policia, tão ntarefada a reprimir, em nome da lei, uns reles devotos do visporn, aos cubiculos de tavolagem.

(12) *a cantar e a bailar, inebriada!* Pag. 287

Na verdade, é inexcédível, estupenda a interpretação dada ao *Chateau Margaux* pela caatora hesppnhola que, a produzir effeitos de uma pilha electrica, arrebatá os espectadores, sobrelevando — nas ondulações do corpo e aos requebros da voz — ao poder da insigne Judic, tão memoravel a quantos lhe ouviram as deliciosas caaçonetás, primorosamente sublinhadas.



ERRATA



Pag. 69. *Da lyra em que mal tanjo*, lêa-se — *da lyra que mal tanjo*.

Pag. 85. *Alegra-te, immortal*, lêa-se — *Alegra-te, mortal*.

Pag. 120. *Ai! de teus paes*, lêa-se — *Ai de teus paes*,

Pag. 133. *Contricção*, lêa-se — *Contrição*.

Pag. 183. *Replecto de imagens*, lêa-se — *repleto de imagens*.

Pag. 184. *Orchestras ouvi*, lêa-se — *orchestra ouvi*.



INDICE



PRIMEIRA PARTE

	Pags.
Deus.	3
Synthese	5
Ave, Maria.	6
O amor.	12
A' minha musa	13
O pensamento	19
Avante !	21
Confronto.	28
A escola	29
A floresta.	36
Estupefacção.	37
Luz e trabalho	41
Amor platónico	42
Vozes da noite	43
A um millionario	52
Ecos de Jerusalem.	53
Ao luar	57
Quasi	58
Restituição.	62

A graça	69
Visconde de Souza Franco .	70
Fascinação	73
O arcebispo D. Romualdo.	75
Luta selvatica.	76
Molestia incuravel	77
Miragem	83
Gloria posthuma.	85
Tua voz	89
Lamentos de um orphão.	90
A Gemma Cuniberti	95
Incerteza.	96
Ao Duque de Caxias.	101
Tributo a quatro vozes	110
Sinhasinha .	114
Adelaide Tessero	121
Homenagem ao Brazil.	122
Teus cabellos	125
<i>Forget me not.</i>	129
A morte de Christo .	132
Contrição	133
Ao Christianismo	134
O baile	135
Saudade	140
Resposta ao pé da lettra.	141
Thiers.	145
Os cortezãos	146
A Carlos Gomes.	154
Venus christã	155
A' nova legião.	162
Condolencia	165
A' Helena Sanz.	169

Tristeza.	170
A' eximia actriz Lucinda	171
A um pé.	172
A Henrique de Mesquita.	176
A mãe dos brasileiros.	177
Despedida.	194

SEGUNDA PARTE

Castro Alves.	197
Reconciliação.	201
A palmeira	203
A Victor Hugo	204
Ao Ceará.	211
Queixas de Tântalo.	212
Josó de Alencar.	214
Preito a Camões .	215
Camões entre dous mundos.	216
A imprensa a Camões.	223
A sorte de Camões.	225
A rosa de Camões	226
Camões e a mocidade	227
Camões e Nathercia	228
Serenata	229
O primeiro amor	231
A voz da posteridade.	233
Nome indelevel.	237
Primeiro beijo de amor	238
Ao passamento de V Hugo	241
<i>Ave, libertas !</i>	243
O descrido.	248

13 de Maio de 1888.	254
José Bonifacio.	258
<i>Gratias agamus</i>	259
Entre o mar e o céu.	264
Claro-escuro	266
Canção.	270
Desespero.	272
Chopin.	273
Visconde do Rio Branco	274
Felicitação ao imperador	275
Lendo o <i>D. Quichote</i>	276
Washington	277
<i>Vox populi</i>	278
Commemoração	279
Impressão de entusiasmo.	280
A um ex-senador	281
Mandato de além-campa	282
João Caetano.	283
<i>Auri sacra fames</i>	284
Ordem e progresso	290
A lagrima	291
Testamento	297



Biblioteca del Real Cole
gio de Alfonso XI.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).